



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL de LONDRINA

---

NATALIA PIRES OLIVEIRA

**MOVIMENTO ESTUDANTIL LIBERAL:  
DE JUNHO DE 2013 AO IMPEACHMENT DE DILMA  
ROUSSEFF**

---

Londrina  
2020

NATALIA PIRES OLIVEIRA

**MOVIMENTO ESTUDANTIL LIBERAL:  
DE JUNHO DE 2013 AO IMPEACHMENT DE DILMA  
ROUSSEFF**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Eliel Ribeiro Machado

Londrina  
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Oliveira, Natalia Pires.

Movimento Estudantil Liberal : de Junho de 2013 ao impeachment de Dilma Rousseff / Natalia Pires Oliveira. - Londrina, 2020.  
122 f. : il.

Orientador: Eliel Ribeiro Machado.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Movimento estudantil liberal - Tese. 2. Manifestações de junho de 2013 - Tese. 3. Governo Dilma Rousseff - Tese. I. Ribeiro Machado, Eliel . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

CDU 3

NATALIA PIRES OLIVEIRA

**MOVIMENTO ESTUDANTIL LIBERAL:  
DE JUNHO DE 2013 AO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Eliel Ribeiro Machado  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dra. Mariana de Oliveira Lopes  
Faculdades Integradas Norte do Paraná –  
Unopar

---

Prof. Dr. Antônio Ozai da Silva  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Londrina, 05 de junho de 2020.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente e especialmente, ao Eiel, meu orientador;

Aos professores Antonio Ozaí da Silva e Mariana de Oliveira Lopes pelas sugestões dadas durante a banca de qualificação de mestrado, as quais permitiram a continuidade deste trabalho;

Aos meus pais, pelo suporte e apoio durante o mestrado;

Aos meus amigos, apesar da longa distância que me separa de Santa Maria, Porto Alegre, Londrina e Rio de Janeiro. Saibam que estiveram sempre aqui.

A meus companheiros de (crises de) mestrado, Camila Wolpato, Gabriela Roteie e Daniel Attianesi.

A Thainá Falci, pelo companheirismo durante o curso e por ter feito a entrega da versão final desta dissertação, pois eu estava longe da cidade de Londrina.

Aos companheiros do GEPAL, pelas discussões das sextas-feiras (elas nunca mais serão as mesmas);

Finalmente, agradeço ao movimento estudantil;

E um muito obrigada a todos vocês, por fazerem parte da minha vida.

“Tudo é político, inclusive seu silêncio  
conivente e fantasiado de neutralidade!”  
Antonio Gramsci

OLIVEIRA, Natalia Pires. **Movimento estudantil Liberal:** de Junho de 2013 ao impeachment de Dilma Rousseff. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

## RESUMO

Neste trabalho, procuramos entender a articulação política dos estudantes liberais em quatro universidades federais no Brasil (FURG, UFRGS, UFSM e UNB) no período entre 2013 e 2016. Para isso, identificamos os grupos liberais que atuaram em Junho de 2013 e suas posteriores ligações com os grupos liberais das respectivas universidades. Procuramos entender a atuação liberal dentro do movimento estudantil, a sua capacidade de mobilização por meio de um discurso político, o seu método de organização, além de buscarmos compreender quais eram suas perspectivas para a universidade e para o próprio movimento estudantil. A partir da identificação de alguns elementos discursivos empregados pelos estudantes liberais, conseguimos analisar sua atuação e formação para a aceitabilidade e legitimidade dos seus discursos dentro das universidades. Dessa forma, buscamos analisar as formações ideológicas e políticas desses estudantes

**Palavras-chave:** Movimento estudantil liberal. Manifestações de junho de 2013. Governo Dilma Rousseff.

OLIVEIRA, Natalia Pires. **Liberal Students Movement: June 2013 to Dilma Rousseff's impeachment.** 2019. 120 p. Dissertation (Master in Social Sciences) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

### **ABSTRACT**

In this work we sought to understand the political articulation of liberal students in four federal universities in Brazil (FURG, UFRGS, UFSM and UNB) in the period 2013-2016. To this purpose, we identify the liberal groups that acted in June 2013 and their subsequent connection with the liberal groups in the respective universities. We sought to understand the liberal action within the Student Movement; its capacity for mobilization through political discourse; its a method of organization; and to understand what its perspectives were for the university and for the student movement itself. Based on the identification of some discursive elements employed by liberal students, we were able to analyze their performance and training for the legitimacy of their discourses within universities. Thus, we seek to analyze the ideological and political formations of these students

**Keywords:** Liberal Student Movements. June 2013 protests. Government of Dilma Rousseff.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Manifestação em São Paulo – SP.....	35
<b>Figura 2</b>	Manifestantes ocupando a marquise do Congresso Nacional .....	44
<b>Figura 3</b>	Manifestantes diante de uma barreira policial em Porto Alegre .....	47
<b>Figura 4</b>	Cartaz em referência ao incêndio da Boate Kiss .....	51
<b>Figura 5</b>	O Gigante Acordou.....	56
<b>Figura 6</b>	Manifestante em Junho de 2013 .....	58
<b>Figura 7</b>	Integrantes do Black Block destruindo uma agência do Banco Itaú durante as manifestações de Junho de 2013.....	60
<b>Figura 8</b>	Pedido de Intervenção Militar .....	72
<b>Figura 9</b>	Dilma Fica .....	72
<b>Figura 10</b>	Vista aérea da concentração no Parcão .....	78
<b>Figura 11</b>	Divisão dos manifestantes em Brasília.....	83
<b>Figura 12</b>	Movimento “Ocupar para não Ocupar .....	116

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Resultado do segundo turno das eleições de 2014, por estado.....66

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Juventudes dos partidos políticos .....	92
<b>Tabela 2</b>	Região Centro-Oeste .....	94
<b>Tabela 3</b>	Região Nordeste .....	95
<b>Tabela 4</b>	Região Norte .....	97
<b>Tabela 5</b>	Região Sudeste.....	97
<b>Tabela 6</b>	Região Sul.....	98

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEL	Assembleia Nacional do Estudante Livre
ATU	Associação dos Transportadores Urbanos de Santa Maria
DCE	Diretório Central de Estudantes
COMTU	Conselho Municipal de Transportes Urbanos
CTB	Central de Trabalhadores do Brasil
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DATC	Departamento Autárquico dos Transportes Coletivos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPL	Estudantes pela Liberdade
FIES	Financiamento Estudantil
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IMB	Instituto Mises Brasil
LPJ	Levante Popular da Juventude
JPT	Juventude do Partido dos Trabalhadores
MBL	Movimento Brasil Livre
ME	Movimento Estudantil
MEL	Movimento Estudantil Liberdade
MPL	Movimento Passe Livre
MS	Movimento Social
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PCR	Partido Comunista Revolucionário
PDE	Programa de Desenvolvimento de Educação
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PIB	Produto Interno Bruto
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PRTB	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro

PSDB	Partido da Social Democracia Brasileiro
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
REUNI	Reestruturação e Expansão Das Universidades Federais
SIM	Sistema Integrado Municipal
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SFL	Students For Liberty
UFC	Universidade Federal Do Ceará
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCAT	Universidade Federal do Catalão
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFCSPA	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFJ	Universidade Federal de Jataí
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFPA	Universidade Federal do Pará

UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFR	Universidade Federal de Rondonópolis
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFT	Universidade Federal de Tocantins
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFOB	Universidade Federal do Oeste da Bahia
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UNB	Universidade Nacional de Brasília
UJR	União da Juventude e Rebelião
UJS	União da Juventude Socialista
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UNIFEI	Universidade Federal de Itajubá
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
VPR	Vem pra Rua

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>2</b>	<b>AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013</b> .....	25
2.1	“NÃO É SÓ POR 20 CENTAVOS” – O CONTEXTO POLÍTICO NACIONAL E A DISSEMINAÇÃO DO MOVIMENTO .....	26
2.2	“TOMARAM O CONGRESSO NACIONAL”: OS ATOS EM BRASÍLIA-DF .....	36
2.3	AS MANIFESTAÇÕES NO SUL DO PAÍS: OS CASOS DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE E SANTA MARIA, NO RIO GRANDE DO SUL .....	39
2.3.1	“Pode Chover, Pode Molhar, Mais Um Aumento Eu Não Vou Pagar”: O Junho De Porto Alegre .....	39
2.3.2	O Ato Único Na Cidade De Rio Grande .....	42
2.3.3	Santa Maria Vai Às Ruas Pela Diminuição Da Passagem Do Transporte E Pelos Direitos De 242 Pessoas .....	43
2.4	QUEM FOI O MANIFESTANTE DE JUNHO DE 2013? .....	47
<b>3</b>	<b>A DIREITA VOLTA ÀS RUAS</b> .....	51
3.1	DEPOIS DE JUNHO: A DIREITA OCUPA O CENÁRIO DAS MANIFESTAÇÕES .....	51
3.2	AS MANIFESTAÇÕES EM 2014: DA COPA ÀS ELEIÇÕES .....	58
3.2.1	Os Protestos Pró-Impeachment Na Capital Do Brasil E No Rio Grande Do Sul .....	61
3.2.2	O Distrito Federal Sai Às Ruas .....	62
3.2.3	Manifestações Em Porto Alegre .....	67
3.2.4	O Interior Nas Ruas: Santa Maria E Rio Grande .....	72
3.3	O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF .....	73
3.4	AS MANIFESTAÇÕES PRÓ-IMPEACHMENT DE 2016 .....	74
3.5	OS MOTIVOS PARA O GOLPE .....	79
<b>4</b>	<b>O MOVIMENTO ESTUDANTIL LIBERAL DENTRO DO DCE</b> .....	83
4.1	LEVANTAMENTO DOS DIRETÓRIOS CENTRAIS DE ESTUDANTES (2013 – 2016) .....	84
4.1.1	A Participação De Coletivos De Partidos Políticos No Movimento Estudantil .....	84

4.2	Os ESTUDANTES LIBERAIS.....	93
4.2.1	Students For Liberty E Os Estudantes Pela Liberdade.....	95
4.3	Os DIRETÓRIOS CENTRAIS DE ESTUDANTES LIBERAIS.....	97
4.3.1	A Aliança Pela Liberdade: A Primeira Gestão Não-Esquerdista No DCE Da UNB.....	103
4.3.2	A Oposição Ganhou A UFRGS: O DCE Agora É Representado Pelo Movimento Estudantil Liberdade! .....	105
4.3.3	Libertas: O Grupo Farroupilha Toma O DCE Da UFSM.....	107
4.3.4	Estudantes De Verdade: Os Apartidários Na FURG .....	110
4.3.5	Os Liberais E A Esquerda Frente Aos Dces.....	111
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>113</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>117</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Entre tantas outras entidades representativas que existem, o movimento estudantil é uma entidade que representa uma parcela da população brasileira que está na luta política ocupando um importante espaço na história política do Brasil, o dos estudantes, principalmente durante a resistência ao golpe de 1964 e à consequente ditadura militar. O movimento estudantil também esteve presente nas manifestações dos caras-pintadas<sup>1</sup> e, mais recentemente, no que foi chamado de Manifestações de Junho de 2013, as quais culminaram em um processo de impeachment ex-presidenta da república Dilma Rousseff<sup>2</sup>.

Não podemos discorrer sobre o movimento estudantil no Brasil sem trazeremos o papel da entidade nacional dos estudantes, a UNE<sup>3</sup>, pois foi com ela que o movimento estudantil se tornou politicamente organizado. Desde a sua fundação, a UNE sofreu ataques do governo por meio das diversas mudanças políticas e econômicas que se passaram no país, razão pela qual precisou se reorganizar e se reinventar.

No período aqui tratado, transcorrido n governo de Dilma Rousseff, houve conquistas históricas, alcançadas pelo movimento estudantil até as Manifestações de Junho de 2013 e que acabaram trazendo grandes consequências políticas para o país.

Na contramão do que defendem alguns autores do movimento estudantil, como Poerner (2004, p. 40)<sup>4</sup>, que diz que “o estudante brasileiro é um opositor nato”, veremos, ao longo deste trabalho, que a direita vem ganhando espaço dentro da vida política brasileira e dentro do movimento estudantil. Essa direita se autoproclama a verdadeira representante do estudante, afirma que não tem ligações partidárias nem bandeiras políticas e que se importa apenas com o aluno e com as aulas da universidade.

---

<sup>1</sup> Os caras-pintadas foram uma série de manifestações convocadas pelo movimento estudantil em 1992, as quais pediam o impeachment do então presidente da república Fernando Collor de Mello

<sup>2</sup> Dilma foi eleita em 2011 e reeleita em 2014. Na metade do seu segundo mandato, foi aberto um processo de impeachment por denúncia de crime de responsabilidade. No dia 31 de agosto de 2016, o seu mandato foi cassado.

<sup>3</sup> UNE é o órgão estudantil que representa todos os estudantes brasileiros, sejam eles ligados a partidos, a coletivos ou a diretórios. Ela foi criada em 22 de dezembro de 1938, na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> POERNER, Arthur José. **O poder jovem**: história da participação política dos estudantes desde o Brasil-Colônia até o Governo Lula. Rio de Janeiro: Booklink, 2004. p. 342.

Entendemos que o movimento estudantil liberal é, na atualidade, um fenômeno político que se desenvolveu rapidamente nas universidades brasileiras. Nos últimos anos, esse fenômeno tem assustado teóricos e militantes em virtude de seu rápido crescimento. Diante desse contexto, este trabalho tenta contribuir para a compreensão desse fenômeno.

Os militantes que estão nos movimentos sociais analisam e explicam a existência de estruturas sociais segundo os seus ideais ou sua ideologia, a partir do que percebem a sociedade como um todo. Os grupos políticos estudantis que estão dentro das universidades públicas contêm, em si, claras marcas de intervenções externas, sejam de coletivos ou de partidos políticos. Mesmo sendo um movimento de base institucional, as ideias do movimento estudantil ultrapassam os limites dos muros das universidades e têm reflexos na sociedade que existe ao seu redor. Segundo Rodrigues (2013, p. 24)<sup>5</sup>,

...o movimento estudantil assim pode ser considerado uma expressão que congrega um conjunto de atividades promovidas pela iniciativa estudantil, voltadas à consolidação tanto das entidades institucionalizadas, quanto na busca de uma perspectiva transformadora da sociedade e de independência do pensamento e da ação, levando-se em consideração as diferentes condições objetivas de cada contexto.

Além da ligação política que o estudante começa a ter – principalmente durante seu curso dentro das universidades –, vemos que sua origem, ou seja, sua classe social, também influencia suas ações, como analisa Lucas Paula (2016, p 45)<sup>6</sup>:

O movimento estudantil, conforme análise, é composto majoritariamente de jovens de classe média. Estes dois elementos – a juventude e sua origem social – podem contribuir no sentido de explicar os motivos de debilidade no mesmo, uma vez que será um movimento episódico, circunstancial e conjuntural, como as próprias reivindicações das classes médias, sem, contudo, se transformar em um movimento político da classe média. Explicando melhor: é um movimento em que seus participantes têm a sua origem nas classes médias, mas cujas reivindicações transcendem em amplitude o universo político das classes médias, uma vez que essas classes não têm por si um projeto político definido, de tal forma que o movimento estudantil tende a estruturar-se como um

---

<sup>5</sup> RODRIGUES, Priscila Alves. **A crise de representatividade do movimento estudantil**. 2013. 54 f. Monografia (Especialização em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

<sup>6</sup> PAULA, Lucas Silva de. **Movimento Estudantil brasileiro contemporâneo: o resgate do legado histórico, os novos desafios e estratégias**. 2016. 12 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

movimento contestatório, e, em alguns momentos, dando uma viragem em direção à mudança estrutural da universidade, que é vista como arcaica. Porém, tal mudança tem que ser antecedida de outra maior: a transformação da sociedade brasileira.

Já Décio Saes (1987) define a situação da classe do estudante pela sua inserção no meio de produção ou pela relação da sua dependência para com a família. De acordo com o autor,

...o movimento estudantil não equivaleria integralmente ao movimento da classe ou fração que ele representa, tal como esse movimento se concretiza fora da escola/universidade, na medida em que ele assume uma forma específica, em função da: a) especificidade do funcionamento do aparelho escolar/universitário; b) especificidade das condições de ação reivindicativa ou política da categoria estudantil. Assim, as lutas especificamente estudantis nem por isso deixam de ser lutas de uma classe, ou fração de classe. Conseqüentemente, não se pode analisar o movimento estudantil no Brasil atual, na França de 1968 ou nos EUA de 1964 a partir de um modelo geral da luta estudantil nas formações sociais capitalistas (SAES, 1987, p.190)<sup>7</sup>.

O movimento estudantil, assim como os demais movimentos sociais, é policlassista. Andréia Galvão (2018) esclarece-nos a respeito:

É que os movimentos não são necessariamente uniclassistas, mas pluriclassistas (ou policlassistas), já que estamos considerando classes em sentido amplo, incluindo classes médias e camponeses no âmbito das lutas dos trabalhadores. Como as classes não são homogêneas, os movimentos também não o são, nem do ponto de vista de sua composição, nem de suas demandas (GALVÃO, 2018, p. 113)<sup>8</sup>.

Sobre esse policlassismo dos estudantes, apesar de Marialice Foracchi (1977)<sup>9</sup> defender que a grande maioria desses estudantes venha da classe média, a composição do movimento estudantil pode ter diferentes classes sociais atuando juntas, causando certa dificuldade nas suas ações ou na identidade coletiva social. Isso leva vários estudantes das classes dominantes a esconderem as suas origens e estudantes da classe média a abrirem mão dos seus privilégios. O ME tem uma base social que é determinada pelo tipo de problema que a sociedade tem.

É difícil, no Brasil, que consigamos definir a composição de classe dos estudantes das universidades e, por consequência disso, do movimento estudantil.

<sup>7</sup> SAES, Décio. Raízes sociais e o caráter do movimento estudantil. **Cara a Cara**, Petrópolis, ano 1, n. 2, p. 189-196, 1978.

<sup>8</sup> GALVÃO, Andréia. Marxismo e movimentos sociais. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 32, p.107-126, mar. 2018.

<sup>9</sup> FORACCHI, Marialice. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977

Não temos dados precisos sobre a relação do estudante com a propriedade privada ou de sua relação com os meios de produção, mas temos informações sobre sua renda familiar, pois muitas universidades solicitam esses dados e se utilizam deles para o processo de matrícula do estudante e para a concessão de bolsas, sejam elas de pesquisa, de ensino ou de extensão.

Nas universidades, não temos uma luta entre patrão e empregado – mesmo que tenhamos, em alguns casos, estudantes recebendo bolsas conhecidas como “bolsas trabalho”, passível de ser inserida nessa relação. O que temos dentro das universidades é uma disputa de ideologias e de produção e reprodução de conhecimento, o que faz que, na universidade, a luta de classes se dê pelo controle do conhecimento. A partir disso, concluímos que essa disputa, mesmo que não seja diretamente ligada a ela, também faz parte da luta de classes no plano das ideias.

Apesar de concordarmos com a concepção de classe dos militantes do movimento estudantil apresentada por Saes (1987), destacamos que, de acordo com a quinta pesquisa da ANDIFES<sup>10</sup> sobre o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação de 2018, atualmente 70,2% dos estudantes são de baixa renda, cuja renda familiar mensal é de até 1,5 salário mínimo<sup>11</sup>, ou seja, são considerados oriundos das classes populares.

Queremos destacar que, há pouco tempo, as universidades eram ocupadas principalmente por filhos da classe média ou filhos da burguesia, pois eles tinham condições de manter os estudos sem necessidade de ajuda de custo, seja da universidade ou do governo. No entanto, como vimos anteriormente, o perfil socioeconômico dos estudantes tem mudado graças a programas sociais do governo para que pessoas com menos condições financeiras consigam estudar e ter um diploma universitário. Essa entrada de pessoas oriundas das classes populares nas universidades acabou por incomodar as pessoas que consideravam a universidade um espaço exclusivo da sua própria classe, principalmente das classes médias altas e da própria burguesia.

Vemos um exemplo das classes populares dentro da universidade na luta pela Casa do Estudante ou por melhorias dentro dela. Essa não é uma realidade

---

<sup>10</sup> ANDIFES. 2018. V Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais e ensino superior brasileiras. **Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE)**. Uberlândia, 2018.

<sup>11</sup> Neste período, o salário mínimo era o equivalente a R\$937,00.

que faz parte da vivência da classe média, pois os estudantes oriundos das classes populares, muitas vezes, não têm uma família estruturada que o sustente para conseguirem se manter estudando nas universidades. Os sujeitos pertencentes às classes populares se veem, na maioria das vezes, obrigados a trabalhar para poderem estudar, o que dificulta seu engajamento nas lutas universitárias do movimento estudantil. O movimento estudantil existe para ocupar lacunas que a educação formal não chega a discutir, principalmente quando falamos de política. Groppo (2006)<sup>12</sup> traz a sua preocupação em relação ao movimento liberal que está ocupando espaço dentro da universidade, “um espaço privilegiado de construção do conhecimento”.

Reis (2007) apresenta algumas consequências do liberalismo que adentrou as universidades:

O impacto das políticas neoliberais sobre a universidade resulta em perda da autonomia em relação ao estado que, por sua vez, impõe uma maior flexibilização da universidade. Essa flexibilização constituiria imposição para a adequação da universidade à desregulamentação do trabalho, às mudanças curriculares e de estruturas voltadas a uma suposta qualidade que atenderia apenas às necessidades de maior produtividade em menor tempo e com redução de custos, a serviço do capital (REIS, 2007, p. 17)<sup>13</sup>

A expansão do liberalismo e da direita, especialmente no Brasil, tem modificado a visão dos estudantes sobre a conjuntura político-nacional. Com o alastramento de ideias e das teorias liberais, pode-se observar, ao longo do desenvolvimento do movimento estudantil, a adesão a uma nova política e a incorporação de novos hábitos nos discursos, principalmente o discurso apartidário, como vemos no guia do aluno da UFRGS, feito pelo movimento estudantil liberal:

Defendemos que não se deve misturar política acadêmica e estudantil com política partidária, sob pena de deslegitimar e de comprometer as demandas legítimas e importantes dos estudantes. Mas acreditamos, sim, que é na Universidade, e não nas ruas, que devem ser formados líderes bem qualificados, futuros profissionais e políticos que a nossa sociedade tanto precisa. [...] Nossa intenção é bem clara, queremos criar gerações de pessoas politizadas, que ascendam na política pelo conhecimento técnico, que possam mudar a face da política brasileira.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> GROPPPO, Luís Antônio. **Autogestão, universidade e movimento estudantil**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 131.

<sup>13</sup> REIS, Alessandra Martins dos. **O sentido do movimento estudantil contemporâneo pela voz dos estudantes de saúde**. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

<sup>14</sup> DCE Livre. **Guia do Aluno**. Porto Alegre, 2016. Disponível em:

<http://liberdadeufrgs.blogspot.com/p/guia-do-aluno.html> Acesso em 29 março de 2019.

Diante desse contexto brevemente apresentado, o presente trabalho tem como objetivo principal compreender a articulação política dos estudantes liberais entre os anos de 2013 e 2016, desde as Manifestações de Junho de 2013 até o processo de Impeachment de Dilma Rousseff, em agosto de 2016. É importante ressaltar que investigamos essa articulação política de estudantes ligados a Diretórios Centrais de Estudantes da UNB, da UFRGS, da UFSM e da FURG.

No primeiro capítulo da dissertação, contextualizamos as Manifestações de Junho de 2013 desde o seu início, na cidade de São Paulo, até como ela se alastrou pelo restante do país. Nosso foco, entretanto, serão as cidades de Brasília, Porto Alegre, Santa Maria e Rio Grande, cidades onde nossa pesquisa se centra. Queremos compreender como a direita tentou aparecer neste momento.

O segundo capítulo trata da virada das reivindicações políticas que estiveram nas Manifestações de Junho para as manifestações da direita, em 2014, contra a Copa do Mundo. Essas manifestações acabaram se transformando em protestos pelo impeachment de Dilma Rousseff.

No terceiro e último capítulo, analisamos os Diretórios Centrais de Estudantes da UNB, da UFRGS, da UFSM e da FURG durante todo esse processo de manifestações. Também abordamos como as tradicionais gestões de esquerda perderam as eleições para chapas liberais e como se desenvolveram as gestões que estavam ligadas à versão brasileira da organização *Students for Liberty* (Estudantes Pela Liberdade) e ao instituto Ludwig Von Mises – Brasil.

## 2 AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013

A série de manifestações que aconteceram em Junho de 2013 foram um marco político na história brasileira recente. Durante esse período, surgiram diversas dúvidas sobre como essas manifestações poderiam ser definidas. Gohn (2013) as sintetiza da seguinte maneira:

Os acontecimentos ocorridos em junho de 2013 no Brasil foram denominados pela mídia e outros como “manifestações” ficando esse termo como um marco na memória do país. Jornadas, atos, onda, protesto de massa, mobilizações, revoltas etc., são outras denominações encontradas. De fato, eles foram, na maioria das vezes, manifestações do estado de indignação face à conjuntura política nacional. Adquiriram nesses eventos caráter de movimento de massa, de protesto, revolta coletiva, aglutinando a indignação de diferentes classes e camadas sociais, com destaque para a classe média propriamente dita; estavam incluídas pessoas de diferentes faixas etárias, destacando-se o jovem (GOHN, 2013, p. 8)<sup>15</sup>

As manifestações tiveram seu início na cidade de São Paulo e se espalharam espontaneamente por todo o país. Em um mês, viu-se uma mobilização que há muito tempo já não se via. A pauta única inicial, de barrar o aumento da passagem do transporte público urbano, logo se tornou mais uma das muitas outras pautas que foram sendo levadas para a rua. De acordo com Rolnik (2013),

...podemos pensar essas manifestações como um terremoto [...] que perturbou a ordem de um país que parecia viver uma espécie de vertigem benfazeja de prosperidade e paz, e fez emergir não uma, mas uma agenda mal resolvida, contradições e paradoxo. [...] No campo imediato da política, o sismo introduziu fissuras na perversa aliança entre o que há de mais atrasado/excludente/prepotente no Brasil e os impulsos de mudança que conduziram o país na luta contra a ditadura e o processo de redemocratização; uma aliança que tem bloqueado o desenvolvimento de um país não apenas próspero, mas cidadão (ROLNIK, 2013, p. 8)<sup>16</sup>.

O presente capítulo, então, procura analisar o que foi o Junho de 2013 no país e nas cidades em que esta pesquisa se centra: Brasília, Porto Alegre, Santa Maria e Rio Grande.

Veremos, na sequência, a partir das reivindicações contra o aumento das passagens do transporte público, como as esquerdas iniciaram os protestos e como

<sup>15</sup> GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praça dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 157.

<sup>16</sup> ROLNIK, Raquel. A voz das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: MARICATO, Ermínia et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 110.

a direita se comportou. Inicialmente, faremos um breve histórico das mobilizações e do contexto político pelo qual o país passava e, em seguida, particularizaremos o que foram as Jornadas de Junho em cada uma das quatro cidades.

## 2.1 “Não é só por 20 centavos” – O contexto político nacional e a disseminação do movimento

Em junho de 2013, vimos uma aparente união da população brasileira, que há muito não saía às ruas em grandes atos. A partir de uma indignação diante o descaso por parte da representação política em relação aos problemas sociais no país, principalmente o direito de ir e vir num transporte público gratuito e de qualidade, “as novas maneiras e métodos de fazer política tomaram as ruas como forma de expressar indignação e protesto” (ROLNIK, 2013, p, 11)<sup>17</sup>. Todavia, antes de entrarmos nos acontecimentos de 2013, faremos uma breve retrospectiva do momento político que o Brasil se encontrava desde a eleição da então presidente Dilma Rousseff.

Em 2010, a UNE apoiou, no segundo turno da eleição, a candidatura de Dilma Rousseff. Ela foi militante do movimento estudantil durante os anos 60<sup>18</sup> e se tornou, em 2011, a primeira mulher presidenta do Brasil. Nesse período, temos duas conquistas históricas para o movimento estudantil em destaque: i) a aprovação da PEC<sup>19</sup> da Juventude no Congresso Nacional, incluindo, na Constituição Federal, o termo juventude, de forma a reconhecer os direitos dessa parcela da sociedade; e ii) a aprovação da emenda ao projeto de lei do pré-sal, que garante a destinação de 50% do fundo social, que iria gestar os recursos do petróleo brasileiro, exclusivamente para a educação.

Os dirigentes da UNE e boa parte dos movimentos sociais acreditavam que a presidenta daria continuidade às políticas do governo Luiz Inácio Lula da Silva, eleito em 2002 e reeleito em 2006, além de, claro, fazer muito mais pelo povo para cumprir o seu papel. Assim como no governo anterior, a entidade estudantil deu

---

<sup>17</sup> ROLNIK, op. cit.

<sup>18</sup> Relembra a Trajetória política de Dilma Rousseff. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/galerias/geral,relembra-a-trajetoria-politica-de-dilma-rousseff,25143>. Acesso em 21 de fevereiro de 2020.

<sup>19</sup> A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) tem como objetivo mudar partes do texto constitucional sem que seja preciso convocar uma nova assembleia constituinte.

apoio à presidenta durante todo o seu governo e até depois do seu fim.

Quando Dilma inicia o seu mandato, ela dá continuidade às políticas de educação superior adotadas pelo governo de Lula. Enquanto isso, a UNE lutava pela ampliação dos investimentos em educação. O maior destaque das políticas educacionais do seu governo foi implementação da lei de cotas<sup>20</sup> nas universidades federais e o sistema de seleção unificado<sup>21</sup>. A criação do SISU foi uma conquista importante no método de entrada dos estudantes ao ensino superior, principalmente porque é diretamente relacionado com a reivindicação da UNE pelo fim do vestibular.

Assim como na gestão de Lula, a entidade dos estudantes também tinha demandas para o novo governo, tais como: a aprovação do Plano Nacional de Educação; a destinação de parte dos recursos do petróleo para a educação; a transformação das bolsas do PROUNI<sup>22</sup>, que são parciais, e integrais; a criação de bolsas de assistência estudantil para estudantes do PROUNI; a realização da reforma universitária; a aprovação do Estatuto e Sistema Nacional da Juventude; a extinção do vestibular; e finalmente, a reforma política, com o término do subsídio empresarial de campanha.

Apesar dos avanços na política de expansão universitária, a UNE permaneceu reivindicando verbas para o REUNI. Então, Dilma criou o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), para acesso não apenas ao ensino básico, mas também ao ensino técnico e profissionalizante, criou o programa Ciências sem Fronteiras<sup>23</sup> e aumentou o número de estudantes nas universidades por meio do FIES<sup>24</sup>. Ademais, a prova do ENEM substituiu o vestibular em muitas universidades, tornando-se a maior prova para acesso dos estudantes ao ensino superior no Brasil.

Algumas demandas da entidade estudantil não foram atendidas, como a tão

---

<sup>20</sup> A Lei 12.711 de 2012, chamada Lei das Cotas, define que as Instituições de Ensino Superior vinculadas ao Ministério da Educação e às instituições federais de ensino técnico de nível médio devem reservar 50% de suas vagas para as cotas. A lei não atinge as instituições de ensino estaduais ou privadas.

<sup>21</sup> O SISU é um programa do Ministério da Educação que oferece vagas em universidades públicas sem a necessidade de o estudante fazer o vestibular. O processo seletivo do SISU utiliza as notas do ENEM para classificar os candidatos.

<sup>22</sup> O programa, criado pelo governo federal, tem como objetivo selecionar candidatos que participaram do ENEM os colocando em universidades federais e estaduais.

<sup>23</sup> Programa que tinha como objetivo expandir e internacionalizar a ciência, tecnologia e inovação, oferecendo bolsas de iniciação científica em universidade fora do país.

<sup>24</sup> O Fies é um programa de financiamento da graduação.

sonhada reforma universitária, assim como as alterações que a UNE pedia para serem feitas no PROUNI. Apesar das diversas contradições na relação da UNE com o governo federal, não se pode negar que as mais variadas conquistas e avanços para a educação superior e para os estudantes se deram nos governos petistas.

Com o contato direto e – até certo ponto – aberto entre governo e estudantes, conseguia-se levar as demandas não só do movimento estudantil, mas de diversos movimentos sociais. Porém, o governo petista, que muito prometeu para diversos setores da sociedade, não conseguiu atender a muitas dessas demandas.

Apesar dos diversos programas consolidados e de novos programas criados, o momento mais marcante do governo Dilma – não apenas para o movimento estudantil, mas para os movimentos sociais em geral – foram as Manifestações de Junho de 2013<sup>25</sup>. Ao contrário do governo Lula, que tinha uma forte conexão com os movimentos sociais e com o movimento estudantil, o governo de Dilma não conseguia ter essa mesma relação e acabou por culminar em uma das maiores sequências de protestos que o Brasil já presenciou.

Junho de 2013 foi uma série de acontecimentos que, como defendem Moraes *et al.* (2014),

...criou e ao mesmo tempo descobriu um novo Brasil. Seja por trazer novos atores para cena ou, quem sabe, por mostrar o que há por trás das cortinas da própria encenação. O processo em curso suscitou inúmeras inquietações, criando algumas delas ou fazendo-as chegar à superfície (MORAES *et al.*, 2014, p. 18)<sup>26</sup>.

Junho nos mostra como se deu uma unificação de descontentamentos, lutas, reivindicações e anseios que há muito tempo os diversos movimentos sociais brasileiros vinham reivindicando. Para entendermos essas jornadas, Alfonsin *et al.* (2015, p. 3)<sup>27</sup> destacam sete características principais:

(i) a articulação em rede e marcada pela horizontalidade; (ii) a ausência de lideranças porta-vozes únicos do movimento; (iii) o dado de que a

<sup>25</sup> Desde 2011 diversos países pelo mundo estavam passando por manifestações contra seus governos a chamada Primavera Árabe, inaugurou esse momento político. Apesar de no Brasil o início das manifestações de junho terem se dado pelo aumento da passagem em São Paulo, logo se transformou em uma manifestação muito maior.

<sup>26</sup> MORAES, Alana *et al.* (Org.); **Junho**: potência das ruas e das redes. 1a Edição; Friedrich, Ebert, Stiftung; São Paulo, 2014, p. 18.

<sup>27</sup> ALFONSIN, Betânia de Moraes *et al.* (Org.). As manifestações de junho de 2013, o processo de construção dos direitos de cidadania no Brasil e o direito à cidade. **Revista de Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.71-90, fev. 2015. Anual.

reivindicação “gatilho” das manifestações – o valor da tarifa de ônibus – está intrinsecamente vinculada ao direito à cidade; (iv) a progressiva diversificação de pautas; (v) a surpreendente adesão de diferentes setores sociais aos eventos convocados pelas redes sociais; (vi) o caráter nacional, considerando que manifestações foram observadas em mais de 200 cidades brasileiras; (vii) a força simbólica dos eventos de rua, capaz de arrancar respostas dos poderes públicos em diferentes esferas de governo.

As manifestações acabaram por mostrar, inicialmente, uma certa união da população brasileira revoltada contra seus representantes políticos. Junho de 2013 não apresentou novas questões, ao contrário: apresentou temas que, majoritariamente, já foram discutidos mas que, historicamente, pouco avançaram, como os problemas da saúde e da educação públicas.

A seguir, é apresentada a faixa com a pauta principal do Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo, que queria barrar o reajuste da tarifa do transporte.

**Figura 1** – Manifestação em São Paulo - SP

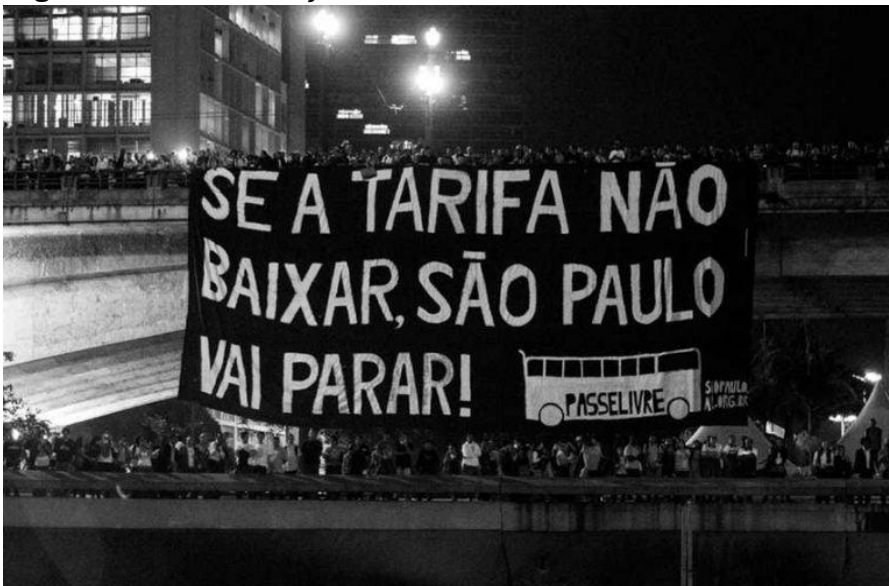


Foto: MPL, 2013.

O MPL é um movimento social firmado no Fórum Social Mundial<sup>28</sup>, em Porto Alegre, no ano de 2005. Ele se define como “um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um *transporte público de*

<sup>28</sup> O Fórum é um evento organizado por diversos movimentos sociais de vários continentes, com objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global.

*verdade*, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”<sup>29</sup>. Apesar de a organização ter iniciado em 2005, já existia, anteriormente, em Florianópolis, a Campanha pelo Passe Livre, com a mesma estrutura do MPL. As manifestações de 2013 foram definidas pelo MPL-SP da seguinte forma:

Ao mesmo tempo que ultrapassava as formas de organização já estabelecidas, o teor explosivo das mobilizações apontava para as contradições que o produziam, imbricadas no sistema de transporte coletivo, ponto nodal na estrutura social urbana (MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO, 2013, p.15)<sup>30</sup>

As manifestações de rua são comuns em todo o Brasil, e o MPL, que já tinha alguma tradição na luta contra os abusos das empresas de transporte público em algumas cidades brasileiras, foi às ruas mais uma vez na tentativa de barrar o aumento da tarifa do transporte coletivo na cidade de São Paulo. Posteriormente, essa mobilização veio a se transformar nas Jornadas de Junho, que “iniciaram com uma passeata de cerca de quatro mil pessoas em São Paulo no dia seis e, duas semanas depois já somavam 1,4 milhão de pessoas em, pelo menos, cento e vinte cidades” (PESCHANSKI, 2013, p. 59)<sup>31</sup>. De acordo com Palmeira,

...eles [MPL] lidavam com pequenas manifestações, iam lá, reivindicavam, às vezes eram recebidos por um secretário. Depois que a polícia bateu muito neles em São Paulo, sucederam-se manifestações interessantes até que se chegou aquelas grandiosas (PALMEIRA, 2014, p. 53)<sup>32</sup>.

Portanto, não foi surpresa quando o MPL foi às ruas protestar contra o aumento do preço da passagem de ônibus em São Paulo em vinte centavos (a passagem aumentaria de R\$3,00 para R\$3,20), no dia 3 de junho de 2013.

No dia 6 de junho, os manifestantes fecharam a avenida Paulista<sup>33</sup> desde a avenida 23 de Maio até a rua 9 de Julho. Esse ato deu início à revolta dos manifestantes e da população em geral contra a repressão feita pelos policiais, das

<sup>29</sup> O que é o MPL. Disponível em: <http://tarifazero.org/mpl/> Acesso em 25 outubro 2019.

<sup>30</sup>MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: MARICATO, Ermínia *et al.* **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 120.

<sup>31</sup>PESCHANSKI, João Alexandre. O transporte público gratuito, uma utopia real. In: MARICATO, Ermínia *et al.* **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013. 110 p.

<sup>32</sup>PALMEIRA, Vladimir. Entrevista. In: BORBA, Maria; FELIZI, Natasha; REYS, João Paulo (Org.). **Brasil em Movimento**: Reflexões a partir dos protestos de junho. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. p. 445.

<sup>33</sup>Uma das principais avenidas da cidade de São Paulo, sendo considerada o seu centro financeiro.

quais cerca de 50 pessoas saíram feridas e 15 foram presas.

O que marcou essa manifestação foi a cobertura da mídia jornalística que tratava, em suas reportagens, apenas dos atos de vandalismo e depredação do patrimônio, mas não comentava a violentíssima repressão policial. Quem divulgou a violência da polícia foram os próprios manifestantes por meio das redes sociais.

No dia 7 de junho, cerca de 5 mil manifestantes fecharam a marginal Pinheiros<sup>34</sup>. No dia 11, foi acordado entre os manifestantes e a polícia que o ato, que tinha tido início na Praça dos Ciclistas<sup>35</sup>, fosse encerrasse dentro do Terminal Parque Dom Pedro<sup>36</sup>. No entanto, a polícia impediu o acesso ao local, fazendo com que os manifestantes percorressem toda a extensão do centro de São Paulo até que chegassem à avenida Paulista, interrompendo o trânsito de carros, o que fez com que um motorista, bravo com a mobilização, acabasse atropelando dois manifestantes.

Com esse caso de atropelamento dos manifestantes, rapidamente a manifestação se tornou extremamente violenta: as pessoas que seguiam no ato entraram em confronto com a polícia, além de colocarem fogo em latas de lixo para impedirem o deslocamento da polícia. Ademais, incendiaram ônibus e abrigos de pontos de ônibus e destruíram lojas e agências bancárias. No fim da noite, 20 pessoas foram presas e dezenas ficaram feridas, entre as quais havia policiais. Apesar dessa manifestação ter saído do controle da organização do MPL, eles diziam que os protestos continuariam até a tarifa baixar.

Sem surpresa alguma, a grande mídia relacionou o ato ao vandalismo e a vândalos infiltrados no movimento. Enquanto ela criminalizava o movimento em suas reportagens, a violência e a agressividade da polícia militar de São Paulo se intensificaram e tomaram proporções incomensuráveis. Um exemplo dessa criminalização do movimento é ilustrado em um artigo de Leandro Roque, publicado na página do Clube Mises Brasil<sup>37</sup>, referindo-se aos manifestantes como o “outro grupo”:

---

<sup>34</sup> Oficialmente é a SP-015 ou Via Professor Simão Faiguenboim.

<sup>35</sup> É o espaço central da Avenida Paulista que possui uma pequena área verde, que virou um ponto de encontro da Bicletada.

<sup>36</sup> O Terminal Dom Pedro é um terminal de ônibus que atende quase todas as regiões da cidade, com exceção da 1 (Noroeste) e da 6 (Sul).

<sup>37</sup> O Instituto Ludwig von Mises - Brasil (IMB) é uma associação voltada à produção e à disseminação de estudos econômicos e de Ciências Sociais que promovam os princípios de livre mercado e de uma sociedade livre.

[O movimento] é formado por arruaceiros — que são formados por marginais oriundos de todas as partes do país — que estão ali apenas pelo prazer de vandalizar e destruir propriedade privada. [...] Quanto a este segundo grupo, não há nenhuma controvérsia sobre o que deve ser feito. Dado que o governo existe e dado que ele é uma instituição que detém o monopólio da violência, então sua função precípua é utilizar esta violência para defender o indivíduo e a propriedade privada de ataques violentos. Logo, a polícia deve ser completamente liberada para ministrar punição instantânea a estes arruaceiros. Mas isso não irá ocorrer porque nossa Constituição socialista não considera que danos à propriedade privada sejam crimes sequer dignos de encarceramento. [...] Tal inversão de valores é digna de países de mentalidade coletivista. A devoção à inviolabilidade da pessoa e da propriedade privada não faz parte do nosso sistema de valores.<sup>38</sup>

Por consequência dessa violência e da sua divulgação, a manifestação pela redução da passagem de uma cidade tomou conta de todo um país.

No dia 13 de junho, a manifestação foi marcada para ocorrer em frente ao Teatro Municipal de São Paulo, localizado no centro da cidade. A essa altura, as redes sociais foram bastante utilizadas não só para marcar os locais de encontro dos protestos, mas também para divulgar os acontecimentos em tempo real. Por sua vez, os manifestantes passaram a usar (e transportar) vinagre para combater o efeito do gás lacrimogêneo, o que fez com a polícia, em todas as cidades, comesçassem a deter pessoas que estivessem portando frascos do produto. Um exemplo emblemático dessa conduta foi o caso de Rafael Braga, da capital fluminense, que foi preso por transportar pinho sol e água sanitária. Há dúvidas, inclusive, se ele, de fato, estava nas manifestações cariocas.

Voltando para São Paulo, os manifestantes seguiram em passeata até a avenida Paulista, mas a polícia armou uma barreira na rua da Consolação. Não só os manifestantes foram recebidos com balas de borrachas, bombas de gás lacrimogêneo e golpes de cassetete, como também os pedestres e os moradores da região que por ali transitavam, além de muitos jornalistas que cobriam oficialmente aquele evento. O saldo foi de inúmeros feridos e presos, incluindo trabalhadores da imprensa.

No ato seguinte em São Paulo, os manifestantes se dividiram por divergirem da rota que deveriam seguir. Assim, no dia 17 de junho, ambos os grupos chegaram ao mesmo destino final, o Palácio dos Bandeirantes<sup>39</sup>, e lá incendiaram um carro e

---

<sup>38</sup> ROQUE, Leandro. **O brasileiro foi às ruas e gostou** - mas continua sem entender nada. Publicado em 29 junho de 2013. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1635>  
Acesso em: 25 outubro 2019.

<sup>39</sup> O Palácio é o edifício-sede do governo do estado de São Paulo e residência oficial do governador.

agências de banco, saquearem lojas e, por fim, adentraram, sem sucesso, o palácio do governo.

Dilma, em seu pronunciamento no Palácio do Planalto, no dia 18, defendeu os atos pacíficos, os quais “comprovariam a energia da nossa democracia”<sup>40</sup>, e condenou a violência utilizada. Já o então prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), depois de condenar as manifestações, disse que havia a possibilidade de rever o aumento da passagem, o que ocorreu no dia seguinte ao seu pronunciamento. No entanto, essa decisão afetaria alguma outra área social.

Segundo Vainer (2013)<sup>41</sup>, junho de 2013 foi a unificação de descontentamentos, lutas, reivindicações e anseios, pautas que há muito tempo os diversos movimentos sociais no Brasil vinham reivindicando. Inicialmente, o protagonismo foi de jovens estudantes que tinham a intenção de barrar o aumento de passagens de ônibus em São Paulo. No entanto, a partir do dia 17 desse mesmo mês, as manifestações se espalharam pelo Brasil. Os manifestantes se protegeram das bombas de gás lacrimogêneo, das balas de borracha e dos *sprays* de pimenta, utilizando suas próprias blusas amarradas no rosto e vinagre, como mencionamos acima.

Essa repressão policial violenta, acrescida da prepotência do governo estadual de São Paulo, foi transmitida por jornais da televisão e amplamente divulgada pelas redes sociais. Estava aí o marco para a mudança de pauta das manifestações.

De acordo com Maranhão e Costa (2014)<sup>42</sup>, “as lutas deste período mudaram o estado de ânimo da sociedade brasileira, colocaram na ordem do dia a possibilidade de se fazerem ações na rua”. Mas lembramos que,

...ainda que as mobilizações tenham cessado, fica no ar o sentimento de fortalecimento que os manifestantes encontraram nas Jornadas de Junho de 2013, na nova forma imediata e dinâmica de organização dos movimentos e da juventude como um todo (SANTOS, 2015, p. 44).

<sup>40</sup>MENDES, Priscila. Dilma defende protestos e diz que governo ouve 'vozes pela mudança'. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/dilma-defende-protestos-e-diz-que-governo-ouve-vozes-pela-mudanca.html> Acesso em 25 outubro 2019

<sup>41</sup>VAINER, Carlos. Quando as cidades vão às ruas. In: MARICATO, Ermínia et al. **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 110.

<sup>42</sup>MARANHAO, Soniamaria; COSTA, Luis Dalla. A retomada das grandes lutas populares e a possibilidade de vitórias. In: BORBA, Maria; FELIZI, Natasha; REYS, João Paulo (Org.). **Brasil em Movimento**: Reflexões a partir dos protestos de junho. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. p. 445.

As redes sociais contribuíram para difundir rapidamente os atos, as opiniões e as críticas sobre aquele momento, além de proteger vítimas de violência policial com fotos e vídeos:

A forma de comunicação entre jovens manifestantes também se alterou e saber se comunicar *online* ganhou *status* de ferramenta principal para articular as ações coletivas. [mídias móveis e redes sociais] são ferramentas do ciberespaço que se incorporam ao perfil do ativista (GOHN, 2014, p. 141)<sup>43</sup>.

Ainda sobre a repressão extremamente violenta e o abuso de autoridade por parte da polícia contra os manifestantes, após a divulgação de seus atos nos jornais,

...os agentes começaram a ir para as ruas com suas fardas sem identificação em seus coletes, ou seja, anônimos. Para piorar utilizavam capacetes, que impediam de mostrarem seus rostos. A Constituição Brasileira, no artigo 5º inciso IV, prevê que é vedado o anonimato. Contudo os próprios agentes, representantes do Estado, descumpriram essa ordem, que é constitucional. [...] O que se percebe é a evidência da violência estatal perante os cidadãos, onde o agente policial é mandado às ruas sem identificação pessoal. Dessa forma, o estado assume a plena responsabilidade sobre qualquer ato realizado pelo indivíduo (SANTOS, 2015. p. 31)<sup>44</sup>.

Após aquelas imensas manifestações, a direita foi para as ruas vestida com camisetas da seleção brasileira de futebol, entoando o hino nacional. Na sequência desses acontecimentos, as eleições de 2014 foram bastante acirradas entre Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), a qual ganhou a corrida eleitoral com uma vitória bastante apertada. Dois anos depois, Dilma sofreria um processo de impeachment, sem fundamentação legal, traduzido por muitos analistas como um golpe que envolveu os poderes legislativo e judiciário.

O Brasil não é mais o mesmo! Isso parece ser uma unanimidade nacional. O que está em jogo é em que sentido e com que conteúdo as mudanças irão se consolidar. O futuro está em aberto e dependerá, em enorme medida, do que pessoas como eu e você fizermos no futuro próximo, ou seja, como ocorre raras vezes, a história pode estar em nossas mãos (LESSA, 2014, p. 215)<sup>45</sup>.

---

<sup>43</sup> GOHN, op. cit. p. 141.

<sup>44</sup> SANTOS, Vivian Carolina do Carmo. **Juventude e política**: jornadas de junho e manifestações em Brasília. 2015. 47 f. Monografia (Bacharelado) - Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

<sup>45</sup> LESSA, Sérgio. A história (quase) em nossas mãos!. In: BORBA, Maria; FELIZI, Natasha; REYS, João Paulo (Org.). **Brasil em Movimento**: Reflexões a partir dos protestos de junho. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. p. 445.

No final do mandato interrompido de Dilma, a direita se reorganizou por meio de partidos políticos e, principalmente, por meio de organizações políticas como o MBL, o movimento Vem Pra Rua, o Revoltados *Online*, entre outros. Os discursos desses movimentos foram (e são) marcados pelo anticomunismo, e o PT seria a representação desse comunismo<sup>46</sup> no governo. Muitos dos gritos que foram ouvidos durante as manifestações pró-impeachment<sup>47</sup> faziam referência para que o Brasil não se tornasse comunista.

Com essa associação do PT ao comunismo, o anticomunismo se transformou em antipetismo, o que deu unidade à oposição do partido e, conseqüentemente, à oposição da esquerda que, nesse momento, estava quase toda unida contra o impeachment.

Em um mês de manifestações, a pauta única de diminuição do preço da passagem de ônibus em São Paulo se dividiu em pautas diversas, ganhando espaço, inclusive, a pauta contra a corrupção e contra partidos políticos que estavam ligados a ela. Com essa divisão, passamos a observar o “orgulho de ser brasileiro” estampado em camisas verdes e amarelas, cartazes com inscrições de “ordem e progresso” e um grande sentimento de apartidarismo que vinha desde o final das Manifestações de Junho em 2013. Ou seja, “o apartidarismo ganhou a sua versão fascista, antipartidária, quando militantes de partidos quiseram aderir às manifestações e foram espancados pelos próprios manifestantes” (ROLNIK, 2013. p. 12)<sup>48</sup>.

Esse momento é o da virada nas manifestações, é a sua segunda parte<sup>49</sup>, em que

...a direita trouxe para a segunda fase das manifestações o problema da corrupção, e a esquerda, o das iníquas condições de vida urbana, produzindo um cruzamento ideológico que se compôs, em alguma medida, com a mistura de classes que observamos na seção anterior. Mas o realmente novo foi a atuação do centro, o qual teve a vantagem de poder assumir uma e outra bandeira, bradando simultaneamente contra os gastos públicos privatizados pelo capital e contra a corrupção. Funcionou, assim, como uma espécie de inesperado generalizador do programa

<sup>46</sup> Pelas políticas assistencialistas, associaram o PT ao comunismo, mesmo que este não tenha rompido com nenhuma política neoliberal desde o FHC.

<sup>47</sup> Em 2015, como em 1964, manifestantes saíram às ruas e pediam a intervenção militar contra o comunismo que, segundo eles, estava presente no país. Outra palavra de ordem era “minha bandeira jamais será vermelha”, em alusão às bandeiras comunistas.

<sup>48</sup> ROLNIK, Raquel. A voz das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: MARICATO, Hermínia et al. **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013. 110 p.

<sup>49</sup> Aprofundaremos sobre o tema no terceiro capítulo desta dissertação.

espontâneo das ruas. A única condição para que pudesse levar adiante tal operação aditiva foi a de não transformar a reivindicação de hospitais e escolas “padrão Fifa” em um verdadeiro combate ao capitalismo, como quer a esquerda, nem a perseguição aos corruptos, em uma obsessão vingativa à esquerda, como propõe a direita. (SINGER, 2013, p. 36)<sup>50</sup>.

Com isso, foi às ruas parte da população que estava presente nos atos passados. A partir disso, começamos a ver uma volta do conservadorismo ao Brasil, pois, com o fim das manifestações de 2013, ocorreram, no início de 2014<sup>51</sup>, os protestos das classes médias que pediam o impeachment da presidenta.

Finalmente, depois de muita pressão que veio das ruas e por meio de um golpe parlamentar, Dilma perde o processo de impeachment em 2016 e o seu vice, Michel Temer, assume

## 2.2 “Tomaram o Congresso Nacional”: os atos em Brasília-DF

Na noite do dia 6 de março de 2013, recebemos a notícia de que a Comissão de Direitos Humanos (CDHM) da Câmara dos Deputados seria presidida por um pastor chamado Marcos Feliciano, do Partido Social Cristão (PSC). No momento da notícia, coincidentemente, ele estava em alguma atividade em alusão ao Dia Internacional das Mulheres, dia de luta, e deu uma pontada no ventre. Esse fato fez da cerimônia “de posse” dos novos titulares um ato histórico de tomada da Câmara dos Deputados por diversos movimentos sociais. Lá estavam movimentos de mulheres, movimento negro, movimento LGBT, estudantes, mães pela igualdade, entre outros. Mas a sensação que tinha era de um levante fundamentalista tomando os poderes públicos e decidindo os rumos de nossas vidas (PAGUL, 2014, p. 46)<sup>52</sup>.

Com esse breve relato de Juliana Pagul, vemos o início da ocupação dos 100 dias da Câmara dos Deputados, em Brasília, ainda no início de 2013, com pautas que voltariam em junho do mesmo ano. Nessa ocupação, a principal bandeira da foi “fora Feliciano<sup>53</sup>”. Nesse mesmo momento, vídeos de autoria do então deputado Jair Bolsonaro começaram a circular pelas redes sociais com diversas acusações

<sup>50</sup> SINGER, André. Brasil, junho de 2013: **Classes e ideologias cruzadas**. In Novos estudos - CEBRAP nº.97 São Paulo Nov. 2013

<sup>51</sup> Maior manifestação da democracia brasileira joga Dilma contra as cordas. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/13/politica/1457906776\\_440577.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/13/politica/1457906776_440577.html). Acesso em 21 de fevereiro de 2020

<sup>52</sup> PAGUL, Jul: Brasília: Poéticas públicas. In: MORAES, Alana *et al.* (Org.); **Junho**: potência das ruas e das redes. 1a Edição; Friedrich, Ebert, Stiftung; São Paulo, 2014, p. 63 – 78.

<sup>53</sup> Marcos Feliciano é um pastor da Catedral do Avivamento, uma igreja neopentecostal ligada à Assembleia de Deus, e na época, deputado federal brasileiro.

contra os manifestantes. Pagul (2014, p. 49) afirma que

...uma das primeiras ações dos novos titulares da comissão foi aprovar projetos de leis como o da “cura Gay” e atacar direitos dos povos originários, dos povos indígenas. Em outras comissões avançava a tramitação do Projeto de Lei do Estatuto do Nascituro (também conhecido por Bolsa Estupro).

Com esses elementos, é possível vislumbrar o que viria dali para a frente: tempos de retrocessos e de ascensão da direita conservadora.

Naquele ano, Brasília sediava a Copa das Confederações<sup>54</sup>, sendo um dos principais alvos dos manifestantes brasilienses em virtude do superfaturamento<sup>55</sup> da reforma do Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha, que, em 2014, receberia a Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA. Os manifestantes também levantavam a bandeira contra a corrupção, não tendo faltado críticas à saúde e à educação, além do pedido de não aprovação das PEC/37<sup>56</sup> e da PL 728/2011<sup>57</sup>.

No dia 15 de junho, iniciou-se a Copa das Confederações. Como presidenta da república, Dilma Rousseff compareceu ao estádio, mas, quando seu nome foi anunciado pelo alto-falante, houve uma imensa vaia contra ela. Ignorando as vaias, ela deu como aberta a competição. Nesse mesmo dia, do lado de fora do estádio, ocorria uma grande manifestação que repudiava a competição. Houve truculência policial, com uso de bombas de gás lacrimogêneo jogadas nos manifestantes por helicópteros. No final da manifestação, 57 pessoas foram presas e dezenas foram feridas.

As manifestações tiveram início em Brasília no dia 6 de junho. O ato mais marcante, que contou com 10 mil pessoas, ocorreu com a ocupação da marquise do Congresso Nacional no dia 17, acontecimento alcunhado de “Marcha do Vinagre”, além de terem sido fechadas as seis faixas do Eixo Monumental.

<sup>54</sup>A Copa das Confederações é um torneio de futebol organizado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) que acontece de quatro em quatro anos.

<sup>55</sup>CARVALHO, Letícia; ANDREOLLA, Ana Paula. MPF denuncia 12 por superfaturamento no Mané Garrincha. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/operacao-panatenaico-mpf-denuncia-12-por-superfaturamento-do-mane-garrincha.ghtml> Acesso: 25 out. 2019.

<sup>56</sup>A PEC 37 sugeria a inclusão de um novo parágrafo ao Artigo 144 da Constituição Federal, que trata da Segurança Pública, com a seguinte redação: “A apuração das infrações penais de que tratam os §§ 1º e 4º deste artigo, incumbem privativamente às polícias federal e civis dos Estados e do Distrito Federal, respectivamente”

<sup>57</sup>O Projeto de Lei sugere a punição de “grevistas” e terroristas durante a Copa do Mundo, realizada em 2014 e, portanto, valeria somente durante a realização do evento.

Houve enfrentamento policial contra os manifestantes que tentaram ocupar o Congresso Nacional. Sobre a ocupação do monumento, Santos (2015, p. 21)<sup>58</sup> descreve: “a sensação era de que os manifestantes que estavam em Brasília, no monumento que representa os eleitos pelo povo, isto é, o Congresso Nacional, eram os porta-vozes diretos dos manifestantes do país inteiro”.

**Figura 2** – Manifestantes ocupando a marquise do Congresso Nacional



Fonte: Mídia Ninja (2013)<sup>59</sup>.

No dia 20 de junho, alguns dos 40 mil manifestantes ocuparam as rampas do Palácio do Itamaraty, lançando objetos e ateando fogo na fachada do prédio. Os policiais conseguiram fazer com que os manifestantes recuassem com *spray* de pimenta e extintores de incêndio. Alguns manifestantes conseguiram entrar no Palácio, cartazes e faixas foram queimadas durante o protesto e um grupo de pessoas ateou fogo em entulhos em frente ao Congresso Nacional.

---

<sup>58</sup> SANTOS, op. cit.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://medium.com/@MidiaNINJA/ninja-2013-f6d5618375b2>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

## 2.3 As manifestações no Sul do país: os casos de Porto Alegre, Rio Grande e Santa Maria, no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, além da capital, Porto Alegre, mais 41 cidades participaram dos atos em apoio às manifestações de São Paulo, algumas com apenas um dia de protesto, outras com uma sequência de dias seguidos. Nesta parte do trabalho, daremos destaque a três cidades gaúchas que viveram situações completamente distintas em relação ao transporte público.

### 2.3.1 “Pode chover, pode molhar, mais um aumento eu não vou pagar”: o junho de Porto Alegre

Em Porto Alegre, junho de 2013 começou mais cedo, mais precisamente em 21 de janeiro de 2013, quando foi convocada uma marcha com pauta única, contra o aumento da passagem de ônibus, pelo Bloco de Lutas Pelo Transporte Público, também conhecido apenas como Bloco de Lutas. Esse coletivo reúne diferentes organizações de esquerda, que vão desde o movimento anarquista até partidos políticos, como o PSOL, o PSTU e o PT.

O Bloco de Lutas sempre se utilizou das redes sociais para a comunicação, o que “possibilita o estabelecimento de uma relação com a sociedade em geral, fugindo da dependência dos meios de comunicação tradicionais” (MUHALE, 2014, p. 33)<sup>60</sup>. Sendo assim, junho não foi surpresa para o grupo quando os movimentos envolvidos nas manifestações faziam o uso quase que exclusivamente da internet para a comunicação.

Ao ato de 21 de janeiro, compareceram cerca de 200 pessoas<sup>61</sup>. No dia 18 de fevereiro, foi convocado um novo ato, com a mesma pauta. No entanto, em 21

---

<sup>60</sup> MUHALE, Miguel Joaquim Justino. **Lutar, criar poder popular**: uma perspectiva etnográfica do Bloco de Lutas pelo Transporte Público em Porto Alegre/RS. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

<sup>61</sup> OLIVEIRA, Samir. Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/cidades/2013/12/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/> Acesso em 25 outubro 2019.

de março, o COMTU (Conselho Municipal de Transporte Urbano) aprovou o aumento de 6,51% na tarifa, o que resultou em um ato de quase mil pessoas em frente à prefeitura da cidade.

O ato seguinte se deu em 1º de abril, no qual 5 mil pessoas foram às ruas pedir a diminuição da tarifa do transporte público. No dia 4 de abril, o preço da passagem diminuiu por causa de uma ação movida pelo PSOL, a qual foi acatada pelo judiciário, fazendo a tarifa diminuir mais 20 centavos. No dia 11 de abril, os manifestantes queriam a diminuição da passagem para R\$2,60 e conseguiram. Assim, Porto Alegre foi a primeira cidade brasileira a conseguir esse feito. Segundo Perondi (2015),

...esta conquista, ainda que simples, motivou a busca de outras pautas mais amplas, tais como melhorias na educação, na saúde e, sobretudo, no sistema político, visto que acentuou-se a mobilização em prol de uma reforma política. [...] As manifestações oportunizaram aos participantes e talvez, até mesmo para outros segmentos sociais, que é a ideia da mobilização coletiva, sobretudo, a da esperança (PERONDI, 2015, p. 8)<sup>62</sup>.

Em maio, os protestos se voltaram contra o corte de dezenas de árvores em frente à Usina do Gasômetro, que se daria com a finalidade de viabilizar a duplicação de uma avenida para a Copa do Mundo de 2014 (Porto Alegre seria uma das doze sedes que receberiam o evento). Foi montado um acampamento para impedir o corte, mas a Brigada Militar<sup>63</sup> expulsou os manifestantes em 29 de maio, e as árvores foram cortadas.

---

<sup>62</sup> PERONDI, Mauricio. **Outono Brasileiro**: a participação de jovens nas manifestações populares de 2013. In: ALAS, 15., 2015, Costa Rica. p. 1 - 8.

<sup>63</sup> A Brigada Militar equivale ao que é chamada Polícia Militar no restante do Brasil.

**Figura 3** – Manifestantes diante de uma barreira policial em Porto Alegre.



Foto: Ramiro Furquim/Sul21.com.br

Junho de 2013 em Porto Alegre foi marcado não só pela chuva torrencial que caía durante as manifestações, mas pela violência policial marcada desde o seu início. Em 13 de junho, a Brigada Militar acompanhava os manifestantes até o momento em que chegaram à Cidade Baixa<sup>64</sup>, onde houve o primeiro confronto entre ambos. Os protestos seguiram pelos dias 17, 20, 24 e 27 de junho.

Em 4 de junho, o local do ato foi mudado do Centro de Porto Alegre para a periferia, mais precisamente para a Vila Cruzeiro, pois as obras para a Copa do Mundo de 2014 removeriam mais de mil famílias pobres de suas residências.

A Câmara de Porto Alegre foi ocupada por oito dias a partir do dia 10 de junho. Para que o Bloco de Lutas desocupasse a Câmara, foram elaborados dois projetos de lei que garantiriam o passe-livre para estudantes, indígenas, quilombolas e desempregados, além da abertura das contas das empresas de

---

<sup>64</sup> Bairro popular de Porto Alegre que concentra uma grande quantidade de bares.

transporte público que atuam na cidade.

Sobre os manifestantes em Porto Alegre, podemos ver que, à medida que as manifestações foram aumentando de tamanho, aumentava também a diversidade de pessoas e de pensamentos políticos que se inseriam. Conforme sinaliza Perondi (2015, p. 5)<sup>65</sup>,

...pode-se apontar que os jovens foram os principais sujeitos envolvidos nas primeiras manifestações ocorridas em Porto Alegre. Principalmente aqueles que estavam envolvidos com o movimento estudantil e mobilizados contra os aumentos nas tarifas do transporte público. No entanto, também participaram muitos jovens que não estavam envolvidos em nenhuma organização juvenil e que se sentiram motivados a ir para as ruas [...] no entanto, com a rápida divulgação nas redes sociais, o número dos participantes aumentou significativamente e os perfis passaram a ser mais diversificados. Nas maiores manifestações outras categorias passaram a engrossar o grupo de manifestantes: professores, operários, pessoas da classe média, etc. [...] A diversidade de perfis nas manifestações acabou por trazer a público não somente os sujeitos que tinham uma reflexão política sobre a situação do transporte público e outras reivindicações sociais, mas também mobilizou outros sujeitos, com outras pautas, inclusive algumas conservadoras e reacionárias.

### 2.3.2 O ato único na cidade de Rio Grande

Em Rio Grande, cidade localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, houve uma assembleia estudantil no dia 19 de junho para ser decidido como se daria a ida às ruas no dia seguinte, em apoio às manifestações nacionais, com as seguintes bandeiras: a quebra de contrato com a empresa Noiva do Mar<sup>66</sup>; a reativação do DATC (Departamento Autárquico dos Transportes Coletivos); e, por fim, o passe-livre para todos os cidadãos.<sup>67</sup>

A manifestação do dia 20 de junho, com a participação de oito mil pessoas<sup>68</sup>, pedia por melhorias do transporte público. Diferentemente de Brasília e Porto Alegre, a manifestação de Rio Grande foi convocada pelo movimento estudantil que atuava dentro do DCE na época. Durante o protesto, houve um debate publicado na página do Facebook do DCE-FURG:

<sup>65</sup> PERONDI, Op cit.

<sup>66</sup> Empresa de transporte público da cidade de Rio Grande.

<sup>67</sup> Carta aberta dos estudantes da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) Disponível em: <http://dcefurg.blogspot.com/search?updated-max=2013-11-22T17:52:00-02:00&max-results=10&reverse-paginate=true> Acesso: 25 out. 2019.

<sup>68</sup> GASPARETTO, Maurício. Manifestantes se reúnem na praça Doutor Pio em Rio Grande no RS. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/06/manifestantes-se-reunem-na-praca-doutor-pio-em-rio-grande-no-rs.html> Acesso: 25 out. 2019.

- 1) A necessidade de aprofundar politicamente o caráter das manifestações, bem como, objetivar em pautas práticas o que se pretende alcançar com a mobilização. Dessa forma, evitar o esvaziamento político e a transformação do movimento em “passeatas” destituídas de reflexão e pragmatismo;
- 2) A necessidade da manutenção da construção coletiva e horizontal dos eventos efetivando essa característica inclusive na administração dos veículos de divulgação dos mesmos, no caso as páginas dos eventos na rede social Facebook;
- 3) A necessidade de uma articulação mais orgânica entre todos os manifestantes durante os atos<sup>69</sup>.

A cidade de Rio Grande saiu às ruas apenas uma única vez durante junho, apesar de, em abril do mesmo ano, ter se movimentado pela aprovação do PL/2013<sup>70</sup>. Essa PL tinha como objetivo a implementação do passe escolar irrestrito e o acréscimo de 10% na compra do passe, a qual acabou sendo aprovada pela Câmara Municipal de Vereadores. A luta posterior a essa conquista foi pela melhoria da qualidade do transporte público e pelo fim do monopólio da empresa Noiva do Mar.

Se compararmos com outras cidades do Brasil, não vemos o mesmo engajamento em Rio Grande para as manifestações de junho. Isso pode ser explicado pelo de que a pauta inicial de junho era contra o aumento da passagem do transporte público e, em Rio Grande, essa pauta já não fazia mais sentido, pois, com a aprovação do PL/2013, o passe-livre teve início na cidade. Então, a sequência de manifestações que observamos no restante do país acabou por não acontecer na cidade.

Apesar de Rio Grande não estar entre as cidades de maior destaque quando comparada com outras, é importante nesta investigação, pois, durante o período pesquisado, o DCE teve uma gestão liberal ligada ao movimento Estudantes Pela Liberdade.

### 2.3.3 Santa Maria vai às ruas pela diminuição da passagem do transporte e pelos direitos de 242 pessoas

<sup>69</sup> Postagem na rede social Facebook, na página oficial do DCE-FURG. Disponível em: <https://www.facebook.com/dcefurg/posts/554451374600616> Acesso: 25 out.2019.

<sup>70</sup> Nota DCE-FURG sobre a aprovação do passe escolar irrestrito + 10%. Disponível em: <http://dcefurg.blogspot.com/search?updated-max=2013-05-06T09:20:00-03:00&max-results=10> Acesso: 25 out. 2019.

Santa Maria é um município brasileiro situado no “coração” (região central do estado) do Rio Grande do Sul, com uma população que, em 2013, girava em torno de 250 mil habitantes, composta em sua maioria por estudantes (a cidade é conhecida regionalmente como cidade universitária, pelo grande número de faculdades que existem lá), militares e servidores públicos.

O DCE da UFSM sempre pautou a melhoria do transporte público na cidade. No entanto, mesmo com diversas conquistas feitas pelos estudantes e pelos trabalhadores na cidade, ainda existem inúmeros problemas relacionados ao transporte público, sendo o maior deles o aumento anual do preço da passagem. Em 2013, os estudantes foram às ruas mais uma vez levantando essa pauta.

Na cidade, inspirados pelo Bloco de Lutas de Porto Alegre, foi criado um coletivo com o mesmo nome e com a mesma pauta de redução da passagem de ônibus. Todavia, em Santa Maria, além das pautas já citadas – como educação, saúde, entre outras –, havia uma pauta local muito específica: a da Boate Kiss<sup>71</sup>.

Por meio das redes sociais, os estudantes de Santa Maria o mês de junho, resultando na ocupação da Câmara de Vereadores durante seis dias.

Com ônibus extremamente lotados, poucas linhas e horários para uma demanda populacional que aumenta a cada ano, a Associação de Transportadores Urbanos de Santa Maria (ATU), composta pelos donos dos ônibus urbanos da cidade, instalou, em 2011, o sistema integrado (SIM), que tinha a intenção de melhorar o deslocamento populacional na cidade e tornar o transporte mais barato para o usuário. Era esperado que o sistema fosse administrado pelo poder público; porém, essa administração ficou a cargo de empresas de ônibus, cabendo à prefeitura apenas fiscalizá-las em defesa do interesse público, além de estabelecer licitações públicas que pudessem ser revogadas quando fossem irregularidades constatadas. Até o ano de 2013, no entanto, isso não havia acontecido.

O aumento do preço da passagem de ônibus já vinha sendo discutido desde o começo de 2013 na cidade, mas, por causa do incêndio da Boate Kiss, ele acabou não sendo alterado. No entanto, no dia 10 de junho, houve uma reunião do Conselho Municipal de Transporte em conjunto com o DCE, na qual se exigiu: ampliação dos horários de ônibus durante a madrugada, para o bairro Camobi (bairro onde UFSM está localizada); outros meios para analisar o limite de

---

<sup>71</sup>Boate onde ocorreu um incêndio por irresponsabilidade dos seus donos, em 27 de janeiro de 2013, que matou 242 pessoas, a maioria estudantes da UFSM.

passagem por estudante, como a participação em projetos e estágios; e o pagamento de passagem aos estudantes que façam estágios em serviços da cidade. A ATU, por sua vez, pautava o aumento do preço passagem e a possibilidade do pagamento de meia passagem apenas para estudantes de baixa renda.

Neste período, as manifestações nas ruas pelo Brasil já eram amplas, até que, no dia 20 do mesmo mês, chega a Santa Maria. O Bloco de Lutas e o DCE chamaram os dois atos que aconteceriam na cidade, a partir do que se organiza a primeira manifestação que tinha duas pautas principais: barrar o aumento da passagem e pedidos de justiça pelo incêndio na Boate Kiss.

**Figura 4** – Cartaz em referência ao incêndio da Boate Kiss



Fonte: Revista o Viés<sup>72</sup>

No ato do dia 20, a concentração se deu na praça central da cidade, a praça Saldanha Marinho, tradicionalmente usada para manifestações e eventos. Antes do início da marcha, foram confeccionados cartazes e faixas. Além disso, houve discursos sobre o que estava ocorrendo em outras cidades no Brasil. Apesar da

<sup>72</sup>A *Revista o Viés* é uma revista independente que surgiu em 2009. Trabalha com a ideia de **jornalismo a contrapelo**, isto é, um jornalismo engajado com questões historicamente marginalizadas, pois entendemos que a neutralidade é uma posição traiçoeira, que acaba reforçando as relações de poder e as injustiças vigentes. É uma iniciativa em prol da democratização da comunicação, que, a partir de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, trabalha pautas que partem do local, mas não se contém nele". Disponível em <https://www.revistaovies.com/quem-somos/> Acesso em 25 outubro de 2019.

chuva, compareceram cerca de 15 mil pessoas. Durante o trajeto, alguns manifestantes quebraram os vidros de uma viatura que acompanhava a marcha e foram reprimidos pela polícia.

O segundo ato se deu dois dias depois, chamado de “ato dos 40 mil”. Esse foi um dos maiores protestos que existiu na cidade. Ao final do protesto, alguns manifestantes jogaram bolas de tinta vermelha na frente da sede da ATU e na porta da Prefeitura Municipal, em retaliação ao processo da Boate Kiss. Já nesse segundo dia de manifestação, as pautas começaram a se diversificar na cidade e se juntaram a diversas bandeiras de coletivos e partidos políticos, causando pequenos focos de discussões sobre a legitimidade dessas participações.

No dia 25, o grupo de “pais da Kiss”<sup>73</sup> chamou um ato pelas redes sociais, o qual teve início na Praça Saldanha Marinho e terminou na Câmara de Vereadores, com a exigência de que se fossem tomadas providências sobre o caso da boate. Porém, a entrada dos manifestantes foi barrada pelos seguranças da Câmara, até que os vereadores decidiram, sob pressão, liberar a entrada das duas mil pessoas que ali estavam.

Como os pedidos dos manifestantes foram rejeitados, eles realizaram uma assembleia dentro da Câmara e decidiram ocupá-la, tendo permanecido lá por seis dias. Para desocuparem, exigiam os seguintes aspectos:

1º: A renúncia pública dos vereadores Maria de Lourdes Castro, Sandra Rebelato e Dr. Tavares dos cargos que ocupam na CPI da Kiss, em função da divulgação das últimas gravações. Os vereadores não possuem condição política e moral de conduzir essa Comissão Parlamentar de Inquérito.

2º: Que seja feito um compromisso público por parte do presidente da Câmara, Marcelo Bisogno, marcando uma data para a exoneração do Procurador-Geral da Câmara, Robson Zinn.<sup>74</sup>

A ocupação chegou ao fim após um termo de compromisso assinado pelo presidente do Legislativo, Marcelo Zappe Bisogno (PDT), que se comprometeu em afastar o procurador jurídico da Casa, Robson Zinn. No total, a ocupação contou com cerca de 300 pessoas, sendo a maioria estudantes e familiares das vítimas da

---

<sup>73</sup> Após o incêndio, os pais que perderam seus filhos na Boate Kiss se uniram e formaram um grupo que pede justiça para os seus filhos.

<sup>74</sup> Câmara ocupada uma cronologia. Disponível em:

<http://www.revistaovies.com/reportagens/2013/06/camara-ocupada-uma-cronologia/> Acesso em 25 outubro 2019

Boate Kiss.

## 2.4 Quem foi o manifestante de Junho de 2013?

No dia 20 de junho de 2013, o IBOPE<sup>75</sup> entrevistou 2.002 manifestantes (50% mulheres e 50% homens), que tivessem mais de 14 anos, de sete estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Bahia, além da cidade de Brasília. Esses dados são importante para a pesquisa, pois conseguem mostrar algumas diferenças entre as manifestações da primeira e da segunda parte de junho<sup>76</sup>.

Podemos perceber que, majoritariamente, as manifestações tinham jovens de 14 a 24 anos (43%), seguidos dos de 25 aos 29 anos (20%), depois pelos de 30 a 39 (18%) e, por fim, os de mais de 40 anos, que eram 19% dos manifestantes. Desses, 43% tinham o ensino superior completo, 49% tinha educação básica completa ou ensino superior em andamento e 8% tinham iniciado o colegial ficavam.

Sobre o trabalho e a educação, 76% dos entrevistados trabalhavam e 24% não trabalhavam; ademais, 52% estudavam e 48% que não estudavam. Aqui, vemos que a massa de estudantes não era tão grande quanto aparentava ser: mesmo jovens, muitos não estudavam. Na verdade, boa parte eram trabalhadores.

A primeira e principal pergunta sobre as razões que levaram os manifestantes a irem aos atos teve respostas espontâneas, em que o entrevistado deu três respostas para a pergunta. Considerando essas respostas, temos:

- 1) O transporte público foi o principal fator (53,7%) que levou os manifestantes às ruas – com esse dado, já podemos concluir que, no final do mês, a pauta única já não era a principal. O ambiente político foi responsável por mobilizar 65% dos manifestantes, entre os quais havia os que posicionavam contra a corrupção, contra os partidos políticos, a favor da necessidade da mudança, em defesa da ficha limpa, dentre outros.
- 2) A melhora na saúde ficou com 36,7%; já os gastos com a Copa do

---

<sup>75</sup>Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html> Acesso em 25 outubro 2019.

<sup>76</sup>Neste trabalho, dividimos Junho de 2013 em duas etapas. A primeira seriam as manifestações que tentavam impedir o aumento da passagem de ônibus em São Paulo e em outras cidades. Já na segunda etapa, as pautas das manifestações começaram a se diversificar.

Mundo e com a Copa das Confederações somam 30,9% dos manifestantes. Contra a reação violenta da polícia, 4,1% decidiram se manifestar; 10,2% foram aos atos mobilizados pela justiça ou segurança pública; 29,9% pela melhoria na educação; 11,9% contra a PEC 37; 1,8% por direitos e pela democracia; e 2,9% pela administração pública.

Quando perguntados se as manifestações conseguiriam promover as mudanças que eles reivindicaram, 94% disseram que sim, mas 6% responderam que não. Pelo que pudemos perceber, grande parte das pautas não foi atendida pelos governos, ou quando foram atendidas (principalmente as pelo passe-livre ou por barrar o aumento da passagem do transporte público), logo em seguida seriam revogadas.

A renda familiar nos mostra a classe social predominante nas manifestações: 15% tinham renda familiar de até dois salários mínimos; 30% tinham renda familiar entre 2 a 5 salários mínimos; 26% tinham renda familiar entre 5 e 10 salários-mínimos; 23% tinham renda familiar acima de 10 salários mínimos; 6% não responderam. Com isso, vemos que a periferia não estava presente nesse movimento de massas, pois a esmagadora maioria dos manifestantes era oriunda da classe média e da classe média alta. Segundo Singer (2013, p. 38)<sup>77</sup>, “a forte presença de uma jovem classe média nas manifestações [...] é naturalmente compatível com a ideologia de centro que acabou por ser dominante no auge do movimento.”

O slogan que alguns manifestantes levavam em seus cartazes nas manifestações falava muito sobre quem estava ali. O mais emblemático desses slogans, “O gigante acordou”, serviu tanto para mostrar o quanto esses manifestantes estavam completamente alienados às lutas dos diversos movimentos sociais que já ocorriam no Brasil – como o movimento por moradia, saneamento básico, contra o genocídio do povo negro, em prol da demarcação de terras da população indígena, entre tantos outros – quanto acabou por virar o slogan da direita que, posteriormente a esse momento de junho, saiu às ruas para pedir pelo fim da corrupção, pelo “Fora PT”. Essa é a mesma direita que apoiou a Lava Jato, o então juiz Sérgio Moro e, por fim, o impeachment da ex-presidenta Dilma

---

<sup>77</sup> SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 97, p. 23-40, nov. 2013.

Rousseff.

Casimiro (2016) destaca o caráter apartidário – mas não apolítico – das manifestações de 2013:

As manifestações do chamado movimento Passe Livre representavam, no seu início, reivindicações sociais de caráter progressista, mobilizados por setores populares, movimentos sociais e estudantil, assim como, por partidos representantes da esquerda como o PSOL, PSTU, PCB. Partiam do argumento catalisador referente ao aumento das tarifas do transporte público e do questionamento da qualidade desses serviços, para um debate mais amplo quanto às funções sociais do Estado e os serviços públicos. Por conseguinte, tratava-se de um movimento apartidário, todavia não apolítico. Não representava um partido em específico, mas englobava as bandeiras progressistas dos partidos de esquerda supracitados e dos movimentos sociais.<sup>78</sup>

Mas é preciso e necessário lembrar que

...“o povo não acordou” agora. Quem acordou foi uma parte. A outra nunca dormiu - afinal, nem tinha cama para tanto. No campo, marchas reúnem milhares de pobres entre os mais pobres, que pedem terra para plantar e seus territórios ancestrais de volta – grupos que são vítimas de massacres e chacinas desde sempre. Ao mesmo tempo, feministas, negros, gays, lésbicas, sem-teto sempre denunciaram a violação de seus direitos pelos mesmos reacionários que, agora, tentam puxar a multidão para o seu lado. Enfim, o grosso do povo acordará no momento em que a maioria pobre deste país perceber que é explorada sistematicamente. Quando isso acontecer, vai ser lindo (SAKAMOTO, 2015, p.99)<sup>79</sup>.

Em 2016, a UNE fez, na sua página oficial<sup>80</sup> na internet, um balanço positivo e otimista sobre as manifestações de 2013:

O mais importante foi que essa nova geração de jovens tomou um pouco de consciência que as mobilizações vindas das ruas têm efeito direto na conjuntura política do país. Isso desencadeou um processo que não para desde então (Vinycius Ferreira, 1º Tesoureiro em 2013).

Jessy Daiane, diretora de políticas educacionais, acredita que as manifestações significaram “o grito de indignação da juventude contra a podridão

<sup>78</sup> CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A Nova Direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980 - 2014)**. 2016. 479 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016. p. 356.

<sup>79</sup> SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: ORBA, Maria; FELIZI, Natasha; REYS, João Paulo (Org.). **Brasil em Movimento: Reflexões a partir dos protestos de junho**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. p. 445.

<sup>80</sup> BARS, Renata. Diretores da Une relembrem Junho de 2013 e fazem balanço dos protestos. Disponível em: <https://une.org.br/noticias/diretores-da-une-relembrem-junho-de-2013-e-fazem-balanco-sobre-os-protestos/> Acesso em 25 outubro de 2019.

do nosso sistema político que privilegia o poder econômico em detrimento das necessidades do povo brasileiro”. Para Camila Souza, a 1ª diretora de relações internacionais da UNE, “o principal legado das Jornadas de Junho foi termos reivindicado a política e reensinado que as ruas são espaço de luta. Junho de 2013 não terminou em si mesmo, ele se desdobrou em tantas outras manifestações que ainda acontecem. Somos filhos de Junho”.

**Figura 5** – O Gigante Acordou



Foto: Rodrigo Gorosito/G1, Rio de Janeiro - RJ

### 3 A DIREITA VOLTA ÀS RUAS

Com as inúmeras pautas que foram sendo agregadas aos protestos de Junho de 2013, o movimento mudou de caráter. Houve uma polarização entre esquerda e direita que

...se provou resistente e conseguiu se manter e se desenvolver até as eleições nacionais de 2014. A declarada esquerda se mobilizou contra o suposto projeto neoliberal do PSDB, e a direita conservadora desenvolveu sua ideologia em torno de um forte antipetismo declarado antipartidário, com discussões radicalizadas para os extremos dos valores considerados da direita (BRUGNAGO; CHAIA, 2015, p. 102)<sup>81</sup>.

Neste capítulo, trataremos dessa polarização e seu desdobramento nas manifestações durante o ano de 2014. Além disso, abordaremos a conturbada reeleição de Dilma e o golpe que a derrubou. Por fim, discutiremos como setores das classes médias se tornaram destaque nesse momento político e ressurgiram como militância conservadora.

#### 3.1 Depois de Junho: a direita ocupa o cenário das manifestações

A partir do momento em que o MPL se retirou das manifestações de Junho de 2013, depois de ter conseguido sua vitória ao impedir o aumento do valor do transporte público, as Jornadas de Junho, que já haviam se tornado um evento nacional, tomaram um novo rumo, culminando no golpe/impeachment de Dilma Rousseff.

É nesse período também que surgem novas pautas, as quais se tornam cada vez mais comuns. Entre elas, estava a contestação de aspectos como: gastos do governo federal com a Copa do Mundo de 2014, cortes de verba para educação e saúde, a PEC 37, a “Cura Gay”, o apoio à diminuição da maioria penal e o fim das bandeiras partidárias nas manifestações.

Apesar de as Jornadas terem sido iniciadas pelo MPL, dois outros movimentos apareceram pela primeira vez e tiveram destaque (principalmente quando se fala de redes sociais no segundo momento de junho): os *Black Blocs* e os *Anonymous*.

---

<sup>81</sup> BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.7, n.21, p. 99-129.

O *Anonymous* é um grupo ativista que atua no meio digital desde o início dos anos 2000. Iniciou suas atividades nos Estados Unidos, porém se espalhou rapidamente pelo mundo, por seu ativismo que ataca, principalmente, grandes empresas que simbolizam o capitalismo, e por apoiar causas populares, como a Primavera Árabe<sup>82</sup> e o combate à censura na *internet*.

No Brasil, a adesão ao movimento se iniciou em 2011, quando o grupo *Anonymous* publicou um vídeo na *internet* em que declarava guerra ao sistema. No entanto, por dissidências internas, o grupo se desarticulou e começou a atuar em diferentes frentes, até que, em junho de 2013, voltou a aparecer nas manifestações e ganhou um grande destaque (EVANGELISTA, 2015)<sup>83</sup>.

É importante frisar que o grupo não tem uma liderança que se expõem, ou seja, conhecida. Como o próprio nome diz, seus integrantes são pessoas desconhecidas e a única marca que representa o grupo é a máscara inspirada em Guy Fawkes<sup>84</sup>.

**Figura 6** - Manifestante em junho de 2013



Foto: Anonymous.

Após a Primavera Árabe, o grupo assumiu uma militância política e, em 2013,

<sup>82</sup> A Primavera Árabe foi uma série de manifestações e protestos que ocorreram em 2011 no Oriente Médio e no Norte da África contra os seus governantes ditatoriais.

<sup>83</sup> EVANGELISTA, Daniel Fassa. **Manifestações de Junho de 2013 em São Paulo: Um olhar a partir dos paradigmas da mobilização de recursos e dos novos movimentos sociais.** 2015.149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.

<sup>84</sup> Soldado católico que tentou explodir o Parlamento Inglês em 1605.

foi importante para a divulgação e disseminação de informação sobre Junho. Gohn (2014)<sup>85</sup> aponta que, pelo fato de o grupo ser ativo apenas na *internet*, sua presença não foi notada nas manifestações, e acabou ficando isolado, junto ao grupo dos *Black Blocs*.qq

Sobre o *Black Blocs*, Pinto define:

Os Black Blocs com a retirada do MPL, houve notório vazio discursivo. A esquerda partidária, representada pelos PSOL e PSTU, não se manifestou; a radicalização ficou por conta dos Black Blocs, que se apresentavam não como um grupo ou movimento, mas como uma tática de manifestação para atacar os símbolos do capitalismo. Vestidos de preto, com os rostos cobertos para se protegerem de ser identificados pela polícia, os Black Blocs apareceram pela primeira vez na Alemanha, em 1980, por ocasião de uma visita de Ronald Reagan, então presidente dos Estados Unidos (PINTO, 2017, p. 132)<sup>86</sup>.

O grupo veio para, literalmente, quebrar símbolos do grande capital, “organizavam-se para participar das manifestações encapuzados e vestidos de preto, com o intuito de preservar seu anonimato frente às forças da ordem” (EVANGELISTA, 2015, p. 81)<sup>87</sup> e faz dessa a sua tática principal, adotar a violência performática como forma de luta. As ações do grupo durante e após junho foram definidas por Pinto (2017, p.134)<sup>88</sup> como:

Os Black Blocs foram duramente reprimidos pela polícia e classificados como vândalos pela mídia, que repetidamente traçava uma divisória entre eles, os violentos, e os cidadãos democráticos, “os cidadãos de bem”, estes, sim, na visão da mídia, se manifestavam legitimamente. Em que pese a clara diferença dos Black Blocs se comparados com os integrantes do MPL, no cenário das manifestações, a atuação dos dois grupos teve uma semelhança, que se revela de importância para entender a trajetória discursiva que as manifestações tomaram. Se o MPL deliberadamente recusou qualquer possibilidade de se tornar um elo em uma cadeia de equivalência, que o poderia levar inclusive à posição de um significativo vazio, os Black Blocs também tinham um discurso que se impunha pela diferença, pela impossibilidade de construir equivalência com os demais atores nas ruas. Seu discurso era a luta contra o capitalismo e seus símbolos, suas ações eram de enfrentamento físico com as forças policiais. Não havia demanda como no caso do MPL, mas uma performance que os isolava de qualquer outro grupo ou manifestantes individuais.

A tática dos *Black Blocs* colaborou para o início do discurso de pacificidade

<sup>85</sup> GOHN. op. cit.

<sup>86</sup> PINTO. Céli Regina Jardim. **A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015)**. Lua Nova, São Paulo. p. 119-153, 2017.

<sup>87</sup> EVANGELISTA. op. cit.

<sup>88</sup> PINTO. op; cit.

da imprensa e de alguns manifestantes sobre as manifestações. Eles atrelaram o caráter violento de junho a ações da esquerda – ou à parte da esquerda que estava nas ruas.

Apesar de serem conhecidos pela violência, em algumas manifestações, os *Black Blocs* já renunciaram dela estrategicamente. Evangelista (2015) nos dá dois exemplos desse recuo: em Washington, em 2000, preferiram apenas proteger os manifestantes da polícia; em Praga, em 2002, eles protegeram uma viatura policial dos anarcocomunistas, pois entenderam que estavam em menor número.

**Figura 7** - Integrantes dos *Black Blocs* que destruíram uma agência do Banco Itaú durante as manifestações de Junho de 2013



Fonte<sup>89</sup>

Até um dia antes de 20 de junho, a mídia jornalística que condenava as manifestações começou a dar seu apoio e, nesse mesmo dia, a Rede Globo suspende sua programação normal para a transmissão em tempo real dos diversos protestos que se espalharam pelo Brasil.

Além da transmissão das manifestações pelas grandes mídias televisivas e jornalísticas, junho foi marcado pela presença das mídias alternativas. Como sugere

---

<sup>89</sup> Imagem retirada do site Tribuna da Internet. Disponível em: <http://www.tribunadainternet.com.br/supremo-vai-decidir-se-black-blocs-podem-usar-mascaras-em-manifestacoes/> Acesso em 25 outubro de 2019.

Silveira (2015, p. 221)<sup>90</sup>, “a grande novidade de junho foi a cobertura distribuída realizada pelos próprios manifestantes e coletivos de mídia livre, como o Mídia Ninja, que mostrou ser mais versátil e informativo que os veículos da grande imprensa”. Essas mídias alternativas usavam apenas as redes sociais para o compartilhamento e a troca de informações:

Nota-se que nas manifestações ocorridas em 2013, com a utilização de redes sociais, foi possível organizar e promover a manifestação em menos de uma semana, em diversas capitais do Brasil. Assim, as manifestações não só atingiram mais de 250 mil manifestantes só em São Paulo, mas sim outros milhares em outros estados brasileiros, ocorrendo de forma simultânea. Além disso, com as redes sociais a seu favor e, conseqüentemente, a internet, as manifestações rapidamente viraram notícia no mundo inteiro, provando a imediatização em alta velocidade das informações digitais, de modo que o problema ficou conhecido mundialmente, favorecendo os manifestantes (AMÂNCIO; DE PAULA 2014. p. 9)<sup>91</sup>.

A mídia que julgou junho separou os manifestantes em dois grupos: os que estavam ali para – de acordo com ela – manifestar de verdade e os vândalos. Mas a mídia que julgou,

...também teve um papel central: na produção de conteúdo que alimentaram a construção da narrativa; na divulgação e mobilização para os eventos de protesto; e na validação da perspectiva que criminalização do PT expressa em suas reportagens e análises (Ibidem, 2018. p. 22).

Silveira (2015)<sup>92</sup> fez um levantamento sobre o compartilhamento de informações via Facebook durante as manifestações de junho. Esse levantamento apresenta a guinada dos grupos de direita na rede social e a redução gradual do compartilhamento de notícias da esquerda:

Principais páginas pela ordem de compartilhamento de postagens, no Facebook:

- Dia 6 de junho:
- 1 O Estado de S. Paulo
  - 2 Passe Livre São Paulo
  - 3 Anonymous Brasil
  - 4 NINJA
  - 5 Carta Capital

<sup>90</sup> SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Direita nas redes sociais online. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.) **Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, 304 p.

<sup>91</sup> AMÂNCIO, Marina; DE PAULA, Leandro. **A utilização das mídias digitais nas manifestações ocorridas no Brasil em 2013**. 2014. INTERCOM. Foz do Iguaçu, p. 11.

<sup>92</sup> SILVEIRA. op. cit.

6 O Globo  
 7 Recep Tayyip Erdoğan – Türkiye'nin Gururul  
 8 Diren Gezi Parkı  
 9 Folha de S.Paulo  
 10 Plínio comenta

Dia 17 de junho:  
 1 Movimento Contra Corrupção  
 2 Anonymous Brasil  
 3 O Estado de S. Paulo  
 4 A Verdade Nua & Crua  
 5 Tico Santa Cruz  
 6 Passe Livre São Paulo  
 7 Quero o Fim da Corrupção  
 8 Ninja  
 9 Luizinho Veiga  
 10 Isso é Brasil

Dia 20 de junho:  
 1 Anonymous Brasil  
 2 Movimento Contra Corrupção  
 3 Última Hora  
 4 Isso é Brasil  
 5 A Verdade Nua & Crua  
 6 A Educação é a Arma para mudar o Mundo  
 7 Rede Esgoto de Televisão  
 8 O Estado de S. Paulo  
 9 Viktor Rotgarius  
 10 TodoNatalense (SILVEIRA, 2015 p. 221)

Os dados que apontam o crescimento do acesso a páginas da direita, como o Movimento Contra a Corrupção, Rede Esgoto de Televisão (a página faz referência à Rede Globo), Quero o Fim da Corrupção, A verdade Nua e Crua, etc., são importantes para o entendimento de como essas manifestações foram em direção à direita, permitindo afirmar que

...a internet se consolidou como espaço de disputa política e plataforma de mobilização. Os partidos tradicionais da direita, de centro ou de esquerda, bem como o sindicalismo, tiveram muita dificuldade de disputar suas ideias e proposições nas redes digitais. Isso abriu espaço para novas lideranças e novos articuladores políticos a partir da internet. A esquerda foi mais lenta e menos capaz de disputar o senso comum nas redes sociais. A direita cresceu compartilhando reportagens da revista Veja, textos de Olavo de Carvalho, discursos do Bolsonaro, notícias contra a corrupção do PT combinadas às críticas contundentes às políticas sociais do governo Lula. Emergiu assim uma nova direita (IBIDEM, 2015, p 223).

Sakamoto (2013) define os manifestantes de verde-amarelo que foram às ruas da seguinte forma:

Grupos conservadores [que] se organizaram na internet para pegar carona

nos atos. Lá chegando, colocaram as mangas de fora com suas pautas paralelas. Na convocação do sétimo ato (no dia 20), após a revogação da tarifa, isso ficou bem evidente. Estavam aos milhares na Paulista e arredores, sendo uma ruidosa, chata e violenta minoria. Com um discurso superficial, que cola fácil, fez adeptos instantâneos (SAKAMOTO, 2013. p 99)<sup>93</sup>.

Os grupos citados por Sakamoto (2013) transformaram o caráter das manifestações, algo que fica claro com o *slogan* “Não é mais só por 20 centavos”. Eles saíram às ruas dizendo-se “em defesa do Brasil”, ou seja, diziam que queriam salvar o país dos escândalos de corrupção. Além disso, acusavam os governos petistas pela crise econômica que assolava o país, tornando-a um dos principais alvos das manifestações.

Os manifestantes conservadores defendiam que o movimento pela passagem se transformou em algo maior do que foi junho, pois a luta passara a ser em defesa do Brasil:

Os conservadores de São Paulo tentaram tomar os créditos das manifestações para si, visando a que todo o movimento fosse interpretado como um manifesto pela indignação contra a corrupção e o governo, o que culminou no último protesto de massa em São Paulo em 22 de junho, pelo fim da PEC 37 e posteriores protestos da classe médica contra médicos cubanos. Nesses últimos manifestos, a esquerda já havia se retraído em seu movimento, com o fim de não deixar sua luta se vincular a essa nova direita que se colocava nas ruas. E também por uma desmotivação geral, por ver as interpretações que eram feitas sobre o movimento perante a mídia, que ao fim elogiava as manifestações como um exercício democrático das pessoas insatisfeitas com o governo, porém exaltando principalmente as bandeiras levantadas pela direita que criticavam diretamente o governo federal (BRUGNAGO; CHAIA, 2015. p 105)<sup>94</sup>.

Os manifestantes ligados à esquerda política começaram, lentamente, a deixar as ruas, impulsionados principalmente pela agressividade de manifestantes que pediam a retirada de bandeiras políticas e o apartidarismo dentro das manifestações. A saída dos manifestantes da direita às ruas deu início à segunda parte das manifestações de junho. Assim, ressurgia a dicotomia explícita entre a direita, apelidada pela esquerda de “coxinhas”, e a esquerda, apelidada pela direita de “petralha”. Esse apelido faz referência à corrupção no Brasil, creditada integralmente aos políticos integrantes do PT.

A partir desta efervescência, daqueles que entoavam que “o gigante acordou” e se opunham “contra tudo isso que está aí”, começava a erigir-se um incontornável muro que separaria a sociedade brasileira nos

---

<sup>93</sup>SAKAMOTO. op. cit.

<sup>94</sup> BRUGNAGO; CHAIA. op. cit.

próximos anos. A divisão do país entre “coxinhas” e “petralhas”, que apesar de cômica ilustra dois campos não somente diferentes, mas também radicalmente antagônicos, se aprofundaria a níveis iguais ou maiores às animosidades da época do “Mensalão”, em 2005, e abriria um fosso até agora irreconciliável na sociedade brasileira. O ar de polarização que se respirou em junho se faria presente inúmeras vezes mais, com maior ou menor intensidade, a depender do momento, perpassando todos os momentos políticos do nosso país desde então (ZANINI, 2016, p. 12)<sup>95</sup>.

### 3.2 As Manifestações em 2014: da Copa às eleições

Em 2014, o Brasil foi sede da Copa do Mundo de Futebol Masculino. No primeiro jogo da competição, em 12 de junho, no estádio do Maracanã, mais uma vez houve uma imensa vaia quando anunciaram a presença de Dilma Rousseff. Quase um ano após a primeira vaia, o país já se encontrava em um momento completamente diferente em relação às Jornadas de Junho:

Após as manifestações de junho de 2013, a dicotomia na participação política brasileira ganhou um novo capítulo em sua história. A identificação das pessoas entre esquerda e direita refluíu. Após a população tomar as ruas em torno de todas as suas insatisfações, as diferenças ideológicas dentro das próprias manifestações rapidamente começaram a transparecer, até o movimento implodir, rachando a massa de pessoas em dois rumos de militância com caminhos totalmente opostos (BRUGNAGO; CHAIA, 2015. p. 102)<sup>96</sup>.

Os manifestantes que foram às ruas durante o ano de 2014 eram contra os gastos feitos pelo governo para a realização da Copa do Mundo de Futebol, questionando os casos de superfaturamento de estádios e de obras inacabadas nas cidades que sediarão o megaevento da Copa.

Nesse contexto, é emblemático o protesto de 12 de junho de 2014 em São Paulo, dia do jogo de abertura da Copa do Mundo. O protesto foi reprimido fortemente pela polícia antes mesmo que se formasse por completo no local marcado para a concentração. Neste protesto, assim como em outros do mesmo período em São Paulo e no Rio de Janeiro, ficou evidente que agentes das forças de segurança objetivaram atingir não apenas manifestantes, mas também profissionais de mídia que faziam a cobertura do ato, inclusive resultando em ao menos quatro correspondentes de veículos internacionais feridos (MARQUES; LIMA, 2015 p. 17)<sup>97</sup>.

<sup>95</sup> ZANINI, Heithor. **O ano em que a esquerda perdeu as ruas**: crise do governo Dilma em 2015. 2016. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília. Brasília, 2016

<sup>96</sup> BRUGNAGO; CHAIA. op. cit.

<sup>97</sup> MARQUES, Camila; LIMA, Julia (Org.). **As ruas sob ataque**: protestos 2014 e 2015. São Paulo: Article 19, 2015. 195 p.

A Copa se tornou o mal a ser combatido no governo Dilma. Junto a isso, crescia cada vez mais o sentimento antipetista em parte da população brasileira de direita que começou a aflorar pelo país. Além das vaias contra Dilma, os “panelaços”<sup>98</sup> se iniciaram nesse ano e se tornaram ainda mais comuns em 2015.

A novidade em 2014 é que o campo da centro-esquerda estava desorganizado e o campo da centro-direita tomava a dianteira, sendo capaz de, a partir da exploração de um sentimento anti-Dilma, construir um discurso popular pautado por palavras de baixo calão, panelaços nas janelas de prédios de classe média, xingamentos machistas contra a presidenta e até uso pornográfico de sua imagem (PINTO, 2015, p. 144)<sup>99</sup>.

Os panelaços se tornaram mais frequentes e maiores com o passar dos meses; porém, os protestos não se resumiam a bater panelas. Segundo Zanini (2016, p. 16)<sup>100</sup>, eles eram compostos por “barulhos ensurdecedores de panelas batendo, luzes de apartamento ligando e desligando intermitentemente, carros buzinando sem parar, e vários gritos de ‘Fora, Dilma’, ‘Fora, PT’ e alguns insultos de moradores das vizinhanças”.

Os panelaços foram não só pela inconformidade de Dilma – e consequentemente o PT – ter se mantido no governo após as eleições de 2014, mas pelo incômodo que setores da classe média alta sentiam com a ocupação de lugares que, até então, eram de sua exclusividade:

A reação dos favoráveis ao governo foi de tentar minimizar a importância do protesto e, até, de ridicularizá-lo. Em nota oficial, o Partido dos Trabalhadores declarou que o panelaço teria sido “uma orquestração com viés golpista da elite e da classe média alta” (ZANINI, 2016, p. 17).

A disputa pelo segundo turno das eleições de 2014 se deu entre Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT) e teve a diferença de votos mais apertada da história do Brasil:

Em 2014, a campanha para as eleições presidenciais e a reeleição de Dilma Rousseff no segundo turno por uma diferença de 3,28% dos votos (TSE, 2016) não apontavam rearticulação do discurso de centro-esquerda, mas o contrário, o fortalecimento do discurso de centro-direita, que, durante as eleições e principalmente durante a campanha para o segundo turno, tomou as ruas dos bairros de classe média e média alta de todo o país. (PINTO, 2015, p. 145).

Com o fim das eleições, cresceram cada vez mais, nas redes sociais, os

---

<sup>98</sup>Nesse período, os “panelaços” foram manifestações feitas, principalmente, por setores das classes médias de dentro das suas casas e apartamentos contra os discursos da presidenta Dilma, transmitidos pelas emissoras de televisão.

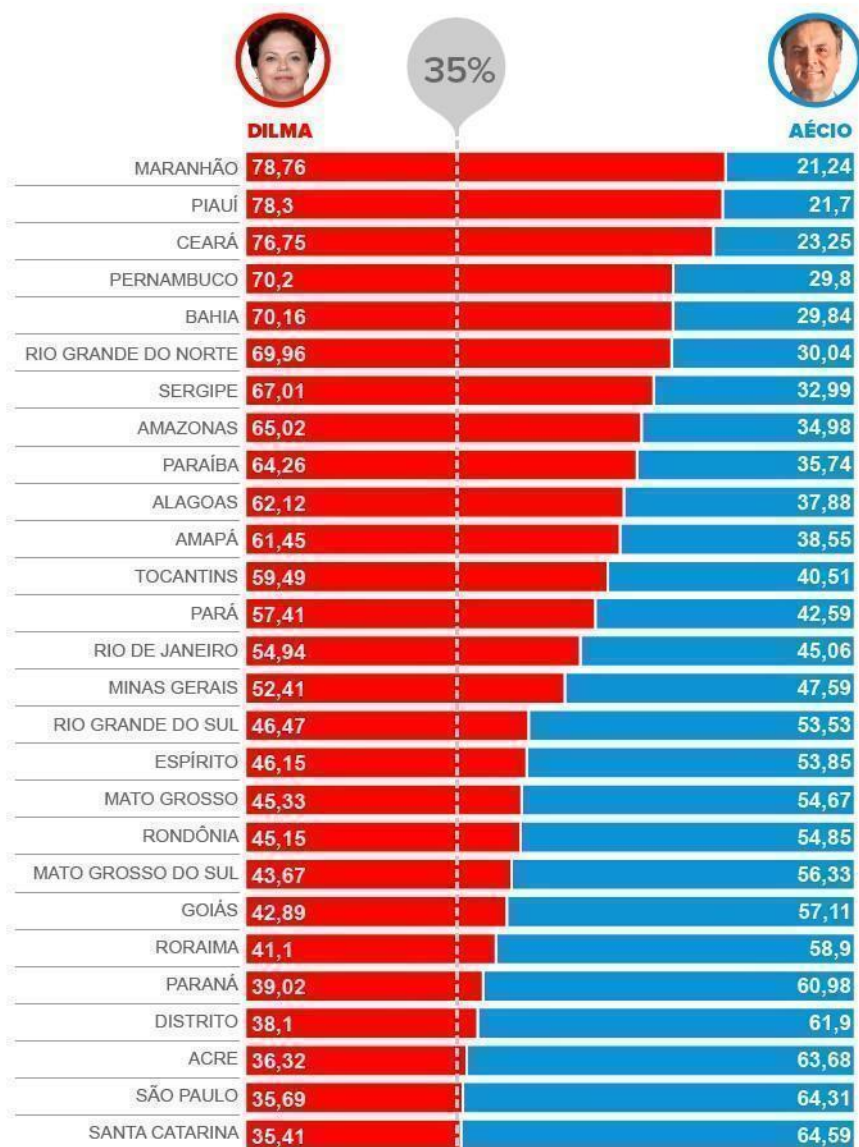
<sup>99</sup> PINTO. op. cit.

<sup>100</sup> ZANINI. op. cit.

discursos de ódio ao PT e aos que foram apontados como os maiores culpados pela reeleição de Dilma Rousseff, a exemplo dos nordestinos, como se pode ver a seguir:

### Gráfico 1 – Resultado, por estado, do segundo turno das eleições de 2014

#### DILMA SUPERA 35% DOS VOTOS VÁLIDOS EM TODOS OS ESTADOS



Fonte<sup>101</sup>

A divisão do país ficou evidente: os “petralhas”, de acordo com a direita “cozinha”, contaram com apoio de ignorantes (referiam-se principalmente aos nordestinos), que votaram no PT por causa do Bolsa Família e outros programas

<sup>101</sup> A eleição em números. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/blog/eleicao-em-numeros/> Acesso 25 outubro 2019.

assistencialistas que foram implementados durante as quatro gestões do partido. Aí começamos a ter clareza de quem eram os manifestantes que foram para as ruas: De acordo com Marques e Lima (2015), “a polarização pós-eleitoral passou também para as ruas, fazendo emergir ou consolidar grupos e movimentos que se reivindicam como conservadores, ou que explicitamente se identificam com a direita política” (MARQUES; LIMA, 2015, p. 18).

A divisão da população brasileira fica aparente quando vemos que o discurso que associava o PT “com a corrupção e os ‘perigos do comunismo’” permitiu formar uma frente ampla de direita que se articulou na construção de uma identidade de um “nós” (“cidadãos de bem”) em oposição a “eles” (esquerda, petistas, comunistas)” (PENTEADO; LERNER, 2018, p. 22)<sup>102</sup>.

### 3.2.1 Os protestos pró-impeachment na capital do Brasil e no Rio Grande do Sul

Para muitos autores e movimentos sociais, Junho de 2013 nunca acabou: ele continuou nos anos que se seguiram, até os dias de hoje. Como em junho daquele ano, a cidade de São Paulo e a sua famosa Avenida Paulista protagonizaram um novo momento em 2014: primeiro, saíram às ruas manifestando-se contra a Copa do Mundo de 2014; posteriormente, iniciaram os pedidos pelo impeachment de Dilma.

É interesse observar a diferença dos modelos de manifestações entre 2014 e 2013: de manifestações extremamente violentas em algumas cidades (2013) para momentos em que os manifestantes posam para fotos junto à polícia (2014). Nesse momento, foi marcante a organização de manifestações nos finais de semana e o clamor por atos *#semviolencia*<sup>103</sup>

Apesar de o início das manifestações ter de dado com São Paulo e a cidade ter vivenciado os maiores protestos do Brasil, nesta parte do trabalho abordaremos apenas aspectos mais gerais das manifestações. Iremos nos concentrar nas manifestações que ocorreram em Brasília e nas cidades gaúchas estudadas nesta

<sup>102</sup> PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; LERNER, Celina. **A direita na rede: mobilização no impeachment de Dilma Rousseff**. Debate, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.12-24, abril 2018

<sup>103</sup> Essa frase é uma *hashtag* que foi muito compartilhada durante essas manifestações da direita. *Hashtag* é uma palavra-chave antecedida pela cerquilha (#), que é usada nas redes sociais, principalmente pelo *Twitter*, que deu início ao uso delas. Quando uma *Hashtag* é feita, ela é, automaticamente, transformada em um hiperlink que direciona quem está lendo ou vendo o conteúdo para assuntos relacionados que tenham a mesma *Hashtag*.

pesquisa.

Em São Paulo, as manifestações de 2014 contra a Copa do Mundo começaram no dia 25 de janeiro, com 135 pessoas detidas e 22 jovens baleados pela polícia militar, que acompanhava o protesto. Na segunda manifestação, no dia 22 de fevereiro, o ato denominado “Não vai ter Copa” reuniu cerca de mil pessoas, das quais 120 foram detidas e, durante confronto entre manifestantes e polícia, cinco policiais e dois manifestantes foram feridos. Já no ato nacional do dia 12 de junho, na abertura da Copa em São Paulo, 31 pessoas foram presas e seis foram feridas, entre elas jornalistas. A manifestação, que era dividida entre vários lugares da cidade, reuniu cerca de mil pessoas no total.

Contra o impeachment e o ajuste fiscal proposto pelo governo e em defesa da Petrobras, a CUT, a UNE e o MST reuniram cerca de 12 mil manifestantes, que foram às ruas no dia 13 de março de 2015. Em resposta a ela, no dia 15 de março, houve uma manifestação que contou com, aproximadamente, um milhão de pessoas na cidade de São Paulo<sup>104</sup>.

Em 12 de abril de 2015, 275 mil pessoas pediram que Dilma renunciasse; no dia 15, a esquerda e as centrais sindicais foram às ruas do país contra a regulamentação da terceirização do trabalho. No dia 17 de agosto de 2015, 350 mil manifestantes pró-impeachment foram para a Avenida Paulista. Já no dia 20, cerca de 40 mil pessoas saíram em defesa do governo de Dilma e contra o ajuste fiscal.

Das quatro principais cidades estudadas nesta pesquisa, começamos com Brasília, a cidade sede do governo e de todos os seus ministérios.

### 3.2.2 O Distrito Federal sai às ruas

Sendo uma das cidades-sede da Copa do Mundo, Brasília teve uma série de manifestações contra o evento, as quais, rapidamente, voltaram-se contra o governo.

Nesse ano, também acontecia na cidade a segunda Jornada de Lutas da Juventude, organizada pela UNE, que reuniu cerca de 40 entidades de diversos movimentos sociais e estudantis. No dia 26 de março, dois mil estudantes que

---

<sup>104</sup>15 de março: Os protestos pelo Brasil. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/03/15-de-marco-os-bprotestos-pelo-brasilb.html>. Acesso em 24 de fevereiro de 2020.

estavam nas jornadas protestaram em frente ao Congresso Nacional, pedindo pelos 10% do PIB para a educação e pela instituição do passe livre no transporte público, além de se manifestarem contrários à realização da Copa.

Em 15 de maio do mesmo ano, a manifestação teve início pela manhã, na qual o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto tentou entrar em um prédio público da empresa Terracap, que foi a responsável pela construção do Estádio Mané Garrincha; no entanto, os manifestantes foram rapidamente retirados pela polícia. À tarde, 200 pessoas ocuparam o Eixo Monumental e seguiram para o mesmo estádio, sede da Copa do Mundo na cidade, e colocaram cruces de madeira em protesto à morte de oito operários durante a construção e reformas das arenas de futebol para a Copa.

No primeiro dia do Mundial em Brasília, houve um protesto de 80 pessoas fora do estádio Mané Garrincha, que tentaram fechar uma rua que dava acesso ao local de festa da Copa. Os policiais apreenderam cartazes, detiveram duas pessoas e usaram *spray* de pimenta para conter os manifestantes. Já em 15 de junho, os manifestantes foram novamente às ruas:

Na concentração do protesto, na Rodoviária do Plano Piloto, os organizadores estenderam faixas e ergueram cartazes com mensagens contra o evento esportivo escritas em português, inglês e espanhol. Uma delas ironizava o Mundial, dando boas-vindas aos torcedores à "Copa das Manifestações". Em outra mensagem estava escrito "Dilma, escuta, na Copa vai ter luta".<sup>105</sup>

No ano seguinte, em 12 de março de 2014 outros manifestantes, agora vestidos de verde e amarelo e apoiados, principalmente, pelo movimento "Vem Pra Rua", começaram a ir para as ruas pedindo a saída de Dilma, posicionando-se contra a corrupção e a favor da intervenção militar. Em Brasília, foram cerca de 45 mil pessoas.

Houve intervenção da polícia em apenas um momento dessa manifestação, e foi quando um homem apoiou a presidenta Dilma publicamente através de um cartaz. Por causa disso, ele foi hostilizado pelos manifestantes e teve que pedir para a polícia retirá-lo em segurança do local. Outro homem, também apoiador de Dilma,

---

<sup>105</sup> FORMIGA; Isabella; MOREIRA, Ricardo. **Protesto contra a Copa em Brasília tem "apitaco" e jogo de futebol na rua**. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/06/manifestantes-contrarios-copa-promovem-apitaco-em-brasilia.html> Acesso em 25 outubro de 2019

agrediu alguns manifestantes e foi preso.

Façamos aqui um adendo sobre alguns jovens e estudantes que estavam organizando os atos pró-impeachment. No mesmo dia 12 de março, a *Revista Fórum*<sup>106</sup> lançou uma reportagem sobre quem organizava as manifestações pelo impeachment e citou o Estudantes Pela Liberdade. De acordo com a reportagem, esse movimento teria interesses próprios com a queda de Dilma, já que era patrocinado por uma corporação petroleira norte-americana que tinha interesse em atingir a Petrobras.

No artigo, a revista cita a ligação de integrantes do MBL com a rede Estudantes Pela Liberdade, como Luan Sperandio Teixeira, colunista do MBL e colaborador do EPL, e Fabio Ostermann, coordenador do MBL-RS e cofundador da rede EPL. Durante as manifestações, sempre foi claro o objetivo do MBL: derrubar o PT e “usar o impeachment da presidenta Dilma Rousseff para fazer surgir um movimento ‘libertário’ no Brasil, que possibilite a desregulamentação da economia brasileira, a partir de privatizações e cortes de gastos públicos”<sup>107</sup>.

O MBL é criado e financiado pela *Students for Liberty*. Em uma entrevista, o diretor executivo (do ano de 2015) da rede EPL deixou clara a ligação deles com o Movimento Brasil Livre<sup>108</sup>:

Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a Atlas e a Students for Liberty, por uma questão de imposto de renda lá, eles não podem desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: ‘Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. Então juntou eu, Fábio [Ostermann], juntou o Felipe França, que é de Recife e São Paulo, mais umas quatro, cinco pessoas, criamos o logo, a campanha de Facebook. E aí acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir, já tinha mais de 10 mil likes na página, panfletos. E aí a gente encontrou o Kim [Kataguirí] e o Renan [Haas], que afinal deram uma

---

<sup>106</sup> Quem está por trás do protesto pró-impeachment. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/quem-esta-por-tras-do-protesto-pro-impeachment/> Acesso em 25 outubro de 2019.

<sup>107</sup> Movimentos usam o impeachment como ponte para desregulamentação da economia. Disponível em: <https://medium.com/democratize-m%C3%ADdia/movimentos-usam-o-impeachment-como-ponte-para-desregulamenta%C3%A7%C3%A3o-da-economia-4838658eabd7> Acesso em 25 outubro de 2019

<sup>108</sup> Atlas e Students For Liberty: quem são as pessoas que financiam os protestos do dia 13? Disponível em: <https://www.ocafezinho.com/2016/03/13/atlas-e-students-for-liberty-quem-sao-as-pessoas-que-financiam-os-protestos-do-dia-13/> Acesso em 25 outubro de 2019.

guinada incrível no movimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo. Inclusive, o Kim é membro da EPL e foi treinado pela EPL também. E boa parte dos organizadores locais é membros dela. Eles atuam como integrantes do Movimento Brasil Livre, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança.<sup>109</sup>

O MBL também tinha ligação com outro movimento pró-impeachment, o Vem Pra Rua, de cuja fundação e financiamento vários ex-membros brasileiros da *Students for Liberty* foram participantes ativos<sup>110</sup>.

Já no dia 13 de março, foi a vez da CUT, da CTB e do MTST saírem em manifestação em defesa do mandato de Dilma com cerca de 600 pessoas. Na manifestação seguinte, em 7 de abril, a UNE se juntou ao movimento, que também contou com o apoio do PT, e cerca de 2,5 mil pessoas saíram às ruas. O conflito com a polícia se deu por causa do caminhão de som: ela tentou impedir que o caminhão fosse deixado na entrada da chapelaria do Congresso; além disso, cinco manifestantes foram detidos no ato.

No dia 12 de abril, os protestos verde-amarelos contaram com 25 mil pessoas. Um morador de rua foi preso nessa manifestação por ter empurrado manifestantes que eram contrários à gestão da presidenta. Pediam, assim como na manifestação anterior, a intervenção militar e o impeachment.

Antes que acontecessem as duas últimas manifestações em Brasília, Eduardo Cunha, presidente da Câmara, autorizou, em 2 de dezembro, o início da abertura do processo de impeachment de Dilma.

Em 13 de dezembro, manifestantes queimaram um caixão que remetia ao PT, que continha imagens da presidenta. O evento reuniu cerca de seis mil pessoas e, de acordo com uma participante do evento que representava o MBL, Patricia Iara Almeida,

...a manifestação deste domingo é um "esquenta para o impeachment" e que tem como objetivo acordar a população. "Precisamos pressionar o governo, os parlamentares e o STF [Supremo Tribunal Federal]. Eles devem fazer a vontade do povo. Essa manifestação não tem intenção de ser grande. Já estamos marcando uma data para um mega protesto. Só

<sup>109</sup> AMARAL, Marina. **A nova roupa da direita**. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em 25 outubro 2019.

<sup>110</sup> Movimentos usam o impeachment como ponte para desregulamentação da economia. Disponível em: <https://medium.com/democratize-m%C3%ADdia/movimentos-usam-o-impeachment-como-ponte-para-desregulamenta%C3%A7%C3%A3o-da-economia-4838658eabd7>. Acesso em 25 outubro de 2019

queremos que a lei seja cumprida"<sup>111</sup>.

### Figura 8 - Pedido de Intervenção Militar



Foto: Filipe Matoso/G1

Na defesa de Dilma, e da democracia, cerca de três mil pessoas, contrárias ao impeachment, saíram às ruas no dia 12 de dezembro. Para os seus apoiadores, o impeachment era um golpe.

### Figura 9 - Dilma Fica



Foto: Jéssica Valença/TV Globo

<sup>111</sup> Ato pró impeachment de Dilma no DF termina com queima de "caixão do PT". Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/12/manifestacao-pro-impeachment-de-dilma-fecha-centro-de-brasilia.html> Acesso em 25 outubro de 2019.

Uma análise que chama a atenção sobre as manifestações em Brasília é a de Paulo Kogos, colunista do Instituto Mises Brasil, por participar do movimento anarcocapitalista (que não foi visto durante as manifestações) e antipolítico. Em sua coluna de 19 de março, Kogos, contrário aos protestos que estavam ocorrendo, defendeu que houve uma forte manipulação para que os protestos levassem milhares de pessoas às ruas, tanto em 2013 quanto em 2015:

As manifestações ocorridas em março de 2015, assim como as de junho de 2013, são uma das mais ardilosas jogadas do establishment. E, por establishment, refiro-me ao sistema de escravização em massa conhecido como estado, e não às suas principais marcas-fantoches, como PT e PSDB. Estes, vale ressaltar, são aliados formais desde 1993, quando o Foro de São Paulo e o Diálogo Interamericano firmaram o Pacto de Princeton. [...] As mesmas pessoas que criticaram pesadamente os protestos de 2013, protagonizados pelo Movimento Passe Livre e pelo PSTU, tecem elogios esperançosos a respeito das manifestações de 2015, que contaram com o apoio de líderes tucanos como Aécio Neves. A população está depositando na própria política e nos mecanismos democráticos suas esperanças de um futuro melhor. Está implorando por clemência e respeito como um pedinte faminto. Estes movimentos — alguns financiados por grupos de interesse poderosos — demonstram que o povo brasileiro decaiu do estágio de temor das autoridades estatais para o de respeito a elas. Falta pouco para o estágio de adoração. É uma derrota para a liberdade. [...] as manifestações orquestradas incutem nas pessoas uma cultura de participação política, de aceitação passiva das nefandas instituições democráticas e de obediência à legislação. [...] A natureza dos protestos de março de 2015 não apenas foi pacífica, mas também passiva. [...] Se as manifestações fossem espontâneas, refletindo assim os sentimentos que afloram quando um indivíduo reflete moralmente e tenta proteger sua família, o resultado seria uma efetiva onda de desobediência civil, sonegação em massa e boicotes ao estado. Isso não acontecerá enquanto houver a sujeição ao status quo, sujeição essa que impede que ocorra qualquer movimento de grande magnitude que se desenvolva de baixo para cima. A grande maioria das pessoas que lá estavam nas passeatas de março é formada por pessoas boas, honestas, trabalhadoras, que foram enganadas e manipuladas. Mas os articuladores do movimento são traidores. Não traidores da Pátria (eu não me importo com a Pátria); são traidores do povo. Traidores dos seres humanos escravizados em nome dessa abstração chamada Brasil, a serviço desse súcubo maligno chamado democracia.<sup>112</sup>

### 3.2.3 Manifestações em Porto Alegre

Saindo do Centro-Oeste para o Sul do Brasil, temos a participação de Porto Alegre nas manifestações contra a Copa, já que era uma das cidades-sede do

<sup>112</sup> KOGOS, Paulo. **Manifestações**: saudáveis para o estado, não para você. Disponível em: <https://www.mises.org.br/article/2056/manifestacoes-saudaveis-para-o-estado-nao-para-voce>. Acesso em 25 outubro de 2019.

evento, ou seja, receberia alguns jogos da competição. Nas manifestações contra o impeachment, diferentemente da violência policial que foi vista em 2013, os atos foram gradualmente se transformando.

O Bloco de Lutas continuou atuando na cidade, chamando a população para os atos que seguiram contra a realização da Copa. Sobre o início dessas manifestações, Luz (2016)<sup>113</sup>, em sua dissertação, não só apresenta a sequência dos atos de 2014 como explana sua própria visão sobre os eventos, já que participava do Bloco de Lutas:

Em janeiro de 2014, o Bloco [de lutas] voltou a organizar manifestações. No dia 23, em uma quinta-feira, foi realizado o primeiro protesto do ano, repetindo o que fora feito em 2013: iniciar as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte por ônibus antes mesmo que o pedido fosse encaminhado à Prefeitura Municipal. Nesse dia, o protesto contou com participação de grande número de pessoas, com violência a alguns objetos ao longo do trajeto percorrido, como o ateamento de fogo em um contêiner de lixo e o apedrejamento da fachada de um banco. Também foi um dos primeiros protestos em que a contrariedade à realização da Copa do Mundo no Brasil passou a assumir mais centralidade nas pautas defendidas (Ibidem, 2016, p 56).

No dia 31 de janeiro de 2014, os manifestantes são convocados pelo Bloco de Lutas para irem ao ato em apoio à greve dos servidores rodoviários de Porto Alegre, deflagrada em 27 de janeiro. No decorrer da manifestação, não houve nenhum ataque da polícia.

Um mês depois desse ato, uma nova manifestação é convocada, pois a Prefeitura Municipal de Porto Alegre convocou uma audiência pública com a pauta da licitação do transporte. No entanto, a prefeitura permitiu o acesso de apenas 200 pessoas à assembleia, por meio de distribuição de fichas e inscrição.

O Bloco não entendeu como legítima essa audiência, pois,

...por seu caráter meramente consultivo (não deliberativo), não permitia uma participação efetiva da sociedade na discussão do transporte, decidimos em assembleia que a postura adotada seria de denunciá-la como um espaço não democrático, cobrando que fosse realizada uma discussão acerca do tema na qual as pessoas tivessem possibilidades reais de influenciar nas decisões (Ibidem, 2016, p. 59).

A sessão nem chegou a iniciar, pois, antes do início da audiência, os

---

<sup>113</sup> LUZ, Tiago Pires Fidelis da. **Não vai ter Copa ou não vai ter protesto?: estudo acerca de dois protestos distintos contra a Copa do Mundo em Porto Alegre.** 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) - Faculdade de Direito. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016

manifestantes se organizaram em dois grupos: um ficou dentro da Câmara e o outro viria em passeata. Como choveu no momento do ato, a concentração da manifestação se deu em frente ao Legislativo municipal. Segundo Luz (2016, p. 60), houve uma pressão para que os portões fossem abertos:

Os portões estavam fechados, e recebíamos notícias daqueles que estavam dentro de que havia espaços vazios. Iniciou-se uma pressão para que os portões fossem abertos. Da mesma forma, quem estava dentro da Câmara cobrava que fosse autorizado o ingresso daqueles que estavam fora. Havia, do lado de fora dos portões, além de militantes do Bloco, moradores de regiões da cidade distantes do centro, como os bairros Lomba do Pinheiro e Restinga, membros da imprensa, integrantes do Conselho Municipal de Transporte Urbano (COMTU) e autoridades municipais, todos impedidos de acessar o prédio. Após mais de uma hora de tensão, com vários focos de iminência de confronto entre integrantes do Bloco que estavam do lado de fora do portão e membros da Guarda Municipal que estavam do lado de dentro [...] foi anunciado que a audiência seria cancelada e reagendada para o dia 10 de março, no Ginásio Osmar Fortes Barcellos (já havia decisão no processo judicial modificando para o fim de março o prazo para publicação do edital). Ainda houve tensão na hora da saída das pessoas que estavam dentro da Câmara, pois, com os portões fechados, não conseguiam deixar o prédio, tendo havido inclusive relatos de agressões físicas sofridas por pessoas estavam tentando sair da Câmara.

Na audiência seguinte, no dia 10 de março, que ocorreu no Ginásio Municipal Osmar Fortes Barcellos<sup>114</sup>, o Bloco de Lutas novamente concordava que a licitação seria apenas para legalizar o que se dava na cidade há anos: permitir que as mesmas empresas de transporte atuassem na cidade. Por isso mesmo, decidiu por inviabilizá-la.

Antes do início da sessão, já havia se iniciado um tumulto do lado de dentro e do lado de fora da Câmara. Houve confronto entre os manifestantes e a guarda municipal, resultando na prisão de algumas pessoas. Para Luz (2016, p. 64),

...poucos dias a seguir, foi anunciada a conclusão do inquérito policial no qual se realizaram buscas e apreensões no dia 1º de outubro de 2013. No dia 14 de março de 2014, a sexta-feira seguinte, seis pessoas ligadas ao Bloco foram indiciadas pelos crimes de posse e emprego de explosivos, furto qualificado, dano simples, dano qualificado, lesão corporal e formação de milícia privada. A polícia admitiu que não havia elementos que indicassem que os seis integrantes do Bloco haviam cometido diretamente os delitos pelos quais eram indiciados, mas que teriam exercido comando sobre as ações de quem cometera atos de depredação, violência e furtos em manifestações.

---

<sup>114</sup> Mais conhecido como Ginásio tesourinha, é um ginásio poliesportivo que tem a capacidade para oito mil pessoas.

A manifestação seguinte, no dia 2 de abril, gerou uma reação violenta da Brigada Militar, tal como havia sido em junho de 2013. Com isso, o Bloco de Lutas começou a pensar em maneiras de evitar que essa violência voltasse a ocorrer. Então, levou a discussão para outra reunião a ser realizada com os movimentos sociais da cidade na Praça Montevideu, em frente à Prefeitura Municipal. Nesse dia, decidiu-se, em assembleia popular, pela ocupação da praça, que durou oito dias.

Como em 2013, o Grupo RBS (filial à Rede Globo de Televisão) tratava os manifestantes como vândalos em suas reportagens enviesadas, ao mesmo tempo em que legitimava as ações da Brigada Militar, da Guarda Municipal e da Prefeitura de Porto Alegre. Em função disso, em 8 de maio, ocorreu uma manifestação em que se pleiteava a democratização da mídia, posicionando-se contra o Grupo RBS (LUZ, 2016). Esse ato foi marcado pelo diálogo com os *Black Bloc*.

Como em outras cidades brasileiras, o primeiro ato contra a Copa do Mundo em Porto Alegre foi marcado para 12 de junho. Nesse ato, a organização não se concentrou mais apenas no Bloco de Lutas, mas diversos movimentos sociais participaram. Essa manifestação ocorreu três dias antes da primeira partida do campeonato que aconteceria na cidade.

A manifestação seguia sem nenhum caso de violência ou depredação do patrimônio; no entanto, quando passaram em frente à loja do *McDonald's*, alguns dos manifestantes começaram a destruir o local. A partir daí, deu-se início à depredação direcionada a materiais sobre a Copa do Mundo de Futebol. Apesar desses episódios, a Brigada Militar não interveio durante a manifestação.

O ato seguinte, em 18 de junho, foi marcado pelo forte policiamento no local. Embora não passassem de 200, os manifestantes foram revistados. Porém, durante a caminhada, houve um cerco da Brigada contra os manifestantes, que durou 30 minutos:

Nesse momento, quando ficou claro que a marcha iria em direção à avenida Senador Salgado Filho, policiais estenderam uma fita ao longo da via e posicionaram-se alguns metros além, ocupando todo o espaço de trânsito da via. A caminhada iniciou. Quando os primeiros manifestantes ultrapassaram a fita, ao menos quatro bombas de efeito moral foram arremessadas pelos policiais em direção à manifestação. Ao menos oito pessoas foram feridas por estilhaços, três delas sendo jornalistas que cobriam a manifestação. Imediatamente, olhei em volta procurando uma rota de saída do local, e percebi que, em poucos segundos, todas as possíveis saídas estavam completamente bloqueadas por policiais. [...] O cerco durou aproximadamente trinta minutos. Durante esse período, houve

muita tensão, pois ninguém sabia exatamente qual seria a postura adotada pela polícia caso tentássemos sair do espaço por qualquer um dos caminhos bloqueados. A expectativa era de que qualquer tentativa de sair da região fosse respondida com mais violência por parte da polícia [...] após alguns contatos telefônicos, conseguiu uma autorização para que fôssemos embora sem realizar o protesto. Deveríamos sair pela rua Avaí, a qual seria liberada e dispersar a manifestação no largo Zumbi dos Palmares. [...] Durante esse caminho, as ruas que possivelmente poderiam servir de saída do trajeto estavam todas bloqueadas por policiais militares. Também, vários policiais acompanhavam de perto a caminhada até o largo Zumbi dos Palmares, pela retaguarda. Quando um manifestante passou a conceder uma entrevista, criticando a postura adotada pela Brigada Militar como antidemocrática, violadora de direitos e ditatorial, vários dos soldados que caminhavam pouco atrás começaram a bater os cassetetes em seus escudos (LUZ, 2016, p. 81).

Em 2015, as manifestações em Porto Alegre, assim como em todo o Brasil, mudaram de pauta: tornaram-se a luta contra a “corrupção do governo corrupto petista”. Os “Manifestantes gritavam: ‘Impeachment’, ‘Fora PT’, ‘Dilma renuncia’, ‘Fora PT’ e ‘Alguém acha que a Dilma não sabia de nada?’”. Nas faixas, frases como ‘Impeachment já’, ‘Mais Brasil, menos PT’, ‘Mais solidariedade, menos corrupção’ e ‘Justiça’<sup>115</sup>.

A manifestação do dia 15 de março de 2015 ocorreu no Parque da Redenção: de manhã, a manifestação contou com manifestantes pró-Dilma; à tarde, os manifestantes chegaram vestidos de verde e amarelo (os “coxinhas”) para o protesto contra o governo Dilma. A manifestação contou com a participação de 100 mil pessoas. De acordo com o organizador do ato da parte da tarde,

Fábio Ostermann, representante do Movimento Brasil Livre no Rio Grande do Sul, [...] o protesto superou as expectativas. “Demonstra que o governo passou dos limites. Todos vieram de forma pacífica, de livre e espontânea vontade. Não temos grandes partidos ou sindicatos por trás. Queremos um país livre de corrupção. Sabemos que o impeachment depende do Congresso, mas o povo nas ruas é um sinal para eles [políticos]”<sup>116</sup>.

<sup>115</sup> FREITAS, Caetano. **Manifestação contra o governo reúne milhares em Porto Alegre.** Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/03/manifestantes-contra-o-governo-se-reunem-em-parque-de-porto-alegre.html><http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/03/manifestantes-contra-o-governo-se-reunem-em-parque-de-porto-alegre.html> Acesso em 25 dezembro de 2019.

<sup>116</sup> FREITAS, Caetano. **Manifestação contra o governo reúne milhares em Porto Alegre.** Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/03/manifestantes-contra-o-governo-se-reunem-em-parque-de-porto-alegre.html><http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/03/manifestantes-contra-o-governo-se-reunem-em-parque-de-porto-alegre.html> Acesso em 25 dezembro de 2019.

**Figura 10** - Vista aérea da concentração no Parcão



Foto: Reprodução/RBS TV

No domingo, dia 16 de agosto, houve mais uma manifestação verde e amarela na capital gaúcha. Nela se via a pauta do impeachment ou o “fora Dilma” como uma das principais dentro do movimento.

Em 13 de dezembro, num domingo à tarde, mais uma manifestação pró-impeachment ocorreu em Porto Alegre, a última do ano, que reuniu cerca de 500 pessoas, cerca de 10 vezes menos do que a organização do ato previa<sup>117</sup>.

### 3.2.4 O interior nas ruas: Santa Maria e Rio Grande

Do Rio Grande do Sul, trazemos o exemplo das duas cidades interioranas que também constituem o objeto de estudo desta pesquisa: Santa Maria, na região central, e Rio Grande, na região sul.

Como é costumeiro em Santa Maria, o aumento da passagem do ônibus foi

---

<sup>117</sup>Manifestação pró-impeachment em Porto teve discurso de três deputados. Disponível em: <http://www.osul.com.br/protesto-contr-o-governo-em-porto-alegre-reune-centenas-de-pessoas-na-redencao/>. Acesso em 25 outubro de 2019.

dado durante as férias escolares dos estudantes universitários. Em Santa Maria, o primeiro ato após 2013, que tinha a pauta da passagem de ônibus, ocorreu em 4 de fevereiro de 2014, contra o aumento de 25 centavos na tarifa da passagem de ônibus e contra a precarização do trabalho dos motoristas e cobradores dos ônibus da cidade.

Em 20 de fevereiro, a segunda manifestação, organizada pelo DCE, tinha como pauta o preço da passagem de ônibus na cidade. No final da manifestação, 21 pessoas foram feridas, sendo 18 manifestantes e três policiais, além de terem detido dois manifestantes.

Antes da primeira manifestação da direita na cidade, que ocorreu em 2015, destacamos a articulação que foi feita entre os representantes do Estudantes Pela Liberdade, o Clube Farroupilha e a associação de comerciantes. Nessa articulação, foi apresentado o movimento que vinha acontecendo no Brasil e chegava a Santa Maria. Acompanhando o movimento nacional, ocorreu, no dia 15 de março, uma manifestação com 10 mil pessoas, a qual se posicionava contra a corrupção e pedia a renúncia de Dilma, tendo sido organizada por empresários, profissionais liberais, ruralistas e estudantes ligados ao Clube Farroupilha.

O ato do dia 12 de abril contou com a participação de 2 mil pessoas. Esse ato, além de ter levado as pautas nacionais de “Fora Dilma” e “Fora PT”, passou em frente à casa da avó materna de Bernardo Boldrini<sup>118</sup>, Jussara Uglione, onde se fez um minuto de silêncio, seguido de gritos pedindo por justiça. O final desse ato se deu na Basílica da Medianeira, a santa padroeira da cidade, onde os manifestantes rezaram.

Em Rio Grande, as manifestações foram menores que em Santa Maria. No dia 15 de março de 2015, apenas 150 pessoas foram às ruas contra a presidenta Dilma e contra os casos de corrupção da Petrobras. Ainda menos que a anterior, a manifestação do dia 12 de abril de 2015 contou com menos de 60 pessoas pedindo a saída de Dilma do governo e o fim da corrupção.

### 3.3 O impeachment de Dilma Rousseff

Começamos esta parte do capítulo com as impressões de Ryan McMaken,

---

<sup>118</sup> O caso de Bernardo Boldrini, ficou conhecimento nacionalmente em 2014. Quando tinha 11 anos, foi assassinado pela sua madrasta na cidade de Frederico Westphalen, interior do Rio Grande do Sul.

colunista do Mises Brasil, sobre o impeachment que representa as pessoas que foram contrárias ao governo da petista:

A esquerda mundial está inconsolada. Em decorrência do impeachment da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, toda a esquerda se uniu para declarar, em uníssono, que o impeachment de Dilma foi um "golpe antidemocrático".[...] O curioso é que, pela lógica desse raciocínio, as ações feitas por membros eleitos do poder executivo (Dilma) representam ações democraticamente aprovadas. Já as ações feitas por membros eleitos dos poderes legislativos (deputados e senadores), por alguma estranha razão, *não* representam em absoluto ações democraticamente aprovadas. [...] Desnecessário dizer que a esquerda afirma que o impeachment de Dilma é antidemocrático simplesmente porque ela, a esquerda, não gostou. Se o impeachment fosse a seu favor, ela aprovaria. É por isso que ninguém jamais ouviu um esquerdista reclamar que o Partido Democrata desferiu um "golpe devastador" contra a democracia americana quando forçou Richard Nixon a renunciar à presidência. Igualmente, ninguém jamais ouviu um esquerdista reclamar que a democracia brasileira foi assassinada quando Fernando Collor vivenciou um processo de impeachment idêntico ao de Dilma (e com a decisiva ajuda do PT), o que o levou a renunciar. Pode até ser que alguém tenha algum argumento razoável contra o impeachment de Dilma; porém, dizer que ele foi um "golpe antidemocrático" requer uma genuinamente bizarra e seletiva noção sobre o que é uma democracia<sup>119</sup>.

A direita que foi para as ruas se caracteriza por um discurso que se diz antipartidário e antipetista, e contou com a ajuda da mídia e das redes sociais para perpetuar seu ódio. Foram criados os inimigos externos: o comunismo, os médicos cubanos, a Venezuela e o bolivarianismo. Diante disso, era dever do brasileiro patriótico defender o Brasil. Para isso serviram as manifestações de 2015 e 2016<sup>120</sup>: para mostrar o verdadeiro brasileiro, aquele que tem orgulho do seu país, que tem bons valores conservadores, que não luta por um partido, mas sim pelo Brasil.

Para chegarmos ao momento final de Dilma no governo, no entanto, precisamos falar sobre as manifestações que aconteceram em 2016.

### 3.4 As manifestações pró-impeachment de 2016

A primeira manifestação nacional contra o governo Dilma se deu no dia 13

<sup>119</sup> MCMACKEN, Ryan. **"Impeachment é um golpe na democracia"** - difícil uma frase mais contraditória e sem lógica. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2503> Acesso em: 25 outubro de 2019.

<sup>120</sup> Os dados dos dias e do total de manifestantes (usamos apenas os números oficiais fornecidos pela polícia), nesta parte da pesquisa, foram obtidos pelo Mapa das Manifestações no Brasil, do Jornal do G1, filiado à Rede Globo. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/politica/mapa-manifestacoes-no-brasil/todos/>

de março de 2016, da qual participaram um total de 337 cidades brasileiras, incentivadas, principalmente, pelo MBL e pelo Vem pra Rua. Ela ocorreu, por exemplo, em São Paulo, onde ocorreu a maior manifestação, que contou com um 1,4 milhão de pessoas; em Brasília e Porto Alegre, que contaram com 100 mil; e em Santa Maria, com 20 mil manifestantes. Em Rio Grande, não foram registradas manifestações.

Em nenhuma das cidades houve qualquer incidente entre a polícia e os manifestantes. Em comum, os protestos expressavam indignação contra o PT, pediam o impeachment de Dilma, apoiavam o juiz Sérgio Moro – responsável pelos primeiros julgamentos da Operação Lava Jato<sup>121</sup> – e exaltavam os frutos da Lava Jato, como a prisão de vários políticos durante o processo.

Numa manifestação infinitamente menor do que a primeira, os manifestantes voltaram às ruas no dia 18 de março. Em São Paulo, as manifestações começaram dois dias antes, onde cerca de 30 pessoas tinham ocupado a avenida Paulista. Para dispersar os manifestantes, a polícia usou de força – mas que não chegou perto do terror que causou nos manifestantes em junho de 2013. Em Porto Alegre, alguns manifestantes ocuparam a Avenida Goethe por um dia, após o ato que levou 500 pessoas às ruas. Em Brasília, Santa Maria e Rio Grande, não foram registrados protestos.

No dia 30 de março, o Clube Farroupilha, uma entidade liberal, numa coluna de Felipe Rosa, defendeu que Dilma cometeu o crime de responsabilidade durante seu primeiro mandato e defendeu que “o impeachment – se aprovado for – servirá como um exemplo magnífico para os governantes aprenderem a ter responsabilidade com o dinheiro do pagador de impostos”<sup>122</sup>.

Quase um mês após o dia 18, no dia 17 de abril novas manifestações foram feitas em favor do impeachment, que estava em votação na Câmara dos Deputados naquele mesmo dia. Em São Paulo, 215 mil pessoas foram acompanhar a votação em telões instalados na avenida Paulista.

Em Porto Alegre, os manifestantes também acompanharam a sessão nas ruas, mas divididos em dois grupos: os que apoiaram Dilma durante o processo

---

<sup>121</sup> A Lava Jato é uma operação da Polícia Federal que busca apurar um esquema de lavagem de dinheiro que movimentou bilhões de reais em propina.

<sup>122</sup> ROSA, Felipe. **Há crime de responsabilidade! Quer você queira ou não, amiguinho.**

Disponível em: <https://clubefarroupilha.wordpress.com/2016/03/30/ha-crime-de-responsabilidade-quer-voce-queira-ou-nao-amiguinho/> Acesso em 25 outubro de 2019

estavam reunidos em cerca de mil pessoas na praça Matriz; já os 40 mil contrários ao governo acompanharam na Zona Norte, no bairro Moinhos de Vento, uma região nobre da capital gaúcha.

No interior gaúcho, apenas Santa Maria foi às ruas que, como em Porto Alegre, tinha manifestações contrárias e a favor do impeachment. Os favoráveis ao governo, entre eles partidos políticos e estudantes, dirigiram-se à praça da Locomotiva; já os 150 contrários foram para a tradicional praça Saldanha Marinho acompanhar a votação. Após o final da votação, com resultado favorável à derrubada de Dilma, os manifestantes pró-impeachment saíram em caminhada pelo centro, mas o ato logo terminou.

Em Rio Grande, cerca de 250 pessoas contrárias ao governo acompanharam a votação em frente à prefeitura municipal. Com o fim da votação, o grupo se dispersou.

Já na cidade de Brasília, os manifestantes dividiram-se na Esplanada dos Ministérios, entre os contrários e os favoráveis ao impeachment. Havia 26 mil pessoas contrárias ao afastamento da presidenta e 53 mil pessoas favoráveis ao processo de impeachment. Como os manifestantes dividiram o mesmo espaço, a polícia os separou por uma grade de 80 metros de largura e um quilômetro de extensão.

**Figura 11** - Divisão dos manifestantes em Brasília



Foto: Juca Varella/Agência Brasil

A votação na Câmara terminou por volta das 23 horas, com um total de 367 votos a favor e 137 contra. Com isso, decidiu-se dar sequência ao processo de impeachment.

Em 18 de abril, o Mises Brasil<sup>123</sup> volta a fazer publicação sobre o impeachment, mas agora contando com vários de seus colunistas. Apresentaremos alguns desses depoimentos, sendo Helio Beltrão o primeiro da lista de comentaristas:

Ontem, após o processo de votação da aceitação do pedido de impeachment na Câmara dos Deputados, o que mais se comentava nas redes sociais era o baixo nível educacional/intelectual dos políticos. Ora, sinceramente, o nível dos deputados não é muito diferente do dos brasileiros. Não é exatamente isto — representantes que são a cara do povo — que deveria ser esperado de um sistema de representação? Como querer que os representantes do povo sejam diferentes — cultural e intelectualmente — do povo que os elegeu? No entanto, de fato uma mágica ocorreu ontem: os deputados foram fiéis à vontade dos brasileiros. Isso, sim, foi inesperado.

---

<sup>123</sup> Sobre o impeachment, o baixo nível, a cretinização da política e a importância de desnutrir o estado. Disponível em: <https://www.mises.org.br/BlogPost.aspx?id=2389> Acesso em 25 outubro de 2019.

Além disso, este autor traz, no final de suas exposições, o benefício da liberdade liberal: “Os libertários são vanguarda porque, entre outros motivos, abominam autoritarismo, tortura e ditadura tanto quanto odeiam um governo intrusivo, com impostos altos, e regulamentações e burocracia asfixiantes”.

Outro colunista, Ubiratan Jorge Iorio, defendeu que o impeachment não só tiraria o país da crise como eliminaria o maior problema: o PT e o projeto bolivarianista de poder. Nessa mesma linha de pensamento, está Bruno Garschagen:

O impeachment, porém, vai tirar do poder um partido fundamentado numa ideologia que tenta controlar não só o governo e o estado, mas que também esforça-se para nos comandar e violar as nossas liberdades de uma forma tão malandra que alguns até apoiam e agradecem o fato de serem controlados em nome de uma causa.

Os manifestantes apoiadores do antigo governo foram às ruas novamente no dia 30 de julho, após o afastamento provisório de Dilma do governo. Eles pediam o “Fora Temer”, em referência ao vice-presidente que ficou no lugar de Dilma, e a realização de novas eleições. Já os manifestantes pró-impeachment comemoraram a saída de Dilma e exibiam seus cartazes de apoio à operação Lava Jato.

Convocado pelo MTST, o ato em São Paulo contou com a participação de 50 mil pessoas pelo “Fora Temer”. Já a manifestação contrária ao governo petista não teve divulgado o número de participantes. Em Brasília, a divisão dos grupos se repetiu: os apoiadores de Dilma agora estavam em um número muito pequeno de, cerca de 40 pessoas; os contrários ao governo, por sua vez, somavam cerca de 5 mil manifestantes. Em Porto Alegre, 5 mil pessoas estavam no protesto a favor do impeachment, e cerca de 4 mil no ato contrário ao processo. Já no interior do Rio Grande do Sul, não houve manifestações.

Por não se fazer tão interessante para a pesquisa, não abordamos as outras manifestações que ocorreram no período entre o dia 13 de março e 4 de dezembro de 2016, como as que foram exclusivas para a demonstração de apoio à presidenta e contra Temer, nem as manifestações favoráveis à Operação Lava Jato.

É importante ressaltar a não violência física dos atos em 2016. No entanto, ao contrário do que era defendido pelos favoráveis ao impeachment, houve violência, que foi simbólica e direcionada principalmente à figura da mulher,

representada pela presidenta Dilma Rousseff. Um exemplo foram os caixões queimados com fotos dela ou fotos que remetiam a atos sexuais – principalmente o estupro, como veremos a seguir.

### 3.5 Os motivos para o golpe

Nas manifestações, o combate à corrupção petista foi generalizado à esquerda, e o PT virou sinônimo de comunismo, mesmo sem nunca ter defendido uma sociedade nesses moldes.

Há uma crença difundida entre a direita de que o comunismo vem para acabar com a sociedade cristã. Partidos e políticos ligados à religião, principalmente os seguidores de igrejas evangélicas neopentecostais, voltam-se em defesa da moral e contra à homossexualidade. Os direitos das mulheres, como o aborto e a pílula anticoncepcional, são atacados, e as feministas são acusadas de não quererem direitos iguais, mas superiores aos dos homens. Numa sociedade cristã, isso não pode acontecer.

No dia 31 de agosto de 2016, o mandato de Dilma Rousseff foi cassado por um golpe parlamentar. Esse processo, apesar de ter se encerrado na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, não se restringe apenas a essas instituições: ele contou com o apoio das manifestações que vinham ocorrendo desde 2014, como aponta Tatagiba (2018, p. 131)<sup>124</sup>:

Os protestos foram resultado da laboriosa construção de um processo de identificação que teve no antipetismo seu elemento catalizador. O ódio ao PT é um fenômeno sociopolítico que funcionou como gatilho emocional para os protestos. O antipetismo ofereceu a energia moral para o engajamento ativo e os marcos simbólicos para o enquadramento do conflito, em um contexto de intensa polarização política. Mais do que destituir Dilma Rousseff, o que estava em jogo nas manifestações era “extirpar o mal da política brasileira”, personificado no PT e suas lideranças.

Já Diego Oliveira (2016)<sup>125</sup> faz uma análise dos movimentos sociais de direita

<sup>124</sup> TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. *Lusotopie*, [s.l.], v. 17, n. 1, p.112-135, 10 set. 2018.

<sup>125</sup> OLIVEIRA, Diego Batista. **Vem Pra Rua e Movimento Brasil Livre**: uma análise marxista dos “movimentos de classe média” sob os governos de Dilma Rousseff (2015-2016) e Michel Temer (2016-2018). 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Centro de Letras e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2016.

que contribuíram para a derrubada de Dilma. O autor identifica os dois principais movimentos em sua pesquisa (Vem pra Rua e Movimento Brasil Livre) e os define como:

O Vem Pra Rua (VPR) é um movimento que surge no final de 2014 e se define como suprapartidário, democrático e plural. Suas principais bandeiras são: um Brasil livre da corrupção; uma política feita com ética; eficiência e transparência nos gastos públicos; a redução da carga tributária e da burocracia; e um Estado desinchado. Suas principais formas de mobilização se dão através das redes sociais e em grandes manifestações “cívicas”, definidas como ordeiras e pacíficas. (VEM PRA RUA, 2016).

O MBL surge em 2013, mas ganha expressão apenas no final de 2014, após o final do segundo turno das eleições. O movimento possui um discurso radical de oposição ao PT e à ex-presidente Dilma Rousseff. Em seu manifesto defende pautas como “imprensa livre e independente”, “liberdade econômica”, “separação de poderes”, “eleições livres e idôneas” e “fim de subsídios diretos e indiretos para ditaduras” (MOVIMENTO BRASIL LIVRE, 2015). (Ibidem, 2016. p. 50)

Damos destaque às três organizações políticas que contribuíram para o impeachment e que estavam presentes durante as manifestações de 2015 e 2016:

Em nossa pesquisa priorizamos o VPR e MBL devido às suas proximidades ideológicas. Ambas as organizações despontaram em torno de um discurso antipetista, vinculado à defesa do livre-mercado e à promoção da concorrência capitalista. O “Revoltados On Line”, por sua vez, apesar de compartilhar do antipetismo, expressa um sentimento militarista e não descarta a possibilidade de intervenção militar como solução para os problemas políticos e econômicos que figuram no país, posicionamento fortemente rechaçado pelo VPR e MBL. Outra característica em comum compartilhada pelos movimentos em questão é o papel que assumiram durante e após o processo de impeachment, que inaugurou uma nova força política no Brasil (Ibidem, 2016, p. 49).

Complementamos com:

O movimento pró impeachment também contou com o apoio de partidos políticos da oposição ao governo petista, de segmentos da mídia (grandes empresas de comunicação, jornalistas, grupos de mídia online e celebridades), grupos conservadores e militaristas como o Força Patriótica - Comando Nacional de Caça aos Corruptos e alguns a favor da intervenção militar na divulgação de conteúdos antipetista e anticomunista na sua rede (PENTEADO; LERNER, 2018, p. 14)<sup>126</sup>.

Nesse processo, ao contrário do que os manifestantes defendiam, dizendo que a mídia era petista ou que o partido a controlava, não podemos esquecer que a imprensa claramente apoiou o golpe em 2016.

<sup>126</sup> PENTEADO; LERNER. op. cit 2018.

A cobertura das manifestações, ao mesmo tempo que denegriu a imagem dos atores políticos envolvidos no processo, enalteceu figuras que apresentavam uma espécie de “solução moral” para o problema da corrupção, tais como o poder judiciário e o juiz federal Sérgio Moro e até mesmo o então vice-presidente Michel Temer (VIEIRA, 2017, p. 14)<sup>127</sup>.

A autora conclui: “a imprensa corroborou a construção e desconstrução de verdades em torno do tema, influenciou a formação da opinião pública e mobilizou a população a lutar a favor ou contra a deposição da ex-presidente Dilma Rousseff” (Ibidem, 2017, p. 20).

Como, infelizmente, ainda vivemos num Brasil machista, uma das maneiras de desmoralizar Dilma foi atacar sua figura por ser uma mulher com poder:

Por fim, pesquisas mostram que a mídia também usou de elementos sexistas e misóginos no enquadramento do impeachment. A forma como o tema foi enquadrado na pauta midiática utilizou-se da influência negativa de estereótipos sexistas como estratégia para influenciar a formação da opinião pública a favor da deposição da presidenta. A presidenta foi ridicularizada, e seu corpo, juntamente com suas ações, tornaram-se motivos para deboche. Dessa forma, tornava-se a aversão às mulheres e suas capacidades, configurada na imagem da presidenta, um instrumento de propaganda pró-impeachment (Ibidem, 2017. p 16).

Em três anos, o que se viu nas consecutivas manifestações foi a cara da nova direita brasileira, que estava desaparecida e não saía às ruas desde a Marcha da Família com Deus pela Liberdade<sup>128</sup>, em 1964. Essa nova direita idealizou um passado muito recente, alegando que nele não havia corrupção no Brasil e que se vivia em paz. Esse passado idealizado é uma ditadura militar que matou e desapareceu com muitos brasileiros durante seus 21 anos de governo.

Não foi para lutar contra a perda de direitos que a direita saiu às ruas: foi para não perder privilégios, que antes eram exclusivos de sua classe social. O cidadão “de bem” se tornou uma vítima do estado brasileiro, no qual agora negros e pobres têm o que chamam de privilégio, a exemplo do programa cotas<sup>129</sup> para o acesso ao

<sup>127</sup> VIEIRA, Aiane de Oliveira. Crise política e impeachment: uma análise dos efeitos da cobertura midiática na deposição de Dilma Rousseff. **Perspec. Dial.: Rev. Educ. e Soc.**, Naviraí, v. 4, n. 8, p. 4-26, jul. - dez. 2017

<sup>128</sup> Manifestações que ocorreram entre os dias 19 de março e 8 de junho de 1964 contra a “ameaça” comunista que se dizia existir no Brasil.

<sup>129</sup> As cotas foram implementadas nas universidades federais brasileiras como forma de reparação histórica pelos 400 anos de escravidão pela qual a população negra passou no Brasil. A política de

ensino superior. Nas gestões petistas, a direita não admitia que mulheres pudessem querer igualdade salarial, nem que os aeroportos estivessem cheios de pessoas que não pertenciam à sua classe social.

---

cotas foi estendida às populações indígenas, às pessoas de baixa renda e aos estudantes de escola pública. No movimento estudantil liberal, as cotas não são aceitas. O movimento defende direitos iguais para todos, e as cotas são vistas como uma forma de diferenciação entre as pessoas, inclusive uma forma de racismo, pressupondo que os que são atendidos pelas cotas não têm a mesma capacidade dos que não entram nas universidades pelo “benefício” que são cotas.

#### 4 O MOVIMENTO ESTUDANTIL LIBERAL DENTRO DO DCE

O movimento estudantil brasileiro tem sido um segmento social importante na luta por uma educação pública de qualidade e democrática, especialmente quando falamos da educação superior. Apesar dos difíceis momentos pelos quais passamos, o papel do movimento estudantil continua determinante, pois continua provocando debates necessários para que mais mudanças ocorram no país. Segundo Barros e Martins (2016, p. 99)<sup>130</sup>,

...o engajamento político juvenil nem sempre segue as lógicas de pragmatismo político dos partidos. Na maioria das vezes, é impulsionada pelo idealismo, [...] isso significa que a militância juvenil nos partidos políticos e nos movimentos estudantis é pautada por uma visão crítica da sociedade e pela participação entendida como forma de promover uma ampla transformação social

Mas não é só de bandeiras políticas de esquerda que vive o movimento estudantil: o movimento liberal conservador também tem crescido no interior das comunidades universitárias. Alguns estudantes que identificam com suas bandeiras, passaram a se organizar em coletivos liberais que, até há alguns anos, não visavam à conquista do movimento estudantil. No entanto, a partir de junho de 2013, esses jovens se tornaram braços de vários desses coletivos.

É interessante destacar que o movimento liberal que está inserido nesse movimento estudantil, diferentemente dos conservadores da boa moral e dos costumes que apareceram em junho, segue uma linha política mais aberta, em defesa da liberdade individual. São realizados alinhamentos a questões levantadas por Gloria Álvarez<sup>131</sup>, como o fato de “um direitista do século 21, que já se modernizou, tem de reconhecer que a sexualidade, a moral, as drogas são um problema de cada um; ele não é a autoridade moral do universo”<sup>132</sup>.

Em contrapartida ao direito à liberdade individual, os liberais criticam os programas de cotas para negros, pobres, deficientes e mulheres, além das minorias, como destaca Glória: “não há minorias, a menor minoria é o indivíduo, e a ele o que melhor serve é a meritocracia”.

Esse discurso de Glória é encontrado dentro do movimento estudantil liberal,

<sup>130</sup> BARROS; MARTINS. op. cit.

<sup>131</sup> Gloria Álvarez é uma guatemalteca conhecida por ser defensora do libertarianismo e uma das maiores críticas do populismo na América Latina.

<sup>132</sup> AMARAL. Marina. **A nova roupa da direita**. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em 25 outubro 2019.

inclusive quando ela defende que é preciso ter um diálogo com a população, e o movimento estudantil pode ser um instrumento para que isso aconteça.

Neste capítulo final, veremos quais foram as gestões de DCE entre 2013 e 2016 e quais eram suas ligações políticas, além de especificar principais os casos da nossa pesquisa: os DCEs liberais atuantes em Santa Maria, em Rio Grande e em Brasília – apesar de as gestões afirmarem que não representavam nenhuma bandeira política.

#### 4.1 Levantamento dos Diretórios Centrais de Estudantes (2013 – 2016)

Nesta seção, traçamos um panorama geral dos Diretórios Centrais de Estudantes existentes no Brasil entre 2013 a 2016. Para isso, construímos uma base de dados que mostra as forças políticas e/ou coletivos das chapas que estiveram nas gestões durante esses anos.

Para fazermos esse levantamento, primeiramente, entramos em contato, via rede social (*Facebook*), com todos os DCEs do país. Em seguida, procuramos militantes das universidades que não haviam nos respondido. Detectamos que alguns DCEs ainda não possuíam uma gestão, outros estavam sem gestão, além daqueles que não responderam à pesquisa. Por essa razão, há ausência de informações sobre algumas universidades.

Foram analisados quase todos os Diretórios Centrais de Estudantes das universidades federais, com exceção dos diretórios multicampi (UFMS, UNIVASF E UFFS), da UFPA e da UFSJ<sup>133</sup>.

##### 4.1.1 A participação de coletivos de partidos políticos no movimento estudantil

Uma das críticas que o movimento estudantil sofre é a filiação dos seus integrantes a partidos políticos. No entanto, nas universidades,

...os CAs (Centros Acadêmicos) e os DCEs (Diretório Central de Estudantes) muitas vezes são disputados por forças estudantis que se organizam em torno de partidos políticos. É notória a articulação do movimento estudantil universitário com os mais diversos partidos políticos. As plenárias dos Congressos da UNE (União Nacional de Estudantes) estão sempre coloridas pelas bandeiras de partidos que

---

<sup>133</sup> Nessas universidades, as eleições para o DCE são anuais, mas os cargos são divididos entre as chapas, ou seja: nem sempre a chapa eleita tem maioria dentro da entidade. Logo, seria inviável analisá-la, pois poderia haver muitas divergências dentro da própria entidade.

agrupam estudantes de diversos estados do país e das mais variadas universidades. [...] Movimento estudantil e militância partidária podem se confundir e ser tomadas como sinônimos, mas guardam particularidades, e seus militantes reconhecem diferenças claras entre os dois espaços de engajamento. Não é dado que um militante estudantil seja militante de partido e vice-versa. Ainda que sejam espaços complementares de militância para alguns jovens, são claramente diferenciados, produzem experiências distintas e ocorrem em tempos e espaços também distintos (BRENNER, 2011, p. 27)<sup>134</sup>.

Os estudantes liberais – ou os que não são filiados a nenhum partido – são os mais críticos dessa relação entre partidos e estudantes:

Eles argumentam que o movimento estudantil é um aliado à doutrinação política e ideológica nas escolas, além de estarem a serviço dos partidos de esquerda. No entanto, essas não são as únicas visões existentes. Tem quem defenda que a associação do movimento estudantil a partidos políticos é uma forma de financiar a organização, tendo em vista que os estudantes, muitas vezes, não têm condições de subsidiar o movimento<sup>135</sup>.

Então, na formação de uma entidade dentro do movimento estudantil, existe uma diversidade de pessoas que se juntam para lutar pelos estudantes que representam. Ademais, muitos dos que lá estão também são filiados a partidos, participam de coletivos ou têm ligação partidária, que são os chamados apartidários.

Perez (2018)<sup>136</sup> define que “os universitários ligados a partidos políticos militam em favor dos direitos dos estudantes dentro das universidades. Então, não é possível dissociar o movimento estudantil da orientação partidária”.

Neste levantamento, foram identificados alguns dos partidos brasileiros que estão sendo representados por estudantes dentro das gestões e alguns coletivos que são organizações apartidárias. Com isso, veremos as diretrizes políticas que eles seguem dentro do próprio partido e dentro do movimento estudantil.

<sup>134</sup> BRENNER, Ana. Karina. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários. 2011. 303 f. Tese (Doutorado Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2011.

<sup>135</sup> O que é o Movimento Estudantil? Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-estudantil/> Acesso em 25 outubro de 2019.

<sup>136</sup> PEREZ, Olívia Cristina. **Juventude Universitária e Política**: A descrença nas instituições parlamentares e o crescimento dos coletivos. 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/38927059/JUVENTUDE\\_UNIVERSIT%C3%81RIA\\_E\\_POL%C3%8DTI\\_CA\\_A\\_DESCREN%C3%87A\\_NAS\\_INSTITUI%C3%87%C3%95ES\\_PARLAMENTARES\\_E\\_O\\_CR ESCIMENTO\\_DOS\\_COLETIVOS?email\\_work\\_card=view-paper](https://www.academia.edu/38927059/JUVENTUDE_UNIVERSIT%C3%81RIA_E_POL%C3%8DTI_CA_A_DESCREN%C3%87A_NAS_INSTITUI%C3%87%C3%95ES_PARLAMENTARES_E_O_CR ESCIMENTO_DOS_COLETIVOS?email_work_card=view-paper). Acesso em: 20 fev. 2020. p 13.

**Tabela 1 – Juventudes dos partidos políticos**

PARTIDOS/COLETIVOS	Programa Geral	Juventude
Partido Comunista Brasileiro	O papel básico do partido comunista é contribuir para a elevação da consciência de classe dos trabalhadores, agindo na organização das lutas e na propaganda socialista em contraponto ao modelo de sociedade capitalista <sup>137</sup> .	Tem como representante no movimento estudantil a UJC.
Partido Comunista do Brasil	Partido comunista que defende a unidade do povo e das forças progressistas. <sup>138</sup>	Tem como representante no movimento estudantil a UJS.
Partido Comunista Revolucionário	O Partido Comunista Revolucionário é o partido político revolucionário da classe operária brasileira e seu principal destacamento de luta pelo socialismo. <sup>139</sup>	Tem como representante no movimento estudantil a UJR.
Partido da Social Democracia Brasileira	O partido representa a social democracia no Brasil, com seus integrantes se definindo com a centro-esquerda.	A Juventude do PSDB é a sua representante no movimento estudantil.
Partido dos Trabalhadores	Partido que tem base operária, que defende o socialismo como forma de organização social.	Tem como representante no movimento estudantil a JPT.
Partido Renovador Trabalhista Brasileiro	Sua bandeira é o trabalhismo participativo, no qual capital e trabalho interagem por interesses mútuos, em vez de haver uma exploração do trabalho.	Os jovens do partido se organizam no PRTB Jovem.
Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados	Partido socialista que reivindica o marxismo revolucionário.	-
Partido Socialismo e Liberdade	O partido é uma dissidência do PT, defende o socialismo democrático.	Como o partido funciona a partir de correntes, existem diversos coletivos de juventude que são ligados a ele.
Alicerce	Esse coletivo está ligado ao PSOL, apesar de não ser um coletivo da juventude, é a maioria dentro dele.	-
Kizomba	Constrói uma nova cultura política orientada para a luta democrática, socialista, feminista, antirracista e anti-	-

<sup>137</sup>O que é o Partido Comunista? Disponível em: <https://pcb.org.br/portal/docs/partidocomunista.html> Acessado em 26 de março de 2019

<sup>138</sup>Apresentação. Disponível em: <https://pcdob.org.br/apresentacao-do-partido/> Acessado em 26 de março de 2019

<sup>139</sup>Porque o Partido Comunista Revolucionário. Disponível em: <http://pcrbrasil.org/pcr/> Acessado em 26 de março de 2019

Levante Popular da Juventude	Igbtfóbica. Ligado ao PT. Organizar e dar voz a juventude das periferias politicamente, das grandes cidades e do campo. Nasceu da Consulta Popular <sup>140</sup> , e é próximo ao PT.	-
Reconquistar a UNE	Estudantes de Universidades públicas e privadas, engajados e engajadas em transformar a universidade. Faz parte da articulação de esquerda, tendência interna do PT.	-
Unidade da Esquerda	Diversas tendências partidárias e coletivos que se uniram numa eleição. Não tem ligação com nenhum partido em específico.	-
União da Juventude Comunista	Faz parte do PCB, o movimento estudantil visa a organização dos jovens comunistas dentro do partido.	-
União Juventude Rebelião	Faz parte do PCR, União da Juventude Rebelião é uma organização que reúne jovens que lutam pelo socialismo no Brasil e no mundo.	-
União da Juventude Socialista	Faz parte do Pcdob, é uma organização juvenil, ampla, política e socialista; que atua politicamente através do movimento juvenil, buscando responder às especificidades deste e apresenta o socialismo, único sistema capaz de ser	-

Fonte: Elaborada pela autora.

Depois de vermos algumas juventudes e os partidos aos quais são ligadas, apresentamos, a seguir, cinco tabelas com o levantamento das gestões dentro dos DCEs entre os anos de 2013 a 2016. Algumas dessas gestões contaram com a organização política que representam, e outras têm a identificação da chapa, mas apresentam a identificação do partido.

Com os dados que levantamos, conseguimos identificar oito DCEs que passaram por gestões de estudantes liberais ou que se dizem apartidários e apolíticos. Desse total, três gestões tiveram a sua chapa reeleita durante o período pesquisado – com exceção da UFSC que, no terceiro ano, tem uma mudança de

<sup>140</sup> A Consulta Popular é uma organização política e movimento popular de cunho socialista, que pretendia ter um projeto da esquerda para além das eleições.

nome, mas não de identidade política.

Mesmo que a esquerda ainda esteja muito presente nos diretórios, podemos ver que os liberais tiveram um certo sucesso dentro das universidades, expressado pelas suas reeleições no ano seguinte. O caso que trazemos de maior sucesso é o da UNB, em que a mesma chapa se reelegeu por cinco anos seguidos dentro de uma universidade marcada pelas bandeiras de esquerda.

**Tabela 2 - Região Centro-Oeste**

UF	2013	2014	2015	2016
Distrito Federal UNB	Aliança pela Liberdade	Aliança pela Liberdade	Aliança pela Liberdade	Aliança pela Liberdade
Goiás UFCAT	-	-	-	Não tem um DCE formado até o ano de 2020.
UFG	Ouse falar	Linha de frente	Primavera estudantil	Primavera Estudantil
UFJ	-	-	-	Não tem um DCE formado até o ano de 2020.
Mato Grosso UFMT	DCE MULTICAM PI			
UFR	-	-	-	Não tem um DCE formado até o ano de 2020.
Mato Grosso do Sul UFGD	Fazer e acontecer	Gestão DCE de todos e todas (reconquistar a Une)	Inativo (greve)	Inativo (greve)
UFMS				

Fonte: Elaborada pela autora.

**Tabela 3 - Região Nordeste**

UF	2013	2014	2015	2016
Alagoas				
UFAL	Correnteza (PCR)	Para balançar o chão da praça (PSTU)		
Bahia				
UFBA	Viração (LPJ)	Mandacaru		
UFOB	-	-	-	Não tem um DCE formado até o ano de 2020.
UFRB	-	-	-	Não tem um DCE formado até o ano de 2020.
UFSB	-	-	Primeira eleição de DCE feita no final do ano de 2015 para a chapa assumir em 2016	Carolina de Jesus – eu sou porque nós somos
UNILAB	-	-	-	Primeira eleição para o DCE foi realizada em 2017.
Ceará				
UFC	Mais vale o que será			Todo mundo (UJS, LPJ e Kizomba)
UFCA	-	-	-	Não tem um DCE formado até o ano de 2020.
Maranhão				
UFMA	Ninguém Pode Nos Calar		Unindo vozes e consolidando	Nada será como antes

		ideias		
Rio Grande do Norte				
UFERSA				
UFRN				
Sergipe				
UFS	(LPJ)	É preciso acordar		
Paraíba				
UFCG		Sempre a frente	Sempre a frente (não houve nova eleição neste ano)	Pra frente
UFPB		Avante	Mudar de vez	
PERNA				
MBUCO				
UFPE		Não foram realizadas eleições		
UFRPE	Mais Vale O Que Será (UJC, PCR, PRTB)			
Piauí				
UFPI	Não vou me adaptar (ANEL)			Levante e Lute - Não Vamos Pagar Nada
UNIVERSIDADE COM SEDE em TRÊS ESTADOS (Pernambuco, Bahia, Piauí)	DCE MULTICAMPI			
UNIVASF				

**Tabela 4 - Região Norte**

UF	2013	2014	2015	2016
Acre UFAC	Vozes em Movimento (UJS)		Eleição cancelada	
Amapá UNIFAP				
Amazonas UFAM		(PSDB)	(PSDB)	Viração
UFRA	SOU UFRA			
Pará UFPA				
UNIFESSP A	O DCE iniciou seu funcionamento em 2013	Gestão Ousar Lutar	(gestão provisória prorrogada)	Gestão iniciativa
Rondônia UNIR	Banheiro	Banheiro	Banheiro 2.0	Banheiro 2.0
Roraima UFRR		(diretoria provisória)	Não vou pagar pela crise	Inovação
Tocantins UFT		Avançar e Construir (chapa encabeçada por indígenas)		Da unidade vai nascer a novidade

Fonte: Elaborada pela autora.

**Tabela 5 - Região Sudeste**

UF	2013	2014	2015	2016
Espírito Santo UFES	Da unidade vai nascer a novidade	Da unidade vai nascer a novidade	Conecta UFES	F5 atualiza DCE (Liberal)
Minas Gerais UFLA	Ascender	Ascender	Na pegada 2.0	DCE voz ativa
UFJF	Vamos precisar de todo mundo	Eleições canceladas	-	Marco zero
UFMG	Pés no chão (PT, LPJ)	Pés no chão (PT, LPJ)	Virada! PSTU, PSOL, PCR, PCB)	Alvorada (PT, LPJ)
UFOP	Atitude!	Interação	Das gerais	Das Gerais
UFSJ				
UFTM				Superação
UFU	quem vem	pro dia	podemos	Mude

	com tudo não cansa (UJS, PCdoB)	nascer feliz (UJS, kizomba, PCdoB, PT)	mais (UJS, PCdoB)	
UFVJM	Todas as vozes		Intervenção	Abre Alas
UFV UNIFAL UNIFEI				Voz ativa Podemos Ecoar (Primeira eleição do dce)
Rio de Janeiro		Há quem sambe diferente (UJS)		
UFF	UJC	UJC	Que vem com tudo não cansa (UJS)	UJC
UFRJ	(PSOL, PCR)	(PSOL, PCR)	(PSOL, PCR)	Todos nós no mesmo barco: Não há para pra temer!
UFRRJ	(LPJ)	Por todos os cantos (LPJ)		
UNIRIO	Mãos à obra (PCdoB, PT)	Nada será como antes (unidade da esquerda)	Nada será como antes (unidade da esquerda)	
São Paulo UFABC UFSCAR	Levanta e sacode a poeira	Plural Chapa livre (UJR, Domínio Público e Juntos)		
UNIFESP USP	Não vou me adaptar	Para virar a usp do avesso	Manifesta! Ousadia para Vencer	Fazer a primavera

Fonte: Elaborada pela autora.

**Tabela 6 - Região Sul**

UF	2013	2014	2015	2016
RIO GRANDE DO SUL UFRGS	Da Unidade vai nascer a Novidade (PSOL,	DCE de Verdade: Nosso partido é o	Podemos! Mobilizar e conquistar (PSOL,	Lado a lado somos muito mais (UJC)

	PSTU)	estudante! (apartidário)	PSTU, ALICERCE, LPJ) (PT)	
UFSM	Gestão É tempo de Avançar (PT, LPJ)	Pelas nossas mãos (PT)		Libertas (CLUBE FARROUPI LHA)
UFPEL	Viração	viração	Novos tempos	Anularam a eleição
UNIPAMPA	DCE MULTICAM PI			
FURG	Amanhã será	Contra Corrente (estudantes e trabalhador es)	Reação – Por um novo DCE	Farol sul (liberal)
UFCSPA	Somos todos DCE	Chapa única		
SANTA CATARINA UFSC	Novos rumos (liberal)	Dias melhores (liberal)	Por Toda a UFSC (liberal)	Liberdade para voar
PARANÁ UFPR	quem vem com tudo não cansa	Quem ta passando é o bonde	Quem ta passando é o bonde	Nós não vamos pagar nada
UTFPR UNILA				
UNIVERSID ADE COM SEDE NOS TRÊS ESTADOS UFFS	DCE MULTICAM PI			

Fonte: Elaborada pela autora,

## 4.2 Os estudantes liberais

O crescimento do movimento estudantil liberal está ligado a uma ideologia e a um discurso que aparentemente se repetem, que dividem a política entre a “velha”, atrelada aos partidos de esquerda, e a “nova”, ligada a organizações liberais, na defesa de que é preciso inovar e renovar a política, além de se dizer “neutra” política e ideologicamente. A suposta “neutralidade” defendida por esses grupos não passa de uma tomada de posição política de direita:

Nas ciências sociais, o fenômeno ideológico é intrínseco, pois está no sujeito e no objeto. A própria realidade social é ideológica, porque é produto histórico no contexto da unidade de contrários, em parte feita por atores políticos, que não poderia – mesmo que o quisessem – ser neutros. Não existe história neutra como não existe ator social neutro. É possível controlar a ideologia, mas não suprimi-la (DEMO, 1995, p. 19)<sup>141</sup>.

O estudo dos discursos<sup>142</sup> dos estudantes liberais pode revelar estratégias e os modos de ação de seus coletivos. O discurso está atrelado ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, ou seja, “a verdade, é a própria linguagem que manda em nós, causando, modelando, constringendo e provocando nosso discurso, a tal ponto que bem se poderia dizer que é a linguagem que fala através de nós” (IÑIGUEZ, 2004, p. 36)<sup>143</sup>.

O discurso político está em tudo. Ele é criado dentro das assembleias legislativas, das igrejas e das universidades, sendo propagado, principalmente, pela mídia – e nisso a internet ocupa um lugar de destaque. Podemos definir o discurso como algo formal, mas ele não é só isso, pois manifestações artísticas e de moda são maneiras de representação do discurso, as quais se alternam entre a resistência e a concordância. Ou impomos ou cedemos. Jamais somos neutros.

O que seria um discurso político senão uma repetida tentativa de fixar sentidos em um cenário de disputa? Um fator fundamental para a legitimidade de um discurso é, portanto, a posição de quem fala. O discurso político se destaca porque nele conseguimos ver a disputa pelo poder.

Em seus discursos, os estudantes liberais trazem pensamentos políticos e visões de mundo que nem sempre estão explícitos nos textos, pois “a semântica de um texto pode nos trazer conteúdos ‘subjacentes’, ocultos, que a mera leitura primária não descobre” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 523)<sup>144</sup>. E, para isso, é importante entendermos o que está por trás desses estudantes apartidários.

Na coluna de Fonseca para o Instituto Millenium<sup>145</sup>, ele tenta diferenciar os

---

<sup>141</sup> DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995. p. 293.

<sup>142</sup> O termo “discurso” que usamos neste trabalho é definido como uma forma de representação e reprodução ideológica. O “discurso” representa um conjunto de ideologias inseridas nele.

<sup>143</sup> IÑIGUEZ, Lupicínio (Org.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Tradução de: Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 311

<sup>144</sup> ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa histórica. Teoria e método. Bauru: Edusc, 2006

<sup>145</sup> O Instituto Millenium (Imil) é uma entidade sem fins lucrativos e sem vinculação político-partidária

estudantes do movimento estudantil de esquerda e os liberais. Ele defende claramente o grupo de sua preferência, os liberais, começando pelos espaços que existem para o debate:

É só nesses espaços que um político ou formador de opinião com pensamento oposto ao do grupo pode ser chamado para debater, criticar as ideias dominantes no meio e ainda ser aplaudido ao fim. Nada de tentar barrar quem quer que seja; nada de achincalhar alguém por ser “golpista” ou “comunista”. De um ponto de vista puramente político, que quer fanatizar o maior número de jovens, pode não ser a postura mais eficiente. Mas se o objetivo é promover uma cultura universitária de diálogo e amplo debate, que privilegia a discussão de ideias e não a censura — enfim, aquilo que uma universidade deveria ser —, eles é que estão na vanguarda. Em vez de reafirmar sua própria superioridade moral e banir o divergente, os estudantes liberais querem aprender, discutir e argumentar. É fácil ser otimista com o que ainda não teve tempo de se corromper. Os movimentos estudantis dominantes hoje adquiriram o caráter antidemocrático e censório em parte porque foram arregimentados por partidos políticos.<sup>146</sup>

A existência de movimentos sociais, por si só, já é uma justificativa para que os movimentos conservadores tomem forma. O que parecia ser uma nova era de manifestações no Brasil, poucos imaginavam que, na verdade, o que estava se criando era um novo tipo de força política, a qual virou uma alternativa à velha política de direita que se apresentava até então.

A nova direita busca legitimar sua posição dominante, ampliando seus mecanismos de expropriações sociais que se estendem desde a vida social até o estado. Com o nascimento dessa nova direita, também nasceram movimentos de direita que se inseriram nos partidos políticos e no movimento estudantil. Assim, esse viés liberal entra em universidades por meio de DCEs, muitas vezes apoiados por professores e reitores, em virtude de seu modelo empresarial de gestão.

#### 4.2.1 Students For Liberty e Os Estudantes Pela Liberdade

O renascimento do movimento liberal,

---

com sede no Rio de Janeiro. Formado por intelectuais e empresários, o *think tank* promove valores e princípios que garantem uma sociedade livre, como liberdade individual, direito de propriedade, economia de mercado, democracia representativa, Estado de Direito e limites institucionais à ação do governo. Disponível em: <https://www.institutomillennium.org.br/institucional/quem-somos/> Acesso em 25 de outubro de 2019

<sup>146</sup> FONSECA, Joel Pinheiro da. **Os Liberais na Universidade**. Disponível em: <https://www.institutomillennium.org.br/artigos/os-liberais-na-universidade/> Acesso em 25 de outubro de 2019.

...tem como uma de suas forças a presença de muitos jovens. Em parte, isso se dá pelo trabalho articulado que os liberais brasileiros têm feito junto ao movimento estudantil nos últimos anos, sobretudo por meio de organizações como o Estudantes pela Liberdade e, recentemente, pelo seu desdobramento, o *Students for Liberty Brasil*.<sup>147</sup>

Já sabemos que o estudante não pode ser encaixado apenas na categoria de revolucionário e de esquerda, mas também pode ser visto como apoiador da direita e, por vezes, nem por política se interessa. Com isso, começou-se a observar, nos anos 2000, a criação de entidades que são ligadas ao movimento liberal e à direita política, como o Estudantes Pela Liberdade, que atualmente, em 2019, é a maior organização liberal de estudantes no Brasil.

O *Students For Liberty* foi formado em 2008 nos Estados Unidos, inicialmente como uma conferência na Universidade de Columbia. Já nesse primeiro evento, superou expectativas dos próprios organizadores e fundadores do grupo, que esperavam não mais que trinta pessoas no evento; no entanto, acabou abrigando mais de 100 pessoas. A partir desse momento, o grupo nunca mais parou de crescer e, atualmente, está presente em mais de 110 países, formando jovens por meio de projetos e programas de coordenadores para empoderar e formar os futuros líderes da liberdade.

Uma organização estudantil que difunde os valores da liberdade e cria uma cultura plural e aberta dentro das universidades: esses são os principais objetivos da EPL. Criada em 2012, foi inspirada no grupo *Students for Liberty*, que tem os seguintes princípios:

Educar jovens sobre a filosofia da liberdade, identificados aqueles que já sejam propensos aos ideários, ensinando-os os princípios da sociedade livre em contraste com a educação tradicional; desenvolver habilidades de liderança entre aqueles que apoiam a 'liberdade'; e empoderar seus membros e antigos membros, provendo-os com recursos, rede, infraestrutura e todo tipo de apoio que precisarem para fazer o mundo mais livre (GOBBI, 2016. p. 59)<sup>148</sup>.

Como os próprios organizadores do EPL definem a sua organização:

<sup>147</sup> Oportunidade internacionais atraem jovens liberais a se filiarem em redes estudantis pró-liberdade. Disponível em: <http://grupodomingosmartins.com.br/blog/oportunidades-internacionais-atraem-jovens-liberais-se-filiarem-em-redes-estudantis-pro-liberdade/> Acesso em 25 outubro de 2019.

<sup>148</sup> GOBBI, D. Identidade em ambiente virtual: uma análise da Rede Estudantes Pela Liberdade. Dissertação (Dissertação em Ciência Política) – UNB. Brasília, p. 126. 2016.

Estudantes Pela Liberdade é uma organização apartidária formada por jovens comprometidos com a promoção, a partir da Academia, de uma ordem social harmônica, justa e livre, ancorada no respeito às liberdades individuais, à propriedade privada e à vida humana. Os Estudantes Pela Liberdade defendem políticas que funcionam: regras de convivência racionais embasadas por fortes evidências teóricas e empíricas que trazem um aumento de bem-estar para toda a sociedade ao mesmo tempo que leva em consideração os direitos de cada indivíduo. Temos por objetivo possibilitar o acesso dos jovens brasileiros às ideias que fundamentam a sociedade livre na qual pretendemos viver.<sup>149</sup>

Como já citado anteriormente, existe uma relação entre a rede dos Estudantes Pela Liberdade e o *Students For Liberty*, mas é interessante desdobrarmos essa rede de relações até outros institutos liberais, que acabam desembocando nos DCEs aqui trabalhados, como é possível verificar na reportagem da Revista Época:

Especula-se muito sobre o papel que organizações internacionais e institutos liberais tiveram na organização da nova direita brasileira. O Instituto Mises Brasil, por exemplo, ajudou a ampliar a biblioteca da direita ao editar as obras de economistas ultraliberais que hoje estampam camisetas de jovens conservadores. A organização americana Estudantes pela Liberdade (SFL, na sigla em inglês), que atua no Brasil desde 2012, funciona como uma rede que congrega grupos estudantis liberais dispersos pelo país. A SFL conta com 1.037 “líderes” em todas as unidades federativas. Eles recebem formação por meio de eventos, palestras e cursos on-line. O cientista político Luis Felipe Miguel, professor da UnB, afirma que não é possível dissociar a proliferação de direitistas nos *campi* universitários da atuação de fundações e institutos liberais que se estabeleceram no país há mais de uma década. “Houve um investimento na formação de lideranças acadêmicas que aconteceu ao mesmo tempo que as políticas afirmativas de democratização do ensino superior. O aumento da diversidade na universidade contribuiu para a emergência de conflitos que estavam adormecidos quando a academia era mais homogênea”<sup>150</sup>.

### 4.3 Os Diretórios Centrais de Estudantes Liberais

Dentro da diversidade política que existe dentro das universidades, o que mais tem chamado a atenção de militantes e pesquisadores são os estudantes liberais que começaram a ocupar o movimento estudantil. A inspiração de muitos grupos liberais do movimento estudantil é a *Students for Liberty*, que defende a ideia

<sup>149</sup> Disponível em: <https://docplayer.com.br/1783284-10-passos-para-ganhar-a-midia-estudantes-pela-liberdade.html>

<sup>150</sup> GABRIEL, Ruan de Souza, AGUIAR Tiago. **A onda liberal chega aos diretórios e aos grêmios estudantis**. Disponível em: <https://epoca.globo.com/a-onda-liberal-chega-aos-diretorios-aos-gremios-estudantis-23321870> Acesso em 25 de outubro de 2019

de uma primavera da liberdade<sup>151</sup>, a qual se espalhou pelo Brasil nos últimos anos e está tirando as universidades da imposição das políticas feitas pelos “esquerdistas”. Indica-se que a maior incentivadora desse viés libertário dentro da universidade é o grupo Aliança Pela Liberdade, que estava inserido na UnB entre 2011 - 2016.

A SFL, por meio uma postagem em seu *site* na *internet*<sup>152</sup>, pontuou seis dicas inspiradas nas gestões do EPL na UnB para que um grupo liberal consiga conquistar uma gestão de DCE:

1. O trabalho da Aliança reflete princípios e valores

A Aliança tem um propósito bem definido: construir uma Universidade de Brasília mais livre, plural, eficiente e de excelência.

A UnB é nossa causa e a nossa casa. A Aliança é grupo de e para os estudantes no qual todos os seus membros acreditam em um conjunto de valores e princípios, dentre eles a supremacia dos direitos e liberdades individuais e o Estado Democrático de Direito.

O grupo acredita que não são os militantes do Diretório ou os burocratas da Reitoria que vão mudar o Brasil, mas os agentes transformadores que a UnB forma. E é justamente por acreditar no potencial desses estudantes que a Aliança trabalha por uma UnB melhor.

2. A Aliança traz resultados

Mais do que debater, falar, discutir, a Aliança coloca os princípios liberais em ação. E com eficiência. Os resultados são palpáveis no dia-a-dia da Universidade. De postes de luz, sala de estudos 24h, posto fixo de agências de estágio, até a presença da PM no campus, os estudantes enxergam o trabalho da Aliança em seu cotidiano.

Resultado ganha voto, o que é bom, mas não é o que motiva o trabalho da Aliança. Por isso, sendo ou não gestão do DCE, a Aliança pensa a si mesma de uma maneira simples e objetiva: um grupo que resolve os problemas que a Reitoria e o governo local não conseguem resolver sozinhos.

3. A Aliança é apartidária. De verdade.

[...]Desde a fundação da Aliança, a oposição sempre nos rotulou de conservadores, coxinhas, juventude do DEM e do PSDB, lacaios do imperialismo e do FMI, etc. E a Aliança sempre respondeu esclarecendo suas regras internas de filiação partidária: é admitido o ingresso de alunos filiados a partidos políticos, mas estes são vetados de participar da gestão do DCE ou de assumir posições de lideranças dentro da Aliança (presidência, vice e representação discente nos conselhos superiores da instituição) com o objetivo de evitar possível conflito de interesse.

[...]É importante deixar claro que um grupo controlado pela juventude de um partido político travestido de liberal e apartidário dificilmente vai se manter a longo-prazo. Pode até ganhar uma ou duas eleições, mas quando

<sup>151</sup> <https://www.studentsforliberty.org/6-dicas-grupo-liberal-sucesso> Acesso em 27 de março de 2019.

<sup>152</sup> POWIDAYKO. Nicolas. **Dicas para o seu grupo liberal ter sucesso no movimento estudantil**

<https://archive.studentsforliberty.org/6-dicas-grupo-liberal-sucesso> Acesso em 22 de fevereiro de 2020.

os interesses do partido e da instituição se sobrepuseram, as ações vão falar mais alto que o discurso. E os alunos não são bobos e percebem isso.

#### 4. Aliança tem regras claras

A Aliança pela Liberdade é mais do que um grupo, um movimento ou uma chapa. É uma instituição com regras claras, estatuto, pesos e contra pesos. Existem normas quanto a ingresso, expulsão, filiação partidária, deveres e direitos e procedimentos que estimulam a participação e coíbem a inação.

#### 5. Os membros já formados continuam ajudando a Aliança

O acompanhamento contínuo por parte de membros mais velhos tem sido crucial para o fortalecimento da Aliança em várias dimensões, de resolução de conflitos à gestão do conhecimento. Hoje, esse acompanhamento é institucionalizado com a formação de um Conselho de Gerontes, ou Gerússia, composto por membros já formados que tenham desempenhado um papel de destaque dentro da Aliança.

A Gerússia tem impedido que erros básicos de posicionamento político sejam feitos, garantido que os valores e princípios da Aliança se mantenham vivos e refletidos nas ações do dia-a-dia e contribuindo financeiramente para as atividades do grupo. [...]Desse modo, os novos membros não perdem tempo aprendendo do início e começam seu trabalho do ponto em que seus antecessores pararam.

#### 6. A Aliança se comunica bem com os estudantes

A Aliança tem conseguido divulgar avisos e novidades com mais velocidade que a própria agência de comunicação da UnB, o que faz com que os estudantes tenham o hábito de seguir a página do DCE no *Facebook* como quem acompanha os portais de notícia. Além disso, a Aliança nutre uma *mentalidade de dono* quanto aos problemas da UnB e comunica rapidamente aos estudantes o que aconteceu e quais atitudes o grupo vai fazer a respeito.

**A receita para que o seu grupo tenha uma estratégia de comunicação eficaz não é segredo.** Basta acompanhar o dia-a-dia da Universidade, saber o que os estudantes estão dizendo e reclamando, ter curiosidade sobre os problemas da Universidade, ir atrás do que se está sendo feito e reportar avanços e entraves com certa frequência. Seu objetivo na escrita dos textos é criar uma identidade visual atraente são extras que ajudam a capturar a atenção dos leitores, mas no fim tudo se resume à seguinte questão: se você passa por um bebedouro quebrado ou escuta um grupo de alunos reclamando que o banheiro está sem papel higiênico, você ignora essas informações ou sente que esses problemas não vão ser resolvidos se você não resolvê-los? (Grifo do Autor)

Dentro do seu discurso, podemos destacar algumas questões, como eles serem “estudantes de verdade”, ou seja, estudantes que não usam a universidade para fortalecer partidos políticos; estudantes que, em vez de ficarem apenas brigando pelo poder, discutem as suas pautas, pois “estudantes de verdade” estudam e não se transformam em estudantes profissionais<sup>153</sup>. Ou seja, na visão desses estudantes, o estudante de verdade não é o estudante da esquerda, pois apoia ocupações e greves, que acabam paralisando aulas e muitos são ligados a

<sup>153</sup> O estudante profissional é aquele que dizem entrar na universidade somente para fazer política partidária e em alguns casos com remuneração de partidos.

partidos políticos:

É importante deixar claro que um grupo controlado pela juventude de um partido político travestido de liberal e apartidário dificilmente vai se manter a longo-prazo. Pode até ganhar uma ou duas eleições, mas quando os interesses do partido e da instituição se sobrepuseram, as ações vão falar mais alto que o discurso. E os alunos não são bobos e percebem isso.<sup>154</sup>

A principal ideia do estudante liberal que entra no movimento estudantil não é a transformação do aluno em liberal, nem uma gestão pautada em ideologia. Seu interesse é que as propostas da chapa sejam pautadas no estudante daquela universidade, pois acreditam que pautar política externa ao movimento não é o papel do DCE.

Um dos principais pontos que se destaca é a ideia do apartidarismo e do apolítico dentro do diretório, sendo o último a base de uma chapa e uma gestão de um DCE liberal:

Esta ideia, da desvinculação partidária das entidades estudantis, não é um fim em si mesma, isto é, o objetivo não é meramente o afastamento dos partidos políticos, mas uma proposta de mudança de foco dos órgãos discentes com priorização da busca por benefícios concretos aos estudantes e defesa da excelência acadêmica como melhor forma de ensino, que é aquele voltado aos interesses acadêmicos e não o que se propõe a defender políticas do Governo Federal ou ideologias de partidos políticos.<sup>155</sup>

O diretório deve ser do estudante e para o estudante. Não deve envolver política, pois, na perspectiva deles, a universidade não tem uma ligação com a sociedade e com as políticas do governo; logo, esses aspectos sociais não influenciaram em nada as decisões que são tomadas dentro da universidade. Esses estudantes também não acreditam que os militantes e a burocracia da universidade vão mudar o Brasil, mas que a mudança no país virá pela formação de agentes transformadores nas universidades.

Outra crítica que os estudantes liberais sempre fazem é apontar a falta de pluralidade dentro da universidade, em virtude do predomínio das ideologias de esquerda, não só por parte dos estudantes como também dos professores, os quais, segundo ele, perseguem alunos liberais. É importante para o movimento

<sup>154</sup> POWIDAYKO, Nicolas. **6 dicas para o seu grupo liberal ter sucesso no movimento estudantil**. Disponível em: <https://www.studentsforliberty.org/6-dicas-grupo-liberal-sucesso> Acesso em 27 de março de 2019

<sup>155</sup> LOPES, Gabriel Afonso Marchesi. **Apartidarismo: Filosofia do DCE Livre toma conta das universidades**. Disponível em: <http://liberdadeufrgs.blogspot.com/2014/04/apartidarismo-filosofia-do-dce-livre.html> Acesso em 28 de março de 2019

reunir todos que consigam dialogar dentro da gestão.

Enfim, para se ter uma boa gestão no DCE, deve-se promover palestras, ser transparente com a prestação de contas, trazer empresas para dentro da universidade – para que o aluno consiga, desde cedo, se inserir no mercado de trabalho ou para ajudar na infraestrutura da instituição – e apoiar as empresas juniores<sup>156</sup>.

De acordo com esse movimento de estudantes liberais, a esquerda se beneficia da desmobilização e da desinformação dos estudantes, então ganha a eleição facilmente, pois, geralmente, os estudantes não têm informação do que um DCE faz no seu dia a dia. A partir disso, veem a necessidade de diálogo com todos os cursos da universidade, até mesmo com a esquerda.

O apartidarismo dentro da gestão não é para excluir estudantes que tenham filiação partidária, mas para não cometerem o mesmo erro da esquerda e deixar as decisões do partido serem maiores que as pautas dos diretórios. Todavia, também existem limites: se todos (ou quase todos) os estudantes que estão na gestão forem de determinado partido ou corrente ideológica, significa que a gestão deixou de ter filiados e agora passou a ser uma gestão filiada, que vai acabar sendo usada para apoiar partido, o que, de acordo com seus integrantes, dentro de uma gestão liberal não pode existir.

Dentre os diversos debates que temos na política brasileira – especificamente dentro do movimento estudantil – insere-se essa polêmica participação partidária nos DCEs. Em contrapondo a isso, vemos o discurso do apartidarismo e do antipartidarismo.

Os estudantes que defendem o apartidarismo dentro do movimento estudantil ressaltam o distanciamento que o movimento deve ter para da política partidária, em que a política tem que ser feita “para frente”<sup>157</sup>. Eles também falam sobre a “ideologização marxista”, com o qual, supostamente, os professores –

---

<sup>156</sup> Uma empresa júnior é uma associação civil sem fins lucrativos, formada e gerida por alunos de um curso superior, cujos principais objetivos são: Fomentar o aprendizado prático do universitário em sua área de atuação; Aproximar o mercado de trabalho das academias e os próprios acadêmicos; Gerir com autonomia em relação à direção da faculdade ou centro acadêmico; Elaborar projetos de consultoria na área de formação dos alunos. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ap/artigos/empresa-junior-o-que-e-e-como-funciona.e3a048ae422fe510VgnVCM1000004c00210aRCRD> Acesso em 26 de março de 2019

<sup>157</sup> O termo que os estudantes utilizam, o “para frente”, tem sentido quando pensamos que no movimento estudantil temos um predomínio da esquerda política, então, eles não vão para nem um dos lados, esquerda ou direita, eles seguem a frente.

principalmente os ligados à área das Ciências Humanas – fazem uma “lavagem cerebral” nos alunos e os transformam em militantes da esquerda.

Nessas organizações liberais, os participantes devem ter em mente a neutralidade política quando vão a algum debate, ou seja: um discurso que não vem de lado nenhum, mas é de uso geral. Isso significa um discurso de pacificação e neutralidade, saindo de discussões políticas. O apartidário se volta para um enfoque exclusivo na necessidade do estudante, sem erguer bandeiras ou se posicionar sobre problemas alheios ao seu local de atuação.

Historicamente, os partidos são instrumento de luta e organização nos espaços ocupados pelos estudantes, que sempre foram, essencialmente, de organização coletiva e de união das diversas bandeiras que os seus integrantes levam. A luta do movimento estudantil, para além do debate de currículos para os cursos, é responsável por nos tornar politicamente ativos e tomar decisões, não só por ele mesmo, mas por todos que ele representa.

Dentro do jogo político de partidários *versus* apartidários, estão os que não conhecem a fundo o movimento estudantil, as disputas e as suas pautas. Esses estudantes acabam reproduzindo o discurso que mais lhes agradam, criando, muitas vezes, um preconceito contra alguma das diversas tendências que existem nos movimentos sociais, sem ter tido uma experiência na práxis, ou, muitas vezes, até mesmo teórica. Acabam por continuar a militância sem evoluir nas discussões políticas, sendo os mais favoráveis ao discurso de um movimento estudantil sem partido.

A pluralidade faz parte do movimento estudantil. Por meio de discussões e diferentes correntes teóricas e políticas, ele deve ser amplo e democrático, mas nunca neutro, pois ele não existe sozinho no mundo: ele é rodeado de classes sociais e de problemas sociais que não podem fugir das suas discussões.

Sendo assim, essa ideia de que uma gestão é apartidária faz uma política de estudantes para estudantes, em que importante é aquilo que envolve somente a universidade. Esse viés de debate, nega, por exemplo, a discussão sobre gênero e de cotas, mesmo que se tenha aceito o nome social ou se tenha a política das cotas dentro da universidade. O problema não desaparece se você “acabar” com ele dentro de uma instituição.

Enfim, esse discurso apartidário, claramente ideológico, precisa ser encarado e debatido politicamente. É preciso, pelo menos, reconhecer que ele exista, assim

como uma diversidade política. Os partidos dentro do movimento estudantil estão lá para um maior debate, razão pela qual não se pode pensar num movimento estudantil desconectado da realidade política. Negar a esses estudantes uma possibilidade de ação política também é negar sua existência como seres sociais.

As manifestações no Rio Grande do Sul, por exemplo, deram maior visibilidades às diversas forças políticas que participaram do movimento, influenciando diretamente as eleições do DCE dentro da UFRGS. Foi a derrota da esquerda no maior DCE do estado para uma chapa liberal, que, surpreendentemente, tinha um slogan apartidário, o que acabou por ser um pedido recorrente durante as manifestações de junho.

No início, o movimento liberal cumpria apenas a função de dar apoio a grupos que estavam desorganizados dentro das universidades; no entanto, mas passado um tempo, começaram a disputar os diretórios e centros acadêmicos das universidades, além do próprio DCE.

Esse grupo entende que a universidade direciona os alunos para ideias e ideais marxistas, socialistas e comunistas, o que restringiria a liberdade dos estudantes que não concordam com essas teorias e pensamentos, os quais acabariam por ser perseguidos e com dificuldade de entendimento com o movimento estudantil da esquerda. Mesmo não tendo concordância com as pautas da esquerda, de acordo com os próprios liberais, nem as pautas da direita e nem as dos conservadores podem defini-los.

O EPL sobrevive pelo apoio de empresas privadas e de doações de pessoas físicas. Apesar disso, dizem não ter vínculo partidário, o que asseguraria sua independência da político-partidária, indo na contramão da política que a UNE adotou desde o governo Lula.

#### 4.3.1 A Aliança Pela Liberdade: a primeira gestão não-esquerdista no DCE da UNB

A Universidade de Brasília, criada em 21 de abril de 1962, apenas dois anos após a criação da cidade de Brasília, atualmente é a maior universidade do Centro-Oeste brasileiro. A UnB foi marcada pela repressão da ditadura civil-militar de 1964, mas mesmo com as inúmeras prisões e expulsões de estudantes e professores, ela sempre resistiu à violência.

Durante cinco anos (2011-2015) a chapa, que em sua primeira eleição se

chamava Aliança pela Liberdade<sup>158</sup>, assumiu a direção do DCE. Referindo-se à APL, *Students For Liberty* afirmou: “a UnB é nossa causa e a nossa casa”<sup>159</sup>.

No primeiro ano da eleição, a APL teve 27% dos votos e derrotou oito chapas de esquerda. No segundo, venceu com 45% dos votos e no terceiro com 54%. Por fim, no quarto ano, levou quase 58%<sup>160</sup> dos votos. De viés liberal, essa foi a primeira vez que o discurso apartidário se elegeu na universidade desde a redemocratização no Brasil. Essa vitória foi conquistada com um discurso conservador e propostas como:

A Implantação de um sistema parlamentarista para o DCE. A ideia é que cada centro acadêmico eleja um representante para compor a “assembleia”; Defesa de parcerias público-privadas na pesquisa acadêmica; Melhoria da infraestrutura da universidade. O projeto envolve a reparação de salas de estudo e de laboratórios e o fornecimento de papel higiênico e de toalhas de papel em todos os banheiros; Criação de um parque tecnológico; Apoio às empresas juniores; Aumento de concessões para a instalação de lanchonetes e de papelarias no campus. Defesa da presença policial na universidade para garantir a segurança da comunidade acadêmica.<sup>161</sup>

No segundo ano da gestão, 2012, todos os integrantes da chapa tinham uma certidão emitida pelo Tribunal Superior Eleitoral que mostrava não terem nenhuma filiação partidária, destacando o apartidarismo da gestão estudantil.

Durante seu primeiro mandato, a gestão Aliança Pela Liberdade pretendia mudar a forma de eleição do DCE: ele seria eleito indiretamente por meio dos membros dos Centros Acadêmicos presentes no Conselho de Entidades de Base (CEB). A chapa seria obrigatoriamente formada por membros dos Centros Acadêmicos, mas que só teriam o poder executivo, pois o poder legislativo ficaria a cargo do CEB, que ainda teria um presidente com o voto de minerva. Nessa proposta, o CEB se tornaria a instância máxima de decisão dos estudantes, e não mais as assembleias gerais de estudantes. Apesar de ter tentado, eles não

<sup>158</sup> A chapa tinha ligação direta com o coletivo de mesmo nome Aliança pela Liberdade.

<sup>159</sup> POWIDAYKO, Nicolas. **6 dicas para o seu grupo liberal ter sucesso no movimento estudantil**. Disponível em: <https://www.studentsforliberty.org/6-dicas-grupo-liberal-sucesso> Acesso em 27 de março de 2019

<sup>160</sup> A cara neoliberal da UNB. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino\\_ensinosuperior/2015/10/04/ensino\\_ensinosuperior\\_interna,501200/a-cara-neoliberal-da-unb.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_ensinosuperior/2015/10/04/ensino_ensinosuperior_interna,501200/a-cara-neoliberal-da-unb.shtml) Acesso em 26 de março de 2019

<sup>161</sup> MAIA, Flávia. **Alunos sem ligação com siglas políticas vencem eleição do DCE da UNB**. [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/10/28/interna\\_cidadesdf,275951/alunos-sem-ligacao-com-siglas-politicas-vencem-eleicao-do-dce-da-unb.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/10/28/interna_cidadesdf,275951/alunos-sem-ligacao-com-siglas-politicas-vencem-eleicao-do-dce-da-unb.shtml) Acesso 28 de março de 2019

conseguiram fazer com que o projeto fosse aprovado.

Para a gestão, o movimento estudantil não saiu da ditadura militar, perpetuando uma disputa entre direita e esquerda, esquecendo o que realmente importa para o movimento: os estudantes e a universidade<sup>162</sup>.

É apontado<sup>163</sup> que a vitória durante todos esses anos se deu pela fragmentação da esquerda na UnB e pelo interesse de estudantes que não tinham nenhum vínculo com a política estudantil. A Aliança pela Liberdade se define como um grupo plural, que aceita a todos que se desejam somar ao movimento.

Apesar de estar fora dos acontecimentos de 2013 a 2016, considerou-se importante mencionar que a chapa “Aliança Pela Liberdade” disputou o DCE em 2018, na tentativa de continuar as gestões anteriores que ocuparam o Diretório. No depoimento abaixo, vemos claramente as preferências da Aliança Pela Liberdade que atua no DCE da UNB desde 2011, a qual, no seu começo, negava qualquer ligação política dos seus integrantes:

Nos últimos anos, outros grupos de alunos autointitulados partidários, pragmáticos e defensores da pluralidade de ideias têm se organizado nas universidades públicas para disputar do controle dos Centros Acadêmicos (CAs) e DCEs. Essas chapas de direita — que reúnem liberais, conservadores e libertários — querem desalojar a esquerda, que costuma ocupar essas entidades e tem um fraco por greves estudantis, ocupações e discussões sobre conjuntura política e a situação da classe trabalhadora nacional e internacional. De modo geral, os grupos de direita dizem não querer debater política no *campus*. Querem encontrar soluções para os problemas das universidades e pensar em alternativas para financiar o ensino e a pesquisa num tempo em que o orçamento universitário anda cada vez mais apertado.<sup>164</sup>

#### 4.3.2 A oposição ganhou a UFRGS: o DCE agora é representado pelo Movimento Estudantil Liberdade!

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem sede na cidade de Porto Alegre-RS, tendo sido fundada, primeiramente, como a Escola de Farmácia e Química no dia 29 de setembro de 1929. Em 28 de novembro de 1934, torna-se a

<sup>162</sup> Primavera dos “sem-partidos” <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,primavera-dos-sem-partido,804192>. Disponível em: Acesso em 28 de março de 2019

<sup>163</sup> Primavera dos “sem-partidos” <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,primavera-dos-sem-partido,804192>. Disponível em: Acesso em 20 de março de 2020

<sup>164</sup> GABRIEL, Ruan de Souza, AGUIAR Tiago. **A onda liberal chega aos diretórios e aos grêmios estudantis**. Disponível em: <https://epoca.globo.com/a-onda-liberal-chega-aos-diretorios-aos-gremios-estudantis-23321870> Acesso em 25 de outubro de 2019

Universidade de Porto Alegre, data considerada oficial pela instituição. No entanto, é apenas em 1968 que ela se torna oficialmente uma instituição federal. A UFRGS é a maior universidade do Rio Grande do Sul.

Na universidade, as eleições para o DCE são feitas anualmente na metade do ano. Então, consideramos o ano de 2010 como gestão, já que ele se encerra apenas em 2011.

Defendendo a transparência, a eficiência e o apartidarismo como os pilares de sua gestão, no ano de 2010, o DCE tem em sua gestão o grupo MEL<sup>165</sup>, entre cujos valores se destaca: a pluralidade e o combate à intolerância em entidades estudantis, a transparência, a excelência acadêmica e a defesa da liberdade como valor universal.

Os liberais da UFRGS são ligados, em sua grande maioria, ao grupo local Clube Miss Rand, parceiro liberal do Clube Farroupilha, de Santa Maria, e do Clube Atlântico, de Rio Grande. O Miss Rand foi fundado em 30 de novembro de 2013 como um grupo de estudos e de debates liberais. Ele tem como objetivo ajudar os integrantes do grupo a acessarem diferentes formas de conhecimento que agregam valor à vida intelectual e empresarial.

Apesar desses preceitos, a gestão passou por graves problemas, com dois de seus membros, que assumiram o controle da entidade e excluíram os que discordavam de suas opiniões. O MEL desaprovou todas as medidas tomadas pelos dois integrantes dentro do DCE, mas não pôde impedir a sua própria destruição perante o movimento estudantil quando um dos integrantes roubou uma quantia de dinheiro do caixa do Diretório. Em 2011, esses dois integrantes do MEL acabaram liderando as duas chapas concorrentes na eleição.

A chapa 2, “DCE Livre”, foi articulada pelo integrante do MEL que roubou o dinheiro do DCE, o qual, posteriormente, foi denunciado por diversas irregularidades. Já a chapa 4, “DCE Livre: O estudante em Primeiro Lugar”, tentava

---

<sup>165</sup> O Movimento Estudantil Liberdade é uma organização individualista, capitalista e meritocrática, de orientação geral liberal-conservadora, que busca a realização dos objetivos nacionais, de valorização do homem brasileiro e de desenvolvimento do país, baseados nas nossas tradições e nos imortais valores inerentes à civilização ocidental, sobretudo no que tange a defesa da Liberdade, o respeito à Propriedade Privada, às Leis, à Ordem e à Democracia, e o reconhecimento do Estado Democrático de Direito. Disponível em: <http://liberdadeufrgs.blogspot.com/p/sobre-o-mel.html> Acesso em 26 de março de 2019.

resgatar as propostas do MEL. Na UFRGS, essa divisão ficou conhecida, respectivamente, como os “fichas sujas” e os “fichas limpas”.

Apesar de a diferença de votos<sup>166</sup> entre a chapa 1, representada pelo PSOL e PSTU, e a chapa 2, ter sido de apenas 64 votos, nenhuma delas conseguiu se eleger.

Nos anos de 2012 e 2013, o MEL novamente tentou disputar as eleições, mas, diferente dos outros anos, dentre as cinco chapas que disputaram o diretório, ficou em último lugar em 2012. No ano seguinte, dentre as quatro chapas, ficou mais uma vez em último lugar.

Em 2014, o diretório volta a ter um discurso apartidário, pois conta uma nominata da chapa que não tem nenhum membro com ligações partidárias ou de coletivos. Nesse momento, o MEL não tem nenhuma ligação com a chapa, mas a apoia, apesar de considerá-la de extrema-direita<sup>167</sup> e a chapa se considerar de esquerda sem extremismo:

Somos independentes: não somos mandados e/ou comandados por quem quer que seja. Somos empreendedores buscando ajudar colegas, não militantes buscando cargos de confiança. Somos experientes na gestão de diretórios acadêmicos, não experientes em politicagem. Somos colegas voluntários para ajudar colegas, não para influenciar colegas com interesses de partido.<sup>168</sup>

Finalmente, em 2015, apesar de não terem alcançado uma vitória, os estudantes liberais conseguiram, agora com uma diferença maior de votos, o segundo lugar nas eleições com a chapa “DCE de Verdade: Nosso partido é o estudante”.

#### 4.3.3 Libertas: o Grupo Farroupilha toma o DCE da UFSM

A Universidade Federal de Santa Maria foi a primeira universidade criada no

<sup>166</sup>GONÇALVES, Anderson. **Vitória do PSOL nas eleições para o DCE UFRGS 2011**. Acesso em: <http://liberdadeufrgs.blogspot.com/2011/11/vitoria-do-psol-nas-eleicoes-para-o-dce.html> acesso em 26 de março de 2019

<sup>167</sup> DCE da UFRGS será comandado por grupo de oposição com discurso apartidário. Acesso em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/11/dce-da-ufrgs-sera-comandado-por-grupo-de-oposicao-com-discurso-apartidario-4342286.html> Acesso em 26 de março de 2019

<sup>168</sup> WEISSHEIMER, Marco. **A vitória da Direita no DCE gaúcho**. Acesso em: <https://www.viomundo.com.br/politica/weissheimer-a-vitoria-da-direita-no-dce-gaucha.html> Acesso em 28 de março de 2019

interior do Brasil, no ano de 1960. Em 1961, foi criada a Federação dos Estudantes Universitários de Santa Maria, o órgão de representatividade dos estudantes. Com o golpe de 1964, os DCEs ficaram sob o controle dos militares e, desse modo, a Federação se tornou, oficialmente, um diretório. Durante a sua história, resistiu à ditadura, lutou por melhorias na infraestrutura da universidade e pelo transporte público de qualidade.

Na eleição de 2014 para o Diretório de Estudantes, quase 100 cédulas de votação que, em vez de estarem marcadas de acordo com a chapa que a pessoa tinha a preferência, elas vieram com a seguinte frase: “a mudança está a caminho”. Essa foi a primeira ação dos estudantes liberais ligados ao Clube Farroupilha dentro da UFSM. Em 2016, a chapa “Libertas” assumiu a gestão do diretório com o lema: “De estudantes, para estudantes”.

O Clube Farroupilha se define como um *think tank*<sup>169</sup> liberal fundado em outubro de 2013 na cidade de Santa Maria-RS. O CF é ligado tanto aos Estudantes pela Liberdade quanto aos *Students For Liberty*, definindo esse contato como uma rede colaborativa apartidária, comprometidos com uma sociedade mais justa e mais livre.

O Clube se propõe a “pesquisar, analisar e difundir os conceitos da filosofia da liberdade, através de um espectro local, até o internacional, com ênfase no estudo do desenvolvimento (e desaparecimento) das ideias liberais, desde a Revolução Farroupilha, até os dias atuais”<sup>170</sup>. Tem sua atuação baseada em cinco valores principais: a) o liberalismo, em que acreditam no respeito à vida, às

---

<sup>169</sup> Os *think tanks* podem ser definidos de modo mais genérico como instituições permanentes de pesquisa e análise de políticas públicas que atuam a partir da sociedade civil, procurando informar e influenciar tanto instâncias governamentais como a opinião pública no que tange à adoção de determinadas políticas públicas. Essas instituições, que podem ser independentes ou associadas a grupos de interesse específicos, costumam atuar como uma ponte entre a academia e demais comunidades epistêmicas e a esfera pública, na medida em que traduzem resultados de pesquisas especializadas para uma linguagem e um formato que sejam acessíveis para implementadores de políticas públicas e para a população em geral. Tendo isso em vista, é possível dizer que, em geral, o modo de atuação dos *think tanks* é pautado por sua localização em um espectro que vai do “profissionalismo politicamente desinteressado” em um extremo ao “ativismo político orientado ideologicamente” em outro, o que altera substancialmente os tipos de estratégias de persuasão e convencimento adotadas por essas organizações para influenciar o processo político de formulação e implementação de políticas públicas. (ROCHA, Camila. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. In: CODAS, Gustavo; KAYSEL, André; VELASCO E CRUZ, Sebastião (org.). Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Perseu Abramo, 2015. p 262)

<sup>170</sup> Quem somos? Disponível em <https://clubefarroupilha.wordpress.com/quem-somos/> Acesso em: 25 de outubro

liberdades individuais e econômicas e no direito à propriedade privada; b) o respeito a opiniões diversas; c) defendem que todos os indivíduos são iguais e possuem o mesmo valor social; d) honestidade intelectual, com a acuracidade dos fatos regidos apenas pela razão; e) inovação de que atuam com empreendedorismo e organizações de atividades sustentáveis.

Durante toda a sua apresentação em seu próprio site, o Clube Farroupilha reitera ser uma instituição não partidária, “que advoga os valores de liberdade propagados pelas cinco escolas do pensamento liberal: Escola de Chicago, Escola Austríaca, Escola dos Direitos Naturais, Escola da Escolha Pública (*Public Choice*) e Escola do Anarco-Capitalismo”<sup>171</sup>.

A escolha do nome “Farroupilha” vem da conhecida “Revolução”<sup>172</sup> Farroupilha, que os fundadores do movimento liberal entendem como o primeiro movimento em direção ao liberalismo do Rio Grande do Sul. Dentro desse espectro, estão a “descentralização do poder, a limitação governamental sobre questões comerciais, a redução de impostos, a liberdade de religião (bem limitada, mas liberal para a época), a abolição da escravatura (entre alguns membros, e dentro de algum período), entre outros aspectos”<sup>173</sup>.

Desde a década de 1980, a esquerda não perdia as eleições do DCE na UFSM. No entanto, em 2016, a chapa 3, Libertas, ganhou as eleições, contando com um total de votos de 2.057 contra os 1.481 da chapa 1 e 1.034 da chapa 2.

Defendendo a transparência, a eficiência e o apartidarismo como pilares de sua gestão, a Libertas foi marcada por casos de racismo por parte dos seus integrantes. Apesar defenderem a pluralidade, não apoiou as ocupações<sup>174</sup> que aconteciam em todo o Brasil.

Como não era permitido ter aula na época das ocupações, em nome do direito de ir e vir, a gestão Libertas procurou furá-las: os cursos de Economia e Ciências Contábeis criaram um movimento à parte, o “Ocupar para não ocupar”, no qual ocuparam o próprio prédio, mas não barraram ninguém de entrar ou sair. Por

---

<sup>171</sup> IBIDEM

<sup>172</sup> As aspas em revolução se fizeram necessárias, pois, apesar do nome ter se popularizado, o movimento foi uma tentativa de separação e independência da então província de São Pedro do Rio Grande do Império do Brasil. A guerra acabou com a assinatura de um acordo político chamado “Poncho Verde” entre as duas partes.

<sup>173</sup> Quem somo? Disponível em <https://clubefarroupilha.wordpress.com/quem-somos/> Acesso em: 25 de outubro

<sup>174</sup> As ocupações das universidades em 2016 tinham como objetivo barrar a PEC 55 que fixava o teto de gastos públicos e investimentos por até 20 anos.

fim, essa gestão entrou com uma ação judicial contra a reitoria da universidade e pediu a reintegração de posse dos prédios, conseguindo, assim, acabar com a ocupação. Ela contrariou a votação de uma das maiores assembleias estudantis que já ocorreu na UFSM, em que a ampla maioria decidiu pela permanência das ocupações. Ou seja, a Libertas desrespeitou essa decisão e a pluralidade dentro do movimento. No ano de 2017, tentaram reeleição, mas sem sucesso.

**Figura 12** - Movimento “Ocupar para não Ocupar”



Foto: Reprodução/RBS TV

#### 4.3.4 Estudantes de verdade: os apartidários na FURG

A Universidade Federal de Rio Grande foi fundada em 20 de agosto de 1968, na cidade de Rio Grande, localizada no sul do Rio Grande do Sul. Já o DCE foi fundado em 21 de abril de 1971.

O Clube Atlântico é ligado a outras associações liberais que têm como sede o estado do Rio Grande do Sul, como o Clube Miss Rand, em Porto Alegre, e o Clube Farroupilha, de Santa Maria. Todos estão ligados tanto ao Estudantes Pela Liberdade quanto ao Clube Mises Brasil. Apesar disso, não conseguiu se organizar tão bem quanto seu parceiro de Santa Maria. Durante as manifestações de 2014, assim como o Clube Farroupilha, o Atlântico defendeu a saída da presidenta Dilma do governo.

Eleita em dezembro de 2015, a gestão do DCE de 2016 era ligada ao Clube Atlântico, que atua não só no movimento estudantil, como também na cidade de Rio Grande. Na sua página do *Facebook*, ela se define como:

Um grupo plural e independente, formado por estudantes que acreditam que o DCE deve servir aos estudantes e não dirigi-los. O discurso único dentro da universidade não agrega, não constrói, não debate e não inova. Por este motivo, temos a plena convicção de que os diversos grupos, coletivos e indivíduos que compõem a comunidade acadêmica continuarão a levantar causas importantes em todas as esferas da realidade. Serão causas múltiplas, diversas, contraditórias. É da pluralidade, das diferenças e do debate que se deriva a beleza da liberdade.<sup>175</sup>

Durante o ano de 2016, a gestão Farol Sul<sup>176</sup> se posicionou a favor do apartidarismo como princípio básico para que um DCE continue funcionando na representação estudantil. Ela defendia o apartidarismo desde a campanha para as eleições, pois o diretório deveria discutir pautas dos alunos, e não problemas de partidos políticos. Exalta a pluralidade de suas gestões e, como propostas principais de gestão tem o incentivo ao empreendedorismo, o aumento da segurança dentro do campus e o alcance da excelência acadêmica, incentivando a produção e a criação de grupos de estudos.

#### 4.3.5 Os Liberais e a esquerda frente aos DCEs

O movimento liberal (representado aqui pelo EPL), durante os últimos anos, cresceu e se espalhando pelo país com um discurso sobre o suposto domínio da esquerda política dentro das universidades públicas, em que os professores seriam doutrinadores e partidos políticos de esquerda cooptavam estudantes para seus quadros partidários.

O crescimento do EPL tem como uma de suas bases o discurso antipartidário dentro das universidades. Partindo do pressuposto de que a academia brasileira seria fortemente dominada pelo marxismo e pelas ideologias de esquerda, o EPL busca disputar este espaço como uma espécie de luta política e ideológica.<sup>177</sup>

Os grupos liberais presentes nas universidades não são completamente

<sup>175</sup> Post compartilhado pela gestão Farol Sul. Disponível em:

[https://www.facebook.com/FarolSulFURG/photos/a.1708685576026549/1713473625547744/?type=3&xts%5B0%5D=68.ARDv6mMM\\_PJ7kxm-0VIlIswesl84btMxyY9rzAySH1\\_QH2CizQ1Eq4og8CqpvU96Gsl36XFOi3jJ1nnyu2KhEeKP7zJGfc34pEZMzIRhcBtWaonWHJVVWefX5BPxuDTiwqC-\\_iy72lqHxc7wiSYS2SAnyGltPi6MWwdAK0sbjwcoljqWI8VUuF9hblwfmTPxWS31Bf-h7za9f2J-5xzg-x1rSNBe650PNenyypC4V6BRkaMgJ3-HVSS5CnOI6w2guajyukgmf1-Dj5S71AvQz7gM6MBR1kDWpicTqwDsuolHUBzd4uWhkL1XE9yA5EnN3-3jvkqiSaMjyqkk\\_k61Zjlb7Kt&tn=-R](https://www.facebook.com/FarolSulFURG/photos/a.1708685576026549/1713473625547744/?type=3&xts%5B0%5D=68.ARDv6mMM_PJ7kxm-0VIlIswesl84btMxyY9rzAySH1_QH2CizQ1Eq4og8CqpvU96Gsl36XFOi3jJ1nnyu2KhEeKP7zJGfc34pEZMzIRhcBtWaonWHJVVWefX5BPxuDTiwqC-_iy72lqHxc7wiSYS2SAnyGltPi6MWwdAK0sbjwcoljqWI8VUuF9hblwfmTPxWS31Bf-h7za9f2J-5xzg-x1rSNBe650PNenyypC4V6BRkaMgJ3-HVSS5CnOI6w2guajyukgmf1-Dj5S71AvQz7gM6MBR1kDWpicTqwDsuolHUBzd4uWhkL1XE9yA5EnN3-3jvkqiSaMjyqkk_k61Zjlb7Kt&tn=-R) Acessado em 26 de março de 2019

<sup>176</sup> Nota de repúdio. Disponível em: <http://dcefurg.blogspot.com/search?updated-max=2016-04-07T09:52:00-03:00&max-results=10> Acessado em 26 de março de 2019

<sup>177</sup> CASIMIRO, op. cit. p. 346.

homogêneos, mas podem ser identificados por algumas características, como o apartidarismo e a defesa de suas posições antimarxistas, que acabaram por tornar o liberalismo numa bandeira de um movimento social.

Os grupos liberais defendem que o estudante de verdade não quer política dentro da universidade, mas quer ações, quer um DCE trabalhando para estudantes de verdade. Como vimos, apesar de termos reeleições de gestões liberais nas universidades, algumas gestões não se mantiveram mais que um ano no Diretório, nem conseguiram se eleger em outras eleições.

Podemos concluir, então, que os estudantes das universidades não se sentem encorajados a votar em eleições do DCE, mesmo com essa variedade apresentada pelo movimento estudantil liberal nas chapas. Assim, pensamos que tanto esquerda e quanto os liberais falham ao tentar chegar no estudante – e não estamos falando apenas do “estudante de verdade”, mas do estudante trabalhador, da estudante que é mãe, do estudante bolsista, do cotista, do estudante que precisa de benefício socioeconômico para conseguir se manter dentro da universidade, etc.

Talvez a proposta seja a mesma: a esquerda precisa se rearticular e se reinventar para ter um diálogo com os estudantes, ao passo que o movimento liberal precisa entender que a universidade é plural, feita de estudantes de diferentes classes sociais e realidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com todos os avanços – quando comparado a outros movimentos sociais –, são poucas as pesquisas sobre o movimento estudantil brasileiro atual. A maior parte da literatura sobre o tema ainda se concentra no golpe militar e na ditadura. Além disso, elas tratam mais sobre a esquerda dentro movimento, deixando em segundo plano o papel dos movimentos liberais, conservadores e reacionários.

Devido à carência de bibliografia (livros, artigos ou trabalhos acadêmicos), utilizamo-nos de diversas fontes jornalísticas não só para nos localizarmos no espaço e no tempo pesquisado, como para termos uma compreensão maior sobre eles a partir das diversas matérias e ensaios para os jornais e revistas.

Talvez o discurso do mito do jovem estudante revolucionário ainda seja forte até dentro do movimento estudantil, já que quase todos os que escreveram sobre o tema participaram dele – fosse ele local, como em Diretórios Centrais e Centros Acadêmicos, estadual, como a União dos Estudantes Estaduais, ou nacionalmente, pela UNE – ou foram influenciados por ele de alguma forma.

Acreditar na rebeldia do jovem e do estudante é sonhar com um movimento que resistiu à ditadura e lutou pelo direito a ter direitos e liberdade, mas que foi acabando à medida que o regime ia sufocando as organizações. Com a redemocratização, conforme aponta a literatura a respeito, o movimento estudantil já não ia mais às ruas lutar por direitos, e isso fica mais evidente no período dos governos petistas (2003-2016).

A esquerda estudantil foi importante – e ainda é –, mas não é só ela que fez a história do movimento estudantil no Brasil. Opositores sempre existiram, portanto, falar só da esquerda é contar apenas uma versão da história e de forma incompleta. Por isso mesmo, neste trabalho, trouxemos não só as visões da esquerda, sejam elas quais forem, como também as visões dos liberais em relação aos acontecimentos de 2013 a 2016.

A hipótese que trabalhamos nesta dissertação é a de que o golpe sofrido por Dilma, em 2016, sofreu a influência de diversos movimentos de direita, inclusive movimento de estudantes, e que isso influenciou na formação do movimento estudantil liberal dentro das universidades federais que compartilharam dos mesmos projetos com os que saíram às ruas em 2015 e 2016.

Com este trabalho, procuramos apresentar o discurso e o viés ideológico do movimento estudantil liberal nos DCEs: como conseguiram se expandir e as pautas que apresentam para atrair os estudantes para seus grupos, e entendemos como se dá a construção de uma gestão liberal para um DCE.

A partir de 1996, com a promulgação da Lei 9.394/96, a ideologia neoliberal está presente dentro das diretrizes e bases da educação nacional, com a exclusão social dos mais pobres. Ela reduz a intervenção do Estado, incentivando o próprio Estado a abandonar suas obrigações com as universidades (Lampert, 2019)<sup>178</sup>. Atualmente, as universidades brasileiras têm sofrido com cortes de verbas e a falta de investimentos, o que faz abrir uma brecha para a expansão do movimento liberal na sociedade e nas universidades brasileiras:

Nesse sentido, o momento atual de desmonte dos direitos sociais, dentre eles a educação e especialmente as universidades públicas, encontra-se umbilicalmente articulado ao enfrentamento da crise estrutural do capital e ao reordenamento do Estado. Esse processo sustenta-se no pensamento conservador junto, inclusive, à classe trabalhadora, resgatado e difundido pelo pensamento religioso, pelo uso das tecnologias digitais e pela tradicional, parcial e alienadora mídia, que produz e reproduz os interesses burgueses.<sup>179</sup>

O discurso que percorreu as ruas e cresceu e se alastrou no país não começou em 2013: ele vem de alguns anos de um discurso neoliberal que está se alastrando por toda a América Latina. Foi nesse processo que os movimentos sociais de direita foram impulsionados.

Junho de 2013 acabou sendo um divisor de lados no movimento estudantil, acompanhando a tendência nacional de divisão entre esquerda e direita. Foi ficando claro o tipo de manifestação que cada lado organizou, quem os apoiou e como os políticos e a polícia lidavam com eles. Casimiro (2016) completa:

[...] o EPL consegue recrutar e mobilizar jovens estudantes para a ação política, primeiramente no interior das escolas e universidades e, posteriormente, nas mobilizações políticas organizadas pela direita no Brasil. É exatamente nesse potencial de recrutamento, produção do consenso e mobilização para a ação política entre os jovens que se encontra o papel fundamental desse aparelho privado de hegemonia para o projeto da burguesia brasileira de reconfiguração do Estado. Dessa forma, o Estudantes Pela Liberdade organiza, financia e estabelece

<sup>178</sup> LAMPERT, Ernani. O Desmonte da Universidade Pública: A interface de uma ideologia. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 20, n. 43, p.04-34, 30 maio 2019. Trimestral. Universidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>179</sup> LUSA, Mailiz Garibotti et al. A Universidade pública em tempos de ajustes neoliberais e desmonte de direitos. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 536-547, Set. 2019. p. 6.

diretrizes de ação, principalmente a partir de seu braço de atuação política e ideológica, o Movimento Brasil Livre, uma organização virtual que se configura como um dos principais grupos convocadores dos protestos de rua da direita, a partir de 2014. [...] Tanto de forma direta ou indiretamente todos estes intelectuais coletivos [...] o Instituto Von Mises Brasil e o Estudantes Pela Liberdade – articulam-se através de distintas e complexas formas, consciente ou inconscientemente, seja por meio da elaboração e execução de um projeto estrutural único; na organização de eventos da agenda liberal (como o Fórum da Liberdade); na replicação de conteúdos ideológicos de doutrinação e recrutamento; outros organicamente a partir de uma origem comum (IL e Instituto Liberdade); ou no compartilhamento de quadros de dirigentes e intelectuais orgânicos. Estamos diante, portanto, de uma frente ampla de ação política e ideológica como um verdadeiro partido.<sup>180</sup>

Vale lembrar que, em 2018, o MBL lançou o MBL estudantil, ou seja: ampliando sua rede para o movimento estudantil brasileiro, eles pretendem atuar diretamente tanto em escolas como em universidades,

em prol de uma educação verdadeiramente livre, lutando por melhorias reais na educação [...] Dando voz ao liberalismo e ao conservadorismo, o MBL Estudantil irá municiar os estudantes que integram o movimento para que eles possam lutar por essas melhorias e contrapor o discurso socialista que é predominante no sistema de educação.<sup>181</sup>

A criação desse novo braço do MBL dentro das universidades só nos faz pensar que junho de 2013, que começou por 20 centavos, ainda não terminou em 2020.

---

<sup>180</sup> CASIMIRO, op. cit. p. 357.

<sup>181</sup> Como Funciona? Disponível em: <https://www.mblestudantil.com/comofunciona/> Acesso em 25 outubro de 2019



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. **Movimento Estudantil e Consciência Social na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 198 p.

ALFONSIN, Betânia de Moraes et al (Org.). As manifestações de junho de 2013, o processo de construção dos direitos de cidadania no Brasil e o direito à cidade. **Revista de Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.71-90, fev. 2015. Anual.

AMÂNCIO, Marina; DE PAULA, Leandro. **A utilização das mídias digitais nas manifestações ocorridas no Brasil em 2013**. 2014. INTERCOM. Foz do Iguaçu. P 11.

ANDIFES. 2018. **V Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais e ensino superior brasileiras**. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE). Uberlândia, 2018.

BARROS. Antonio Teixeira; MARTINS, Lúcio Meireles. Impactos do Parlamento Jovem Brasileiro na motivação e participação política partidária. **Revista Debates**, Porto Alegre. v. 10. 2016. p 97

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 135.

BORBA, Maria; FELIZI, Natasha; REYS, João Paulo (Org.). **Brasil em Movimento**: Reflexões a partir dos protestos de junho. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. p. 445.

BRENNER, Ana. Karina. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários. 2011. 303 f. Tese (Doutorado Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2011.

BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. Aurora: **revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.7, n.21, p. 99-129.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A Nova Direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980 - 2014)**. 2016. 479 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016.

- CHAGAS, Samuel Britto das. **Concepção e Papel do Movimento Estudantil: uma reflexão necessária**. Belo Horizonte: [s.n], 2013.
- CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1980. 126 p.
- CODAS, Gustavo; KAYSEL, André; VELASCO E CRUZ, Sebastião (org.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Perseu Abramo, 2015. p 262
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995. p. 293.
- EISENBERG, José. A democracia depois do liberalismo: ensaio sobre ética, direito e política. Rio de Janeiro: **Relume Dumará**, 2003.
- EVANGELISTA, Daniel Fassa. **Manifestações de Junho de 2013 em São Paulo: Um olhar a partir dos paradigmas da mobilização de recursos e dos novos movimentos sociais**. 2015.149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.
- FERRARO, Karina. Perin. **Movimento Estudantil, gestão democrática e autonomia na Universidade**. 2011. 209 p. Dissertação (Pós-graduação em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.
- FORACCHI, Marialice. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977
- GALVÃO, Andréia. Marxismo e movimentos sociais. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 32, p. 107-126, mar. 2018.
- GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praça dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 157.
- \_\_\_\_\_. **Teoria dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 1997. p. 347.
- GROPPO, Luís Antônio. **Autogestão, universidade e movimento estudantil**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 131.
- IÑIGUEZ, Lupicínio (Org.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Tradução de: Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 311
- LAMPERT, Ernani. O Desmonte da Universidade Pública: A interface de uma ideologia. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 20, n. 43, p.04-34, 30 maio 2019.

Trimestral. Universidade do Estado de Santa Catarina

LUSA, Mailiz Garibotti et al. A Universidade pública em tempos de ajustes neoliberais e desmonte de direitos. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 536-547, Set. 2019.

LUIZ, Luciano Henrique de Tarso. **Os impactos do neoliberalismo no ensino superior privado no Brasil**. 2013. 81 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

LUZ. Anderson Cavalheiro. **As manifestações políticas em junho de 2013 no Brasil: análises que polarizam as redes de internet**. 2015. 169 f. Dissertação (Pós-graduação em Política Social) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

LUZ. Tiago Pires Fidelis da. **Não vai ter Copa ou não vai ter protesto?: estudo acerca de dois protestos distintos contra a Copa do Mundo em Porto Alegre**. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) - Faculdade de Direito. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2016.

MARICATO, Ermínia et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 110.

MARQUES, Camila; LIMA, Julia (Org.). **As ruas sob ataque: protestos 2014 e 2015**. São Paulo: **Article 19**, 2015. 195 p.

MESQUITA. M. R. **Identidade, cultura e política: os movimentos estudantis na contemporaneidade**. 2006. 377 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MITTMANN, Solange. (org.) **O Discurso na Contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 133-144.

MORAES, Alana *et al.* (Org.); **Junho: potência das ruas e das redes**. 1a Edição; Friedrich, Ebert, Stiftung; São Paulo, 2014, p. 18.

MUHALE, Miguel Joaquim Justino. **Lutar, criar poder popular: uma perspectiva etnográfica do Bloco de Lutas pelo Transporte Público em Porto Alegre/RS**. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Rio Grande do Sul,

OLIVEIRA, Diego Batista. **Vem Pra Rua e Movimento Brasil Livre: uma análise marxista dos “movimentos de classe média” sob os governos de Dilma Rousseff (2015-2016) e Michel Temer (2016-2018)**. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Centro de Letras e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2016.

PAULA, Gil César Costa de Paula. **A atuação da União Nacional do Estudantes- UNE: do inconformismo à submissão ao estado (1960 a 2009)**. 2009. 387 f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação - Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2009

PAULA, Lucas Silva de. **Movimento Estudantil brasileiro contemporâneo: o resgate do legado histórico, os novos desafios e estratégias**. 2016. 12 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; LERNER Celina. **A direita na rede: mobilização no impeachment de Dilma Rousseff**. Debate, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.12-24, abril 2018

PEREZ, Olívia Cristina. **Juventude Universitária e Política: A descrença nas instituições parlamentares e o crescimento dos coletivos**. 2018. Disponível em: <[https://www.academia.edu/38927059/JUVENTUDE\\_UNIVERSIT%C3%81RIA\\_E\\_POL%C3%8DTICA\\_A\\_DESCREN%C3%87A\\_NAS\\_INSTITUI%C3%87%C3%95ES\\_PARLAMENTARES\\_E\\_O\\_CRESCIMENTO\\_DOS\\_COLETIVOS?email\\_work\\_card=view-paper](https://www.academia.edu/38927059/JUVENTUDE_UNIVERSIT%C3%81RIA_E_POL%C3%8DTICA_A_DESCREN%C3%87A_NAS_INSTITUI%C3%87%C3%95ES_PARLAMENTARES_E_O_CRESCIMENTO_DOS_COLETIVOS?email_work_card=view-paper)>. Acesso em: 20 fev. 2020.

PERONDI, Mauricio. **Outono Brasileiro: a participação de jovens nas manifestações populares de 2013**. In: ALAS, 15., 2015, Costa Rica. p. 1 - 8.

PINTO. Céli Regina Jardim. **A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015)**. Lua Nova, São Paulo. p. 119-153, 2017.

PINTO, José Marcelino de Rezende. **A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, n. 8-9, p. 77-96, ago. 1995.

POERNER, Arthur José. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes desde o Brasil-Colônia até o Governo Lula**. Rio de Janeiro: Booklink, 2004. p. 342.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014, pp. 47-122.

REIS, Alessandra Martins dos. **O sentido do movimento estudantil contemporâneo pela voz dos estudantes de saúde**. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Priscila Alves. **A crise de representatividade do movimento**

**estudantil. 2013.** 54 f. Monografia (Especialização em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SAES, Décio. Raízes sociais e o caráter do movimento estudantil. **Cara a Cara**, Petrópolis, ano 1, n. 2, p. 189-196, 1978.

SANTOS, Vivian Carolina do Carmo. **Juventude e política:** jornadas de junho e manifestações em Brasília. 2015.47 f. Monografia (Bacharelado) - Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos estud.** - CEBRAP, São Paulo, n. 97, p. 23-40, Nov. 2013

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do lulismo:** reforma gradual e pacto conservador. São Paulo, Cia. das Letras, 2012. 276 p.

VECHIA, Renato Da Silva Della. **Movimentos sociais e movimento estudantil.** Sociedade em debate, Pelotas, v.00, n. 18, p. 31-54, jan./jun. 2012.

VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.) **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, 304 p.

VIEIRA, Aiane de Oliveira. Crise política e impeachment: uma análise dos efeitos da cobertura midiática na deposição de Dilma Rousseff. *Perspec. Dial.: Rev. Educ. e Soc.*, Naviraí, v. 4, n. 8, p. 4-26, jul. - dez. 2017

ZANINI, Heithor. **O ano em que a esquerda perdeu as ruas:** crise do governo Dilma em 2015. 2016. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília. Brasília, 2016

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. O acontecimento do discurso na contingência da História. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso.** Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 1999, p. 325